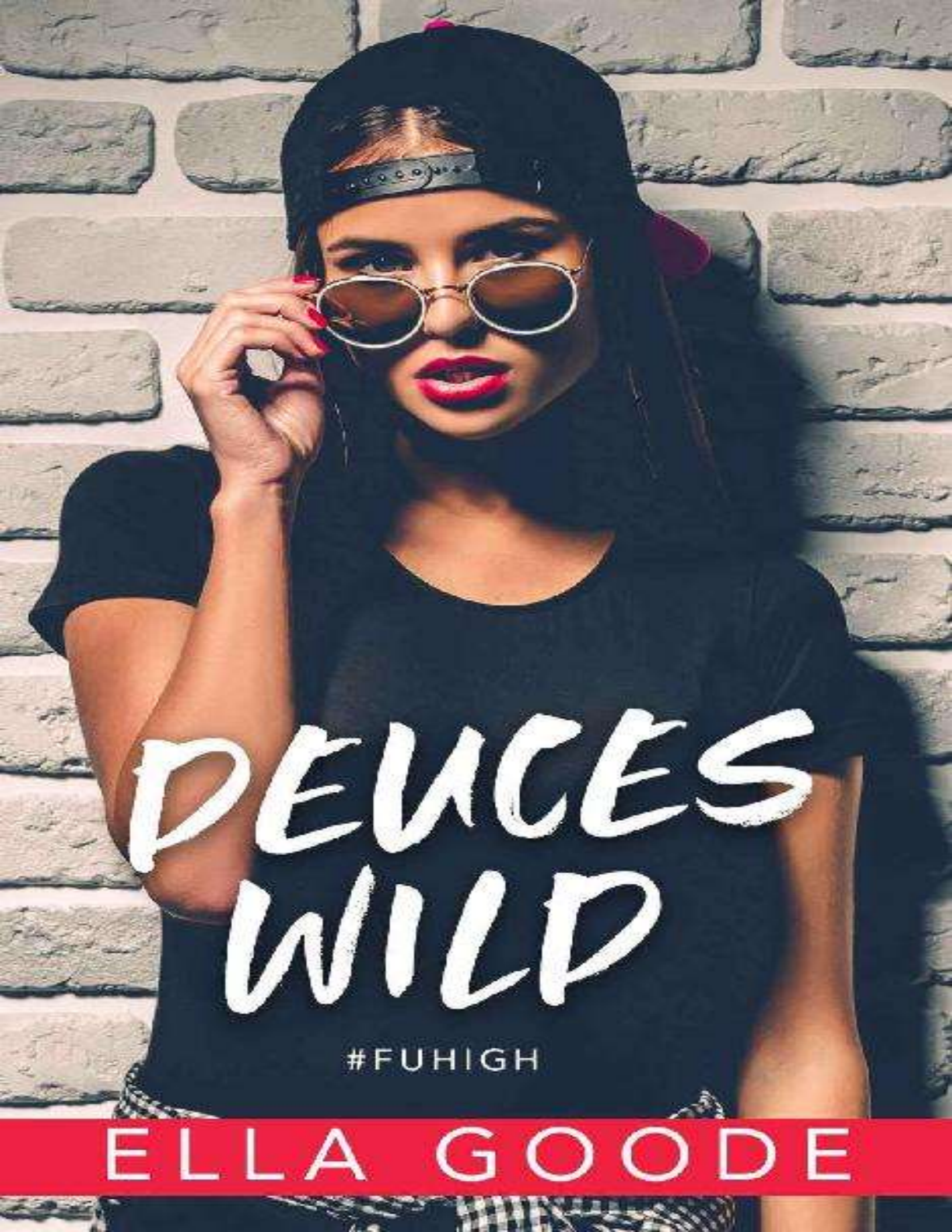

DEUCES WILD
#FUHIGH
ELLA GOODE


GIRL
PWR
Books

Moderadoras

Meghan Williams, Jess Eagle , Kammy B. , Ana Ruiz

Tradução: LeBlanc

Revisão: Cláudia Portugal

Leitura final: Kah Girl , Girl Bitch

Conferencia: Fran

Formatação: Ana Ruiz

Disponibilização: GIRL POWER BOOK'S

2020



Todo mundo acha que *Carter* é um idiota, até mesmo seus companheiros do time de futebol. O cara leva o vestiário como se estivessem no **serviço militar, carrancas para** todos dentro e fora do campo, e nunca, nunca socializa com qualquer pessoa em **FU High.** Se Mallory soubesse disso, talvez não se tivesse escondido em seu carro naquela noite depois do jogo **Championship** mas ela estava em fuga e foi o primeiro carro que se deparou que estava destrancado. **Mas** ela não sabia e agora Carter não vai deixá-la sair.

Ele diz que **ela é uma trabalheira**, mas cada vez que o problema vem por aí, Carter é o primeiro a defendê-la. Para um cara que diz que odeia as **pessoas, com certeza** é bom para Mallory. Ela não sabe o que fazer com ele, ou ele. Ele é um curinga, mas**, em seguida, novamente**, também Mallory é. Talvez os dois estejam destinados a ficar juntos. Carter **parece pensar** assim.



Capítulo Um

Carter

— Não posso acreditar que a temporada de futebol acabou, — comenta Fast, seu braço pendurado sobre sua namorada, cujo nome não me incomodo em lembrar. Os dois estão ligados no quadril, quase literalmente. A única vez que vejo Fast por si mesmo é no vestiário e mesmo isso só acontece porque ele acha que somos todos quentes atrás dela. Não poderia estar menos interessado. Se não é sobre futebol ou o meu carro ou o outro hobby que tenho que ninguém merece saber, então não é importante.

— Estão vindo todos para o meu lugar, certo?, — Grita Ben. — Exceto você, Carter. Não estou esperando você.

Ele diz com aquela esperança anexada no final como se fosse de repente mudar e subir no carro com um desses caras. Os confetes da celebração pós-campeonato sob meus pés enquanto deslizo silenciosamente em direção ao meu carro. Já fui anfitrião de várias festas, mas não gosto. Fiz isso para manter um olho sobre os caras, mas a temporada acabou. Podem fazer o que quiserem. Não dou mais a mínima.

— Carter, homem, vamos lá. É o nosso último jogo juntos. Devemos ter pelo menos uma cerveja.

— Tenham um grande momento. Sintam-se à vontade para me enviar a conta das bebidas.

Um enorme grito de aplausos enche o estacionamento.

— É o mínimo que poderia fazer, cara, — alegra-se Josh.

Ergo meu dedo do meio para cima e continuo caminhando. O carro abre-se quando me aproximo. Meninas? Quem precisa delas quando você tem um motor de 325 cavalos sob o seu controle? Lanço minha bolsa no banco de trás praticamente inexistente e estou prestes a subir para o assento do motorista quando ouço um grito abafado.

— Que porra é essa? — Clico o aplicativo de lanterna no meu telefone e movo-a para a parte de trás. Um par de olhos assustados aparece por meio segundo antes de uma mão surgir para proteger da luz. — Quem diabos é você?

Ninguém, e quero dizer nem mesmo a minha avó, que é provavelmente a única fêmea de valor em todo o planeta esquecido por Deus, senta-se no meu carro. Uma vez tive uma supermodelo com cerca de trinta milhões de seguidores que rastejou no banco do

passageiro pensando… - quem diabos sabe o que ela estava pensando? Foi um movimento parvo, porque tinha seus guarda-costas a transportar sua bunda para fora imediatamente, ameaçando expor à imprensa que ela ainda tinha pó branco preso a seu nariz. Os paparazzi tiraram uma foto e ser arrastada por seus próprios empregados é a imagem superior quando você pesquisa o nome dela. Bem feito por tocar meu bebê, que é por isso que estou quase maluco que uma outra idiota teve a audácia de entrar em meu carro e esfregar seu corpo suado e mal cheiroso por todo o interior de couro personalizado. Chego para baixo e viro o assento do carro frente a frente.

— Fora.

— Espera. Posso explicar — ela começa, lutando em uma posição sentada, ainda cobrindo o rosto. Vejo uma T-shirt caindo na metade de seu ombro e me pergunto se está tentando me seduzir. Não vai funcionar.

— Olha como não dou a mínima para a sua explicação? Não me importo se você estiver fugindo de um namorado abusivo ou da polícia. Não sou o tipo de cavaleiro branco. Sou do tipo que dá a sua bunda gorda um chute, mesmo quando você já está para baixo, assim que sair do meu carro.

— Não.

A rejeição abrupta me surpreende em silêncio por um segundo.

— Sim, isso não é aceitável. Saia.

— Não.

Bato com meus dedos sobre o capô do carro. Não sou um fã de colocar as mãos em uma mulher. Meu pai é um idiota, mas até mesmo ele teria condenado desprezível ato. Minha avó subiria de seu leito de morte e me bateria na cabeça com sua bengala e depois me derramava seu mijo quente pelas minhas costas - por isso não posso exatamente alcançar e arrastar esta menina para fora. Pior, acho que ela porra sabe disso.

— Vou dar-lhe uma centena de dólares para sair agora.

— Dez mil.

— Desculpe?

— Você me ouviu. Dez mil dólares em uma bolsa preta. Notas pequenas, não-sequenciais.

— Acha que carrego por aí dez mil em notas pequenas, não sequenciais? — Pasmo para ela.

Ela encolhe os ombros, ainda mantendo as mãos para cima para bloquear a luz, ou talvez para bloquear meu ponto de vista dela.

— Não é problema meu se não o fizer. Estou bem no banco traseiro de seu carro. Você é o único que quer me tirar e está oferecendo para me pagar. Estou lhe dizendo o preço. Não é a maneira como o mundo funciona?

Essa última parte sai amarga. Realmente amarga.

— Ei, Carter, algo errado com seu carro? — Giro ao redor para encontrar Fast atrás de mim. Sua namorada está esticando o pescoço, tentando espionar a situação. Bato a porta do carro.

— Não. Nada está acontecendo aqui. Estava apenas colocando a minha merda à distância. Divirtam-se na festa.

— Existe um animal em seu banco de trás?, — A namorada pergunta. — Acho que vejo algo em movimento.

— O que está acontecendo? — Pergunta Ben.

— Seu carro quebrou? — Josh vem perguntar.

Em breve, metade da equipe está reunida ao redor.

— Não há nada para ver aqui. Literalmente. — Aceno para os mandar embora, mas ninguém se move.

— Tem certeza? Quer dizer, se está com medo de um animal, não há nenhuma vergonha em pedir ajuda, — a menina silva.

Não admira que nunca aprendi o nome desta menina. Ela é irritante. Envio um olhar na direção de Fast, mas está muito ocupado olhando com adoração para ela para perceber que quero que os dois desapareceram. Porra de Jesus Cristo. Vou ter que afastar com essa... pessoa na parte de trás do meu carro. Por que as pessoas não podem me deixar em paz? Por que isso é pedir demais? Você pensaria que queria me livrar de um cadáver com base no número de pessoas no meu negócio.

Olho por cima do ombro e com base nas formas no banco de trás, parece como se meu passageiro indesejado se escondeu sob a minha jaqueta e bolsa de ginástica. Com um enorme suspiro, rodo a chave para abrir a porta, empurro o banco do motorista para trás e entro.

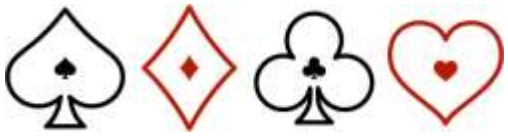
— Veja, nada de errado com o meu carro. Obrigado pelo seu interesse. Agora, boa noite.

Bato a porta do carro, aperto o botão de arranque e saio para fora do estacionamento, cuspindo cascalho solto atrás de mim.

— Não se sente ou vou expulsá-la no trecho mais deserto da estrada que puder encontrar.

— Será que algum animal morreu no seu rabo ou você é sempre este idiota? — Ouço de debaixo da minha jaqueta.

Enrolo meus dedos em torno do volante e digo a mim mesmo que o assassinato é, infelizmente, ainda ilegal em todos os cinquenta estados.



Capítulo Dois

Mallory

Meu coração bate no meu peito enquanto tento manter minha respiração controlada. Aprendi que, se você parecer fraca, é quando um animal ataca. Não tinha ideia, quando escorreguei para este carro esportivo de luxo, que seria da propriedade de um super idiota. Deveria ter procurado saber melhor. Foi mal. Estou acostumada a lidar com homens como ele. Idiotas, isto é. Obviamente, atraio-os em todas as esferas da vida. Acho que é um hábito que herdei da minha mãe. Se essa é a única coisa ruim que tenho dela, vou me considerar sortuda. A última coisa que jamais iria querer era ser como ela. É por isso que estou atualmente dormindo em um carro. Meu desespero chegou a um nível totalmente novo.

Além disso, o fato de que o carro estava desbloqueado deveria ter sido um aviso. Me mostra que ele é tão seguro de si mesmo que nem sequer teme deixá-lo dessa forma. Assumiu que ninguém iria mexer com ele. Provavelmente, porque todo mundo por aqui sabe o gigante idiota que é. Deveria ter me mantido em movimento, mas meus pés estavam me matando. Só ia dormir por algumas horas.

Pensei em ter uma soneca e ir embora antes que o proprietário voltasse. A parte traseira do carro parecia uma boa ideia na altura, então me esgueirei. O pequeno espaço em que me escondi bem no estacionamento ocupado. Também ajudou toda a área ser pouco iluminado, saberia se houvesse um problema, poderia facilmente gritar e a ajuda estaria próxima. Tudo parecia fantasia por aqui, então tenho certeza que é uma área um pouco segura. É por isso que me aventurei em toda as faixas para esta parte da cidade para começar. Realmente não me importo onde dormiria enquanto estivesse segura. Eventualmente, vou voltar em meus pés e ser capaz de dar ao luxo de dormir em algum lugar com uma cama. Agora não tenho esse luxo, mas tenho a esperança de que o dia virá.

Estava sem dinheiro, sem ter para onde ir. Pensei que encontrar uma agradável área da cidade seria um bom começo. Isso foi o mais longe que o meu plano chegou. Agora parece que poderia estar em mais problemas com esse cara, que é claramente um completo pau na bunda, do que o cochilo no seu carro desconfortável valeria a pena. Não tenho tempo para esse cara que pensa que é melhor do que eu. Ele não precisa dizer isso. Posso sentir seu julgamento. Sua falta de cuidados com ninguém, além de si mesmo, e seu carro é claro.

Não deveria ferir meus sentimentos, mas faz. Estou acostumada com as pessoas me tratando mal, até agora. E essencialmente uma outra pessoa atirando-me para fora. Se não for minha mãe me querendo fora para a noite, porque está tendo um encontro para chegar, então é um gerente de hotel, porque não tinha o dinheiro para pagar por outra noite, a menos que quisesse pagar em outro tipo de caminho. Sempre fui chutada para o meio-fio de uma forma ou de outra. Realmente espero que esse cara não é um pau grande o suficiente, para realmente me deixar encalhada no meio do nada. Minha fobia do escuro é aquela que poderia ter me desligado completamente e isso não é algo que posso fazer no meio do nada. Empurro esses pensamentos para o lado. Não há nenhuma maneira de deixá-lo me lançar para fora do carro no meio do nada.

Ouço Deuce, como agora apelido ele, amaldiçoar do banco da frente, quando sai para fora do estacionamento. Acho que ouvi as pessoas chamá-lo de Carter, mas o número dois é rebocado em suas costas. Entre isso e o saco, que praticamente jogou em mim, acho que é um jogador de futebol. Tomo uma respiração profunda, tentando me acalmar. Sei que vou ter mais palavras com Deuce no futuro próximo e não posso deixar o meu medo aparecer. Com o canto do meu olho, vejo uma barra de chocolate meio comida em sua bolsa e lambo os lábios, pensando sobre a última vez que comi. Meu

estômago aperta com fome. É evidente que ele não vai comê-lo porque quem só come meia barra de chocolate? Meus olhos passam dele para a barra de chocolate de novo, tentando decidir se deveria enfiar toda essa gostosura em minha boca.

Acho o inferno e decido que vou comê-la. Qual o pior que pode acontecer? O homem já disse que está me deixando cair fora no meio do nada. O que não está acontecendo, só assim somos claros. Tomo a barra de chocolate para fora do saco parcialmente aberto e como-o em duas mordidas rápidas. Acho que deixei escapar um pequeno gemido, quando a primeira mordida da combinação de caramelo de amendoim achocolatado bate minha língua. Fecho meus olhos por um momento depois que engoli a segunda peça, tentando saboreá-la por tanto tempo quanto pude.

— Você acabou de comer a minha barra de chocolate porra?

Meus olhos se abrem e aborrecimento imediatamente passa a residir dentro de mim. Diz como se tivesse acabado de matar alguém dentro de seu carro de luxo. Talvez haja uma regra de alimentos no carro. Não ficaria surpresa, tenso como esse cara é. Provavelmente tem tudo limpo e arrumado. Não fui eu que trouxe a barra de chocolate. Estava em sua bolsa. O carro balança, fazendo uma parada dura. Escorrego para a frente, a cabeça batendo no assento

na minha frente. Tento evitar e luto contra um gemido, não querendo que saiba que estou com dor.

Outra rodada de palavrões vem de Deuce antes de estar sendo puxada do carro. Respiro um pequeno suspiro de alívio quando vejo que estamos em um estacionamento inundado de luz. Deixo-o terminar de me guiar para fora do carro, porque parece seguro aqui. Pelo menos não estamos no meio do nada. Minha mão cobre parte do meu rosto. Fico olhando para seu peito largo. Não percebi o quão alto é. Me concentro no número dois que é exposto na minha cara.

— Deixe-me ver.

Balancei minha cabeça. Ele pega meu cotovelo para remover a minha mão, mesmo assim e, por instinto, recuo. Sua mão para no ar e não faz outra tentativa para mim.

— Eu poderia chamar a polícia.

— Por comer seu Snickers?

— Por arrombar o meu carro.

— Ele estava destrancado, — Atiro de volta. Minha cabeça lateja mais. Será que realmente bati com tanta força ou é uma

mistura de falta de sono e fome? De qualquer maneira, estou começando a sensação de desmaio.

— Não significa que pode apenas rastejar e sentir-se em casa.

Casa. A simples palavra ativa os chocalhos na minha cabeça. Alguma vez pensei em qualquer lugar sendo casa?

— Chame a polícia. Pelo menos vão me alimentar e me dar um lugar para dormir esta noite. — Desta vez é ele que tem tremores. Não me importa neste momento; é a verdade.

— Entre no carro, — exige.

— Você é um idiota. Talvez não queira voltar em seu carro para que possa me atacar novamente. — Deixei minha mão cair longe do meu rosto.

— Não fui eu que a assaltei. Eu...— Para de falar quando seus olhos travam com os meus. Passamos para a frente do seu carro. Os faróis, juntamente com as luzes do estacionamento torna mais fácil de ver um ao outro. É claro que ele é bonito. Não é de admirar que é um idiota arrogante.

— Entre no carro, — diz, novamente.

Balancei minha cabeça. Ele enfurece-se, passando a mão pelos cabelos, quase puxando por ele. Parece mais frustrado do que quando me encontrou em seu carro, em primeiro lugar. É realmente bonito. Ainda mais quando fica perturbado. Vou ter de me lembrar disso.

— Por favor. — A palavra sai grossa. É como se nunca tivesse que dizer isso antes e lhe deixa um gosto ruim na boca. Posso dizer que levou tudo nele a pronunciar essa palavra.

— Bem. Mas quero um Taco Bell. — Dirijo-me de volta para seu carro. Não sei como ele fez isso, mas bate a porta do lado do passageiro para abri-la para mim. Então, é um idiota arrogante que ainda é um cavalheiro.

— O meu nome é Carter, — me informa.

— Muito tarde. Já fui chamando você de Deuce.

Olha para mim, como se fosse louca e aponto para a sua camisa.

— É Carter, — diz, novamente.

Dou de ombros.

— Ok, Deuce. — Assisto sua mandíbula endurecer. Ele odeia. Perfeito. Há apenas uma maneira de vencer um idiota em seu

próprio jogo. Seja um idiota maior. Odeio fazê-lo, porque não gosto de jogar jogos, mas aprendi cedo na vida, às vezes você tem que jogá-los para sobreviver.

— Vai me dizer o seu nome? - pergunta.

— Não. — Pego a porta que está segurando e a fecho, antes que possa fazê-lo para mim. Vi-o bater em torno da frente do carro. Todo o seu metro e noventa e três de seu carro bonito. Se tivesse que adivinhar a sua altura, diria que estou muito perto. Ele não é bonito. Estava enganada quando o descrevi antes. Ele é muito bonito. O tipo de cara que você vê nas revistas.

— Onde mora? Vou levá-la para casa , — oferece.

— Taco Bell, — repito.

— Você não vive no Taco Bell.

— Apenas me deixe sair lá. — Suspiro. Ele olha para o banco de trás, os olhos indo para a minha mochila e saco antes de olhar para mim. Seus olhos vagueiam sobre mim. Meu corpo se aquece quando ele me olha. Afasto esse sentimento para baixo imediatamente. Não estou em um lugar para sequer pensar em um homem assim. Especialmente aquele que é um pau.

— Faço tacos melhores, — diz ele quando sai para fora do estacionamento, indo na direção oposta do Taco Bell. Ou pelo menos o que eu conheço. Não disse nada para isso. Permaneço em silêncio, enquanto observo a paisagem através da janela. Estou curtindo o silêncio. Coloquei uma fachada dura para Carter, mas por dentro sou frágil. Minha cabeça está latejando e minha ira está crescendo a cada segundo. O mundo não tem sido o mais amável para mim, mas isso não é problema dele. Bem, não foi até que entrei no carro.



Capítulo Três

Carter

— Não posso acreditar que estou a caminho de cozinhar a porra de um taco, a esta hora, para alguma garota aleatória, que decidiu que estava bem em comer a minha comida e dormir em meu carro. — Agarro um saco de alface em cima do balcão. Felizmente para a Waif (garota perdida), tacos são um dos cerca de cinco alimentos que como.

— Eu lhe disse para me deixar no Taco Bell, não para fazer um Taco Bell, — está sentada em um dos bancos da bancada. Está usando a minha camisa velha de prática que está quase a engolindo. Posso ver a cabeça, um monte de sua garganta e então nada, por isso não deveria me aquecer e meu pau não deveria estar endurecido em um meia haste, mas está. Culpo a adrenalina pós-jogo.

— Não pode ficar em um restaurante. — Rasgo o saco e despejo a alface picada em uma tigela. Fora da minha tigela de produtos, pego dois tomates e começo a cortar.

— Parece um restaurante aqui. — Ela pula fora do banco da bancada e vaga até a janela com vista para o parque de

estacionamento. — Você tem um estacionamento inteiro lá fora. Há um, dois, seis portas de garagem. Quantas pessoas vivem nessa coisa que você chama de casa? — Aponta para o edifício principal de tijolos Túdor com quinze mil pés, que meu pai tinha construído para a minha mãe, após seu segundo novo casamento. Até hoje, não estou certo se ele a presenteou como uma maneira de se desculpar ou afastá-la, porque só passaram algumas noites antes de voar para Paris. Está atualmente na Grécia, penso eu, com seu último amante, algum duque ou príncipe ou algo assim. Ele é cerca de dois anos mais velhos do que eu. Encontros familiares são impressionantes. Esmago a minha faca contra os tomates muito duro e tenho que pegar um novo. Estou fazendo tacos, não salsa.

— Há quatro pessoas na casa.

— Quatro. — Ela pasma. — Em uma casa tão grande? Por que vive neste lugar então? — Acena a mão em direção ao interior do meu loft que se estende através de uma de duas garagens.

— Porque sou um adulto.

— Você é um estudante do ensino médio.

— Tenho dezenove anos, que é um adulto. — A idade não importa para determinar a idade adulta. Há pessoas em seus

quarenta anos, como minha mãe, que não são adultos. E então eu existo, que cuidei de mim, desde que poderia amarrar meus próprios sapatos. Atirei os tomates picados em outra tigela e voltei à carne. Está quase pronto. — Sabe como funciona um microondas?

— Não sou atrasada, — grunhe, puxando-se longe da janela e voltando para a cozinha.

— Você se parece com isso, — retruco. É uma coisa boa que estou em pé na frente do fogão, para que não possa ver como meu corpo está respondendo a ela em minha camisa, porque caso contrário saberia que estou mentindo. Se o meu tesão não desinchar, vou ter que queimar-me intencionalmente na panela ou alguma merda assim. Não estou acostumado a isso. O meu pau não reage a menos que eu queira que reaja. Ao contrário de outros caras, não deixo meu pau tomar decisões por mim. Estou no comando. Olho para baixo, para a protuberância em meu moletom. *Concentre-se, Carter. É uma menina. Você já viu as meninas antes. Já viu as meninas em biquínis e saias curtas e sem roupa. Uma menina vestindo camisa não deve levar sua pressão arterial para cima.*

— Eu disse quanto tempo quer que coloque? — Uma voz irritada quebrou a minha conversa de motivação interna.

— E eu pensei que disse que não era atrasada e sabia como usar um, — estalo.

— Bem. Não me diga. Não me importo se os crepes estiverem queimados mas achei que você poderia. Desculpe-me por tentar ser cuidadosa. — Bate a porta fechada do microondas e bate no ecrã táctil como se fosse em meus olhos que está cutucando. Meu pau endurece ainda mais.

Desligo o queimador.

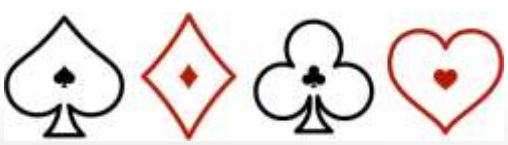
— Já volto, — Moo entre os dentes, antes de caminhar pelo corredor e para o primeiro banheiro que encontro. Bato a porta ao fechar, coloco meu moletom para baixo e agarro meu pau.

— É a adrenalina pós-jogo, — repito para mim mesmo. A imagem no espelho zomba de mim. Adrenalina pós-jogo minha bunda. Nunca, em todos os meus jogos, tive uma ereção devido a alguma vitória estúpida e fui campeão desde que amarro as almofadas de futebol do Pee-wee. Ganhar é uma segunda natureza para mim. Há um quarto nesta monstruosidade, através da passagem, que está cheio de meus troféus e prémios.

Meu pau pulsa com raiva na minha mão. Seja o que for, só preciso me livrar dele. Vou bater uma punheta e uma vez que atingir

o clímax, meu corpo vai estar de volta ao normal. Uso o pré-sémen na minha cabeça e espalho-o para baixo do eixo e começo a trabalhar. Meus olhos caem fechados e uma menina aparece na frente de mim. Uma menina com cabelo emaranhado castanho, olhos castanhos, um lábio inferior de gordura, e um conjunto de mamas que fazem minhas bolas apertar. Porra. Abro os olhos e tento me livrar da imagem. Não preciso amarrar meus orgasmos com essa menina lá fora. Tento trazer outra imagem - qualquer imagem - mas a minha mente voa de volta para ela e a forma como morde o lábio superior, quando está nervosa e a forma como endireita seus ombros, quando decide ser corajosa e do jeito que banca a espertinha e continua a falar de volta para mim, como se fosse quem vive nesta casa de carros e conduz um Maserati. Foda-me.

Minha mão trabalha mais, empurrões mais rápido. Cedo. Ela é um pedaço quente de bunda. Por que não usá-la na minha cabeça? Por que não deixar minhas fantasias à solta? Não vou agir sobre elas. Não vou tocá-la. As mulheres não têm lugar em minha vida. Tenho sonhos que tenho que fazer e uma mulher iria ficar no meu caminho. *Posso querê-la, mas não preciso dela* digo a mim mesmo, mas a declaração soa oca, quando venho em toda a minha mão, com a imagem de seu pé na minha janela, usando a minha camisa, fixa na minha cabeça.



Capítulo Quatro

Mallory

— O que estava fazendo?, — Pergunto, inclinando-me contra a parede de longe, quando Deuce volta a fazer tacos, alguns minutos depois. Sei exatamente o que estava fazendo, mas quero dar-lhe um tempo difícil. Saiu da cozinha e foi até o banheiro com pressa. Não sei porquê, mas tomei uma decisão precipitada ao segui-lo. Mantive meus passos leves, até chegar à porta que fechou com pressa. Coloquei minha orelha na porta, para ver se podia ouvir o que estava acontecendo do outro lado. Estava ouvindo sua respiração pegar e os baixos gemidos que saíam dele. Tenho certeza que estava se masturbando atrás daquela porta. Soltou um gemido final e que foi a minha sugestão para levar a minha bunda de volta para a cozinha, antes que fosse pega.

Meu coração dispara, perguntando se era eu que o tinha tão excitado, que teve que praticamente sair correndo da cozinha para se aliviar. Ou poderia ser um viciado em sexo. Minha mãe uma vez encontrou um desses. Bem, ela me disse que era, mas às vezes me pergunto se ela é a verdadeira viciada. Suas bochechas ainda estão um pouco coloridas de rosa quando volta, que estou supondo que é

do orgasmo que deu a si mesmo. O pensamento dele empurrando-se no banheiro, não deveria ter me ligado, mas fez.

— Você pode obter os crepes no microondas?

Não acho que esteja pedindo. Não tenho certeza que o homem pede a alguém para fazer alguma coisa. Agarra em pessoas e espera-as para fazer. É bastante claro que suas travessuras geralmente funcionam. Posso ver pela maneira como reage a mim, quando me recuso a fazer algo que me disse para fazer. Definitivamente não está acostumado com isso. Também não está respondendo à minha pergunta. Está evitando por ser seu encanto habitual.

— Você usa drogas ou algo assim? — Lanço para fora. Seu braço que está chegando para pegar um prato do armário faz uma pausa quando se vira para olhar o meu caminho.

— Pareço como se usasse drogas porra? — Não, não parece viciado. É mais de um tipo A personalidade, mas não quero dizer, porque ele é um idiota. Um idiota que por acaso está me fazendo tacos. Não posso ter uma boa leitura sobre ele e ele está mexendo com a minha cabeça. Então, estou escolhendo para mexer com a sua.

— Esteróides? — Sugiro. — Você está um pouco irritado.

Ele larga o prato, colocando-a sobre o balcão. Não está apenas com raiva, mas também em pânico. Ele é não muito largo, mas alto e magro. Não estou chocado que joga futebol. Se tivesse que adivinhar, diria que pode ser tanto um quarterback como receptor. Estou indo com quarterback porque Deuce tem problemas de controle de raiva. Imagino que deve estar no banco do motorista durante um jogo.

Se olhares pudessem matar, eu caía morta. Pena que o meu corpo não reage a sua aparência desagradável do jeito que estou supondo que acontece com os outros. Não me intimida. Não é o primeiro idiota que lança um olhar sujo na minha direção. Me viro, ignorando-o. Isso é outra coisa que aposto que não está acostumado a ter alguém fazer. Oh, acho que ele quer que o ignorem, mas não o fazem. Bem, encontrou o seu par, porque vou ignorá-lo, já que sei que vai incomodá-lo. Realmente, deveria parar de ser uma idiota, mas ele começou com o seu comportamento rude. Então, e dai se eu estava tirando uma soneca em seu carro de luxo? Precisa superar isso. Além disso, ninguém lhe disse para me levar para sua casa. Essa foi sua decisão. Ouço um estrondo na panela, que está no fogão ao fundo, fazendo com que vire minha cabeça. Tenho que levar em consideração que está me fazendo comida, mas agora a minha atitude é a única defesa que tenho. Acredite em mim, preciso de toda a atitude do mundo para me proteger de Deuce. Suas ações são

confusas para mim. Diz uma coisa e faz outra. As respostas duras que joga em mim me faz querer sair, mas suas ações dizem algo diferente. Todos sabemos o que fala mais alto. A única coisa que não consigo entender é por que quer que eu fique.

— Coma. — Meus olhos deslizam para cima. Fiquei perdida em meus pensamentos. Devia estar mais na borda. Não sei por que não estou. Vamos enfrentá-lo, estou em um lugar a sós com um homem que não conheço, mas, pela primeira vez, em poucos dias, me sinto como se pudesse relaxar. Não sei o que é mais tentador agora, os tacos ou o sofá. Sei que se sentar sobre ele, vou estar apagada como uma luz. Ao invés disso, desta vez, deixei Deuce mandar em mim, quando voltei para a bancada, para ver, percebi que já tinha feito os tacos para mim. Lambo os lábios, enquanto o meu estômago ronca. Os olhos de Deuce vão para a minha boca e, do jeito que está olhando para mim, me faz pensar que está com fome por mais do que tacos.

Sento-me na cadeira alta em frente ao prato que colocou para mim. Não tem que me dizer duas vezes, quando ataco a comida. Gemo com o sabor maravilhoso que enche minha boca.

— Puta que pariu.

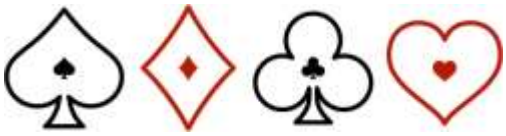
Olho para Deuce, que está me vendo comer. Tenho certeza que meu rosto é uma bagunça com taco remanescente em todo o lugar, mas não me importo. Sua mandíbula está apertada e parece tão chateado como sempre, quando me vê comer.

— O quê? — Pergunto. É tacos. Não pode comê-los e parecer agradável.

Ele balança a cabeça e vai fazer seu próprio prato. Pelo menos é isso que acho que vai fazer. Estou terminando os tacos que me fez e a próxima coisa que vejo é ele a deslizar outro prato na minha frente. Acho que ele não está com fome, porque parece que me deu seu prato também. Sua mão se estende em direção a minha boca e imediatamente me afasto. Seu rosto cai um segundo, antes que perceba e me entrega um guardanapo. Limpo o meu rosto, sentindo-me mal por me afastar dele.

— Obrigado. — Engulo um pequeno caroço, que tenta se formar na minha garganta, perante seu ato de bondade. Ok, talvez ele seja um babaca doce ou um que tem seus momentos. Pego um outro taco e enfio-o na minha boca. *Ou quer algo de você*, minha mente sussurra. Meu estômago cai. Tento e empurro o pensamento para longe. Não, ele tem sido um idiota, mas não me fez sentir

desconfortável. Fui eu que o ouvi esfregar-se em seu banheiro. Talvez ele devesse ser o único a se preocupar.



Capítulo Cinco

Carter

Me sinto estranho, uma das primeiras vezes em minha vida, esfrego minha mão contra minhas calças. A visão dela se afastando de mim me enche de inquietação. Será que acha que eu iria me forçar sobre ela? Não preciso fazer isso. Não sou desses jogos de poder. Claro, gosto de estar no controle, mas as únicas pessoas que estou exercendo minha vontade são aqueles que concordaram com isso de antemão. Quando vestem os capacetes e almofadas no campo, consentiram a minha dominação. Meus companheiros de equipe sabem disso e assim fazem os meus adversários.

Um casual? Nunca.

Meu estômago se agita, pensando sobre alguém machucá-la assim. O apetite se foi, lanço meu taco no prato.

— O que há de errado?, — Pergunta. — Queimei o crepe do taco? — Há um pedaço de alface saindo do canto da boca. Por todos os motivos deveria pensar que isso é rude, mas só me parece bonito. Claramente, estou perdendo minha mente.

— Não estou com fome, — resmungo.

Me afasto e começo a limpar, mas não há muita confusão para me manter ocupado. Depois de limpar as bancadas e lavar a panela, tudo o que posso fazer é esperar que ela terminasse de comer para que possa limpar os pratos. Cruzo os braços sobre o peito e vejo-a engolir seu quarto taco, como se não tivesse comido em três semanas.

— Quantos anos você tem?

Ela faz uma pausa no meio da mordida.

— Anos? — Pergunta, como se fosse uma palavra estrangeira.

— Você se formou no colegial?

Sua boca se move, mas não sai nenhum som. Isso é um não e parece que não esta habituada a mentir. Dou-lhe uma rápida avaliação. Não está usando maquiagem e sei que as meninas na escola podem parecer mais velhas se tiverem colocado, mas ela não tem a aparência de uma caloura nervosa, então estou supondo que é uma veterana como eu, o que significa que saiu apenas poucos meses antes de sua formatura. O que era tão ruim sobre suas circunstâncias que, decidiu deixar a escola neste momento, foi uma opção melhor do que continuar até seu diploma?

— Você está no seu último semestre e vai cair fora. Por quê? Como irá conseguir um emprego? — Pergunto sem rodeios, perguntando o quão bem pensou neste plano.

— Estou trabalhando nos detalhes, — responde, com o queixo levantado.

— Do que está fugindo? — Ou talvez seja, de quem?

— Estou explorando o mundo.

— OK. De onde você veio?

Sua boca fica fechada.

— Não sabia que o seu passado era um segredo.

— Bem, é.

Resistindo à vontade de beliscar o queixo, enrolo meus dedos em um punho ao meu lado. Questionando diretamente, ela não está me dando nada. Vou ter que pensar em um novo plano.

Lanço a esponja sobre o balcão na frente dela.

— Limpe quando tiver acabado. Pratos e copos são laváveis. Você pode dormir no sofá. Vou pegar alguns lençóis.

Começo a andar pelo corredor, quando a espertinha brinca:

— O que, não vai me oferecer sua cama?

— Não, porque você diria que não quer usá-la e não estou interessado em discutir. Além disso, minha cama é confortável e eu gosto de dormir lá. – outra altura, a teria convidado para dormir lá comigo, mas sei pela sua reação anterior, espera esse tipo de abuso.

— Então está com ajuda contratada aqui? E se tiver, posso ter um emprego?

— Não e não. — Tiro alguns lençóis do armário, pego um cobertor e um travesseiro, e retorno à sala principal. Além da cozinha top de linha que a minha mãe instalou, há também um gigante sofá, grande o suficiente para dormir três homens adultos e duas cadeiras estofadas em frente a uma lareira a lenha e uma televisão de oitenta polegadas. Largo a roupa de cama no sofá.

— O que faz, então? Basta ir para a aula?

— Sim.

— Com uma rota bem definida. — As palavras estão zombando mas o tom soa invejoso.

— Sei o que quero.

— E o que é? — Ela está fora do banco agora, limpando.

— Futebol.

— Você parece confiante.

— Por que não deveria ser? Qual é o ponto de fazer qualquer coisa se não for bom nisso?

Ela termina de encher a máquina de lavar com todos os pratos sujos, antes de vir para ficar perto do sofá - longe de mim. É cautelosa, certificando-se de que há sempre um obstáculo entre ela e eu.

Involuntariamente, uma dor desenvolve no meu peito sobre o que deve ter acontecido para fazê-la do jeito que é. Limpo minha garganta e tento engolir a simpatia. Minha vida não tem espaço para uma criança perdida. Posso alimentá-la esta noite e dar-lhe algum dinheiro na parte da manhã, mas então ela precisa ir. Empurro de lado a maneira que o pensamento me faz sentir vazio e dou algumas direções.

— A casa de banho é no corredor. Use o que quiser. As portas e janelas têm alarmes sobre eles então se tentar sair, sirenes vão tocar e se tocarem, a polícia vai estar aqui em cinco minutos. Faça o que

fizer, se decidir fugir esta noite, certifique-se que vai sair daqui em cinco minutos.

— Leva cinco minutos para descer o seu caminho!

Dou de ombros.

— Não é problema meu que você seja lenta.

— Estou bem. Talvez só fique aqui para sempre, então. — Ela se joga para baixo, em uma das almofadas e olha para mim como se estivesse em guerra. Cubro minha boca com as costas da minha mão para que ela não possa ver o meu sorriso.

— É melhor começar a ganhar algum dinheiro, então. Pondero alugar.

— Oh, e aposto que vai querer que pague por isso com o meu corpo, certo? — Diz com amargura.

Sim, alguém a maltratou muito, e logo vou achar onde esse imbecil está e vou chegar em sua garganta e rasgar seu pau para fora. Até então, porém, o objetivo aqui é fazê-la tão confortável quanto possível comigo. Não sei por quê. Não estou numa de ajudar as pessoas. Sou um pau. Quem me conhece iria dizer-lhe isso. No entanto, a necessidade de protegê-la está me oprimindo. Chamar um

pouco de auto-controle e um pouco de sarcasmo, o suficiente para fazê-la louca, que é quando não está com medo.

— O que a faz pensar que estou atraído por você o suficiente para pagar por sexo? Pareço alguém que precisa pagar por companhia?

— Não se trata de aparência.

Dou-lhe um contundente avaliação.

— Para mim, sim.

Com isso, vou para a cama.



Capítulo Seis

Mallory

As últimas palavras de embate ressoam comigo muito tempo depois que ele sai da sala para ir dormir. Por um minuto me senti constrangida, mas depois lembrei-me de que apenas algumas horas atrás, ele estava em sua casa de banho se masturbando ao que estou supondo que eram imagens mentais de mim. Pelo menos isso é o que minha mente secretamente queria, que estivesse pensando em mim, enquanto tocava a si mesmo.

Suas palavras deveriam ter me envolvido, em vez de quase trazer lágrimas aos meus olhos. Deveria estar feliz que não me queira dessa maneira, mas o que me disse e da forma como olhou para mim ainda me consome. Isso me fez sentir como se eu fosse menos do que sou. Tudo sobre este lugar faz. A única vez que, me sinto à vontade está nos raros momentos em que Carter mostra sua bondade. Acho que ele está tendo pena de mim. Não quero sua piedade. Tenho bastante da minha própria.

Deveria ter dito algo sarcástico de volta para ele, mas ele me chocou. Odeio quando penso em uma boa réplica depois da pessoa

sair. Gostaria de ter dito algo ao longo da conversa de que *não me importava com minha aparência, quando estava saindo no banheiro.* Teria gostado de ver o olhar no seu rosto se eu pudesse ter dado a entender que sabia isso. Poderia falar num grande jogo, mas não estou certa de que, o teria dito sem virar cinco tons de vermelho. Teria visto através da minha fachada dura e ter uma pista de como tímida posso ser sobre algumas coisas.

Deito no sofá, que é mais confortável do que qualquer cama que já dormi e continuo a olhar para o teto. Sua advertência sobre o sistema de segurança é outra coisa que não tenho certeza de como lidar. É uma espécie de fazer-me sentir segura, sabendo que tudo o que teria que fazer, se precisasse de ajuda, é abrir uma janela e os policiais viriam imediatamente. A única desvantagem seria que poderiam realmente estar procurando por mim, de modo que podem não trabalhar em meu favor. Se o namorado da minha mãe cumprir com suas ameaças, em seguida, definitivamente irão. Não posso imaginar Ricky andando em uma delegacia de polícia e apresentando queixa contra mim, por lhe roubar a carteira. Aposto que não iria perto dessa esquadra porque não ficaria surpreso se tiver um registro ou um mandado. Os interesses amorosos da minha mãe não são exatamente homens corretos.

Na verdade, ele não tem prova que roubei a carteira. Eu fiz, mas ninguém me viu fazê-lo. Não me sinto culpada por isso também. Ele é a razão pela qual levei a começar. Precisava do dinheiro para que pudesse ficar longe dele. Quem sabia que Ricky teria um interior bem recheado nela? Rolo para fora do sofá em direção ao meu saco. Felizmente Carter não apagou a luz no seu caminho. Odeio o escuro mais do que qualquer outra coisa. Você nunca pode ver o que vem, quando as luzes estão apagadas. A lição que aprendi da maneira mais difícil.

Cavo na minha bolsa, tirando meu telefone e ligando-o. Provavelmente não tem serviço. Minha mãe terá desligado agora. Carreguei-o mais cedo, porque não sabia quando poderia ter a chance novamente. Queria preservar a bateria em caso de necessidade, em uma confusão. Quando o ligo, não vejo quaisquer chamadas não atendidas ou textos de minha mãe. Há, no entanto, dez de Ricky.

Não me incomodo em lê-los. Desliguei de novo o telefone, jogando-o no meu saco. Odeio a tristeza que sinto por não ter recebido um texto ou chamada da minha mãe. Saí faz três dias agora. Claro, tenho dezoito e poderia partir, se quisesse, mas ela não está nem olhando para mim. Pelo que sabe, eu poderia estar morta ou ausente. Isto é alguma porcaria pesada para pensar antes de deitar,

mas assombra minha mente todas as noites. Fecho meus olhos e sei o real motivo de não se importar que saí. Ela não me queria lá, para começar.

Assim que cheguei à minha adolescência e comecei a me desenvolver, ela começou a me tratar de maneira diferente. Iria ter certeza que me colocava para baixo ou me chamava de certos nomes. Se concentrou, principalmente, no meu corpo. Tudo começou depois da primeira vez que disse a ela que um de seus namorados disse algo impróprio para mim. Em vez de se livrar do pervertido, começou a dizer-me para me cobrir e dizendo que parecia uma prostituta. Me perguntando se estava tentando fazer seus namorados olharem para mim.

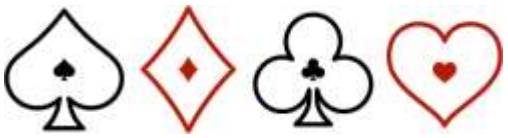
No começo, pensei que as coisas que ela dizia eram verdade, então tentei me cobrir tanto quanto possível. Depois de um tempo, percebi que eram suas próprias inseguranças que a fizeram atacar. Me acostumei a seus insultos e deixá-los passar por mim. Isso era o que dizia a mim mesma, de qualquer maneira. Tenho certeza de que as cicatrizes estão lá, mesmo que não sejam visíveis. Cortaram profundamente no interior e não tenho ideia de como se pode sequer começar a tentar curar algo parecido.

Ricky foi a gota de água que fez o copo transbordar. Não tenho mais treze anos e não preciso de um telhado sobre minha cabeça para lidar com essa vida. Estava começando a ficar mais ousado e mais ousado com seus avanços. Começou a empurrar uma cadeira contra a minha porta, à noite, depois que acordei no escuro com ele em pé, sobre a minha cama.

Me encurralou há três dias, deixando claro que a palavra não, não seria aceitável naquele momento. Fiz o que tinha que fazer. Disse-lhe para esperar por mim no quarto. Minha mãe estava fora, no trabalho, à noite. Meu coração começa a martelar no meu peito ao pensar sobre o risco que tomei. Ricky pensou que ia me entregar, finalmente, para ele, mas roubei sua carteira em seu lugar. Peguei minha mochila que mantinha embalada, em caso de uma emergência, e saí de Dodge. Quando ouviu a porta da frente bater, eu já estava correndo pela rua.

Foi quando o ouvi gritando sobre os policiais. Continuei correndo o mais rápido que pude. Sei que fui dura por fora, mas estava realmente ficando com medo de que ele faria algo para mim quando minha mãe não estivesse em casa. Sabia que ela nunca iria acreditar em mim. Saindo assim tinha sido a minha melhor opção.

Coloquei de novo a carteira na minha bolsa e virei para a minha cama improvisada no sofá. Deito-me e tento dormir. Mesmo que esteja exausta, minha mente continua correndo. De repente me sinto oprimida por tudo isso. Começo a chorar baixinho no travesseiro que Deuce teve a gentileza de me dar. Não consigo fazer as lágrimas parar, não importa o quanto tente.



Capítulo Sete

Carter

Acordei me sentindo como um merda. Provavelmente porque passei a maior parte da noite argumentando comigo mesmo sobre a menina. Estava saindo do banheiro quando a ouvi fungando. Pensei em ir para ela, embora para fazer o que, não sei. Não sou bom com a coisa toda de reconfortar. Isso não é meu caso. Além disso, ela está com medo de ser tocada e pensa que vou fazê-la pagar por sua cama e comida com sexo, por isso optei por manter minha bunda plantada no meu quarto. Não foi fácil.

Não é como se não tivesse experiência com lágrimas. A mãe de um pregoeiro, mas ela usa suas lágrimas como uma arma. Elas te machucam mais do que a ela.

Não acho que a Waif é assim. Ela é beligerante na cara a cara, mas chora quando está sozinha. Essas não são as ações de uma manipuladora. Esfreguei meu rosto, sentindo-me mais cansado esta manhã do que estava quando rastejei na minha cama king-size na noite passada. Pego um par de shorts e vou fazer exercício. Preciso, para queimar essas emoções estranhas. Uma vez que me coloco num

treino, vou ser capaz de pensar mais claramente. A Waif e eu podemos sentar e conversar sobre sua situação. Ela está, obviamente, se escondendo de alguém. Quem quer que seja, não pode ser mais poderoso ou mais rico que eu, logo, ela me dá o nome, posso cuidar do problema e ela pode ir para casa.

Ignoro as voltas do meu intestino, com o pensamento dela sair. Melhor não se apegar do que começar a gostar de alguém, e, em seguida, passar uma noite no lugar de um estranho chorando em um travesseiro. Com essa conversa de motivação, enfio meus pés em um par de ténis e vou na ponta dos pés pelo corredor e para o campo. A Waif está dormindo com uma mão pequena dobrada sob a bochecha. Parece doce e vulnerável. Meu pau contrai em resposta. Me dou um soco na virilha e viro para o ginásio. Um smoothie me espera quando chego à estrutura de vidro com vista para a piscina. Enquanto o engulo, vejo o meu pai transpirando, afastado na elíptica, enquanto ele vê a sua mais recente aventura fazendo voltas na piscina de tamanho olímpico. O mosaico de azulejos de shimmers Netuno sob a água.

— Bom jogo ontem à noite, — diz ele quando piso na esteira ao lado dele. — Deve chamar a sua mãe. Ela disse que tentou chamá-lo na noite passada .

— Já não se veem as mensagens, — respondo. Desliguei meu telefone, como sempre faço, antes do jogo. Tenho uma rotina específica, que sigo antes do jogo e não inclui leitura de textos de minha mãe ausente. Mais tarde, não estava com vontade de falar com ela, também.

— Não quer falar sobre sua mãe, não é?, — Diz meu pai. — Então, sobre a sua convidada? Ben disse que tinha uma convidada na noite passada .

— Pode sua equipe de segurança prestar atenção ao que acontece dentro de sua casa, em vez da minha? — Aponto para a nadadora. — Ela poderia estar roubando você, mas você não sabe, porque seu nariz está preso nos meus negócios.

— Somos capazes de multi-tarefa, — declara o pai. — Além disso, é claro que ela está roubando. Por que outra razão é que uma menina da idade dela está na cama com um homem como eu? Dinheiro, Carter. É tudo dinheiro. — Esfrega os dedos juntos. — Não se esqueça que quando sua coisa bonita está entre as pernas chupando seu pau, só está fazendo isso porque quer algo de você. Contanto que entenda no que está se metendo, ninguém se machuca.

E as pessoas perguntam por que sou anti-social.

— Obrigado pelo conselho, — respondo categoricamente. Puxo meus fones de ouvido, aumento a velocidade, e ignoro o meu velho. Ele sai na metade das minhas duas horas de treino. Depois que termino, peço outra batida para tomar no andar de cima. No momento que estou fora do chuveiro, está pronto. Agradeço Gertie, a nossa chef e nutricionista, e discuto algumas outras mudanças para o meu menu antes de correr até as escadas para o meu loft. Acho a Waif no fogão.

— O que é isso?, — Pergunta quando deslizo o copo em frente a ela.

— Smoothie de manga.

Faz uma careta.

— Não gosta de mangas? — Estou surpreso. Que pessoa não ama mangas?

— Nunca as provei. — Encolhe os ombros. — soa como alimento de uma pessoa rica.

Começo a protestar e depois paro porque não tenho ideia de quanto custa uma manga. Talvez esteja certa e é comida de uma pessoa rica. Nunca fui a um supermercado. Digo Gertie o que quero

comer, se é tacos e bifes, de cerveja ou Wagyu e aspargos ou, neste caso, smoothies de manga.

Empurro o copo mais perto da Waif.

— Tente. Se não gostar, eu bebo.

— Não acho que deveria.

— Não coloquei drogas nele, — digo, irritado. Foda-me. Tento fazer algo decente na minha vida e ela o rejeita. Talvez papai esteja certo e preciso tirar minha carteira.

— Tudo bem. — Dá um tapa para baixo na espátula e toma um gole da bebida, fazendo ligeiramente uma careta, quando a bebida fria atinge a língua.

— Bom, certo? — Quero que goste, por alguma razão que não entendo.

Ela olha para o copo e coloca-o longe dela antes de retornar para a panela.

— O que? Não gostou?

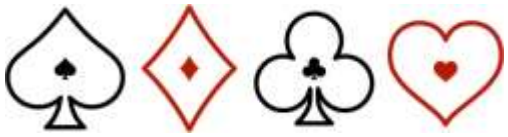
— Não disse isso.

— Então o que?

— A manga é boa. — Age como se fosse venenoso e, pela minha vida, eu não entendo.

— Isso é código para alguma coisa, porque essa merda não está fazendo nenhum sentido. Se gosta dele, continue a beber. Há mais de onde isso veio.

— Não para mim. Não vai estar no meu futuro e não quero que este seja o destaque da minha vida. — Tira do queimador com raiva e pisa pelo corredor até o banheiro. Um segundo depois, ouvi a porta se fechar.



Capítulo Oito

Mallory

Estou de costas para a porta por alguns instantes depois batendo-a até me acalmar. É então que decidi que odeio oficialmente mangas e smoothie, enquanto estiver nesta situação. Não é o gosto que tem que me faz não gostar deles, mas o fato de que aqueles são luxos que não posso pagar. A vida que nunca poderei ter. Uma que Carter está tentando que eu queira. Pode não saber, mas está. Essa percepção tem me deixado de mau humor. Sigo para a pia e giro a água. Começo a lavar o rosto mais asperamente do que normalmente faria.

Não sei o que está errado comigo. Tive um pequeno ataque de pânico quando acordei sozinha na casa de Carter. Olhei em todos os lugares por ele, mas não consegui encontrá-lo. Então estava com medo de abrir uma porta pensando que poderia disparar um alarme. Me senti sozinha. Sei que é estúpido sentir-me abandonada por alguém que conheci ontem. Então praticamente tenho estado em um estado de espírito ruim nas últimas horas. Me senti terrível que o ataquei quando voltou. Senti alívio quando Deuce voltou e o sentimento é que não posso aguentar. Não posso confiar em

ninguém além de mim. Estou com mais raiva de mim mesma do que qualquer coisa. A coisa da manga me enviou pela borda. É uma coisa tão ridícula para ficar chateada, mas estava na borda e só me derrubou. Tenho que lembrá-lo que estou saindo.

Olho para mim mesma no espelho.

— Você tem que sair, — sussurro ao meu reflexo. Penso em minha mãe quando olho para mim mesma. Somos muito parecidas, mas a vida tomou um pedágio sobre ela e pode vê-lo nas linhas de seu rosto. Não acho que fumar ajudou muito. Não posso ser como ela. Tomar decisões ruins e dependendo de homens não é algo que quero. Ela sempre tem que ter um homem em sua vida. Disse a mim mesma que iria ficar longe deles, porque com eles sempre vêm problemas. Isso é o que as relações da minha mãe me ensinaram. Ela é a razão pela qual nunca persegui uma relação para mim própria. Nunca tive esse desejo.

Respiro para me acalmar e abro a porta do banheiro. Meus olhos encontram os de Carter, que está ali esperando por mim.

— Você não tem que sair. — Ele me ouviu falando sozinha.

— É aí que você está errado. — Passo por ele, deixando meu corpo roçar no seu mesmo que saiba que não deveria. Um último

toque antes de ter que sair. Não tenho que olhar para saber que ele está me seguindo no corredor para a sala de estar. Dobro o cobertor que ele me deu na noite passada antes de empilhar os travesseiros no topo. Espreito por cima do ombro para vê-lo me observando. Não posso ler sua expressão, mas sei que, quer me dizer alguma coisa. Só não tenho certeza se sabe o que é. Parece que está tendo um momento difícil para chegar até as palavras.

— Desembucha, Deuce, — digo. Tenho certeza que tem alguns comentários rudes na ponta da língua. Me preparo para o que seja. Nunca tenho certeza de que maneira está indo para ir com seus comentários.

— Carter, — corrijo. Viro minha cabeça para que não possa ver o meu sorriso, quando passo meu saco para me certificar de que tenho tudo. Porcaria. Ainda tenho a camisa. Uma pequena parte de mim quer mantê-la. Talvez não note se sair com ela. Quase como se tivesse esquecido. Poderia levar um pequeno pedaço dele comigo. Talvez devesse deixá-la, para que não me lembre de uma vida que poderia ter tido se as coisas fossem diferentes.

— Desculpe. Continuo esquecendo, — minto. Acho que desfruto servindo os comentários rudes, tanto quanto ele faz. Os meus são sempre seguidos por sentimentos de culpa embora. Sei

que estou sendo uma idiota. Carter, por outro lado, é um pau em um minuto e no seguinte está me ajudando, então não tenho certeza do que suas intenções são verdadeiras. A única coisa que sei é que está me ajudando mais do que qualquer outra pessoa na minha vida e sou grata por isso.

Ele ri. Congelo, chocada pelo som. Lentamente, me volto para olhar para ele. Tem a cabeça inclinada para trás rindo. Maldito seja por parecer ainda mais bonito quando faz isso. O som rola sobre a minha pele e me pergunto qual seria a sensação de ser pressionada contra ele. Sorrio, sabendo que o levei a rir.

— Claro que não se lembra do meu nome. — Ri mais, suas palavras cheias de ironia que não estou percebendo. Seu riso é contagioso e deixei escapar um pouco do meu próprio.

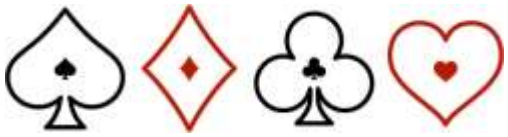
— Realmente sinto muito. — Deixo cair a minha bolsa de volta para o chão. — Tenho sido uma idiota e realmente aprecio o lugar para a noite e a comida. Isso significa mais do que você imagina.

Seu rosto suaviza por um momento antes que deixe cair seu olhar para o chão, olhando para o meu saco. Sigo-o e vejo o meu telefone celular e carteira de Ricky derramados para fora. Vou para baixo para empurrar tudo de volta na minha bolsa, mas Carter chega primeiro, pegando a carteira. Meus olhos imediatamente dão a volta

quando a levanta para inspecioná-la. Arrebato-a de sua mão antes que possa abri-la. Seus olhos encontram os meus em um instante. O sorriso que usava segundos atrás desapareceu e um olhar que não posso colocar agora aparece em seu rosto.

— De quem é esta carteira? — Diz com uma voz estrangulada.

— Uma vez que está na minha bolsa, acredito que faz com que seja minha, — rapidamente respondo. Se roubasse de outra pessoa, a culpa já me teria comido viva, mas Ricky merecia. Não quero mentir para Carter, mas também não quero que pense mal de mim. Não sei por que me importo, mas eu faço. Ele continua a olhar para mim como se estivesse à espera de uma resposta diferente da que já lhe dei. Um minuto passa e nenhum de nós diz uma palavra; nos encontramos, olhando um para o outro. Minha respiração pega quando fecha o espaço entre nós. Tenho que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. Recuso-me a não encontrar seus olhos. Só não esperava que ele fizesse o que fez em seguida.



Capítulo Nove

Carter

Rasgo sua camisa. Bem, acho que minha camisa. É violento e mudo, mas preciso para que não fuja. Sei que isso não só vai chamar a atenção dela, mas não pode fugir assim. É apenas um puxão rápido com a minha força e velocidade antes que ela esteja pendurada em duas partes ao redor de seus ombros.

— Que diabos, Deuce?, — Grita, agarrando os lados rasgados juntos. A carteira do homem oscila de seus dedos. Arranco isso dela e ponho no bolso das minhas calças de moletom. Então me abaixo e apanho a bolsa do chão.

Ignorando seus gritos, me apresso para o meu quarto, atiro-a para dentro, e, em seguida, fecho a porta.

Ela olha para mim, lábios cheios se separaram, choque evidente em cada traço.

Enquanto está lá atordoada, recupero a carteira. Há uma tonelada de merda de notas de vinte, um preservativo que parece

ter uma centena de anos, três cartões de crédito e uma identificação que mostra alguém com idade suficiente para ser o pai da Waif.

— Este é o seu velho?, — Pergunto, segurando a licença.

Ela começa a sacudir a cabeça e, em seguida, muda de ideia.

— Sim. Esse é o meu pai.

Ela está tão obviamente mentindo.

— Quando é seu aniversário?

— Março... — Esfrega os lábios, tentando avaliar sua resposta com a minha resposta. Fico olhando friamente para ela.

— Este homem te machucou? — No começo, pensei que era seu namorado e uma névoa vermelha passou por mim. Será que passou a noite chorando em seu travesseiro por causa dele? Porque quebrou seu coração? Então me lembrei de seu medo. Mesmo que este fosse o seu ex, era um ex que ela tinha medo, um ex do qual fugiu, um ex que se está escondendo, assim que deixei para trás a raiva e o ciúmes, luto por um tom calmo e reconfortante. Se sai estranho, é porque tenho zero de experiência nele.

— Não me importo se o matou ou roubou sua carteira ou bateu seu carro ou todas as três coisas em alguma combinação variada.

Basta estar... — Cruzo os dedos ao redor da licença e procuro a palavra certa. Sou direto? Não. Quero que confie em mim. Quero que confie em mim e sei que não o faz e esse pensamento irrita-me, apesar de saber que não tenho esse direito. Somos estranhos. Ela subiu no meu carro ontem à noite e eu basicamente a raptei. Posso realmente perguntar qualquer coisa dela? Sou melhor do que o cara que ela fugiu, quando estou impedindo-a de sair? Mas deixá-la ir não é uma opção. Por alguma razão, desde que a encontrei no meu carro, tenho essa necessidade imperiosa de possuí-la, para mantê-la.

— Roubei sua carteira, - deixa escapar.

Sacudo minha cabeça nesta confissão.

— Sim? — Um lampejo de prazer aparece no meu intestino, que não tem nada a ver com sexo e tudo a ver com todos esses outros lugares emocionais doentios que tentei excluir.

Ela balança a cabeça.

— Ele era, ou é, o namorado da minha mãe. Não sei com certeza. Tive muitos deles na minha vida .

— Soa familiar. — Sei tudo sobre mães embora nenhum dos seus namorados alguma vez tenha tentado alguma coisa comigo. — O que aconteceu?

— Ele estava sendo... estranho. — Os olhos dela caem fora dos meus. É vergonha que vejo lá? Nah. Não estou vendo nada disso. Olho para a licença novamente, decoro o endereço e começo a ir para a porta.

— Aonde você vai? — Grita.

— Enterrar esse cara.

— Não. — Ela salta para o meu braço e tenta me puxar para longe da porta.

— Por que não?

— Porque ele não sabe onde estou. Não quero que saiba. Só quero fugir. Por favor, — choraminga, enquanto vê que seu raciocínio não está me convencendo.

Dou um suspiro frustrado.

— Não posso deixá-lo ir.

— Por que não? Você não me conhece mesmo. Por que se importa se existe um idiota lá fora? Está indo limpar todos eles?

— Somente aqueles que a machucarem.

Ela ainda pensa sobre isso. Seus olhos estreitam e ela procura o meu rosto para ver o que estou querendo dizer. Ela nunca teve qualquer pessoa em sua vida que fizesse qualquer coisa por ela e meu desejo de protegê-la é confuso. A confiança não é algo que posso construir durante a noite. Sei disso. A razão que a equipe tem treinamento de verão é para que os novos jogadores se ajustarem aos antigos e vice-versa. Temos prática por horas todos os dias, treinamos juntos, comemos juntos, devemos sair juntos e tudo isso é projetado para levar-nos a confiar uns nos outros, porque se não podemos confiar na outra pessoa a correr sua rota ou fazer esse bloco, então não podemos funcionar como uma equipe. Neste momento, a Waif não confia em mim, nem mesmo o nome dela. O que preciso é tempo.

— Tudo certo. Não vou bater em ninguém hoje.

Ela visivelmente relaxa e suspira em alívio, sua mão escorregando no meu braço. Sinto falta do calor, mas agarrando os dedos e colocando-os de volta no meu bíceps não vou ganhar nenhum prêmio, não depois de ter rasgado sua camisa. Está pendurada aberta novamente. Puxo por trás e retiro a minha camisa.

— Aqui, — digo, empurrando-a em sua direção. — Seus peitos estão aparecendo.

— Oh meu Deus, — geme em constrangimento. Pega a camisola e sai para o lado oposto da sala, murmurando baixinho quanto idiota sou.

— Essa camisa parecia horrível em você, - minto. Gostava de vê-la em minha camisa. Foi estúpido ter rasgado, mas posso substituí-la. Não estava pensando direito.

Ela me lança fora.

— Vá para o meu quarto e pegue algumas roupas. Precisamos ir às compras hoje.

— Para quê? — Diz ela, recusando-se a virar.

— Roupas para a escola.

Este aviso recebe sua atenção.

— O que está falando? — Faz uma carranca por cima do ombro.

— Você está a três meses da formatura. Se não está indo de volta para sua antiga escola, precisa entrar em outra.

— Não posso simplesmente aparecer em uma nova escola e dizer Olá. Há registo e merda. — Acena uma mão irritada em minha direção.

— Veja e aprenda. — Pego meu telefone e ligo a Brad. Ele é hacker e residente na FU High. Não há qualquer informação sobre a escola e como funciona que ele não saiba.

— Ei, Brad, preciso de um favor.

— Oh, Carter, meu homem. Como vão as coisas? Ouvi que a sua piscina é aquecida e a usa mesmo no inverno. Seria demais ter uma festa lá neste fim de semana.

Faço uma careta. O preço para este favor vai ser muito foda de alto. Quase desligo quando um flash de azul me chama a atenção. A Waif se deixou cair no sofá. Meus olhos travam na camisa em torno de seu quadril pequeno. Deixa cair a cabeça em suas mãos e mesmo não chorando, imagino que está próximo.

— Posso dizer com segurança que não quero mais nada do que ser o anfitrião de uma festa na piscina — digo a Brad.

— Estou tão feliz em ouvir isso. Agora, o que precisa?

Pagamento feito, Brad está mais do que disposto a fazer o que eu peço. Registros serão transferidos juntamente com um novo perfil de aluno criado. A partir de segunda-feira, a Waif será um estudante na FU High. Só preciso de seu nome.



Capítulo Dez

Mallory

— Não acho que pode estacionar aqui, — digo, enquanto Carter coloca seu carro de luxo no parque em frente ao shopping.

— Vou estacionar em qualquer lugar que eu queira. — Rolo meus olhos quando ele desliza para fora do carro. Por que acho a sua confiança e arrogância atraente? Há algo de errado comigo. Minha porta se abre um segundo mais tarde e vejo um homem em um colete. Centros comerciais têm manobristas? Essa é nova. Pelo menos para mim é novo. — Deixe o carro lá, — Carter diz para o cara, enquanto desliza algum dinheiro. — Não abra a porta do carro. — Ele emite mais comandos para o pobre manobrista enquanto saio. O manobrista olha para sua mão, vendo o dinheiro, e não parece dizer nada perante a grosseria de Carter. Não estou certa de que o homem tinha muita escolha. Não estava difícil de perceber que Carter - ou talvez seja sua família - tem poder. Estou supondo que vem do dinheiro. Normalmente andam de mãos dadas.

Me pergunto se ele emitiu a ordem sobre a minha porta, porque não quer alguém tocar em seu carro ou abrir uma porta para

mim. Estou indo com a hipótese de não querer que alguém toque no seu carro. Ele é muito protetor dessa coisa. É agradável e bonito, vou dar isso a ele, mas ainda é apenas uma carro. Carter caminha para o meu lado e abre mais a porta para mim. Saio e ele fecha a porta atrás de mim.

— Mantenha seus olhos para si mesmo, enquanto você está nisso, — Carter rosna, quando começo a andar. Me viro para dizer algo sarcástico, mas quando faço, percebo que não está falando comigo. Está olhando diretamente para o manobrista.

— Você vem? — Coloquei minha mão sobre meu quadril e suspiro de frustração. A boca de Carter aperta quando dá ao manobrista um último olhar e começa a caminhar em direção a mim. Na verdade, fazendo o que digo a ele pela primeira vez também. — Estava na hora. Pensei que estava ficando lá o dia todo dando as instruções detalhadas ao pobre rapaz sobre o que quer e não quer que faça com o seu precioso carro. Por que não leva você mesmo a algum lugar? Deve mantê-lo trancado na garagem para que nada aconteça com ele. — Digo as palavras meio brincando, mas por dentro, quase desejo que Carter faça essas coisas exatas por mim. Talvez não me trancar, mas manter-me segura para que nada aconteça comigo. Então não preciso me preocupar.

— Você sabe que sou um idiota— é a sua resposta.

— Sim. Estou percebendo isso.

Sua mão vai para as minhas costas enquanto usa a outra para abrir a porta para entrar no shopping.

— Então, por que continua me dando merda sobre isso? — Sua boca se transforma em um meio sorriso.

— Acho que você pode precisar de alguém em sua vida para lhe dar merda, — Me oponho. Aquele sorriso se transforma em um sorriso cheio. Ele balança a cabeça enquanto me leva dentro do shopping. Não sei o que é sobre a nossa brincadeira, mas ele me coloca à vontade. Sou como uma garota empurrando meus limites com ele, mas ele continua a me deixar deslizar. Acho que gosta do que faz, tanto quanto faço, porque ele continua a me incitar. Talvez eu seja a primeira a realmente chamá-lo em sua merda. Quero dizer, será que é possível? Que as pessoas simplesmente permitem-lhe fazer e dizer o que quiser? Com certeza é o que parece.

Continuamos a caminhar através do shopping lado a lado. Estamos em silêncio, enquanto caminhamos, mas ele mantém a mão no centro de minhas costas. Claro que Carter tinha que nos levar para o shopping mais top, no lado rico da cidade, em vez do regular.

Nem sequer reconheço os nomes de metade das lojas que passam. Tudo o que sei é que parecem extra luxuosas. Começo a me sentir um pouco auto-consciente sobre o que estou vestindo. Empurro esses pensamentos de lado e lembro por que estamos aqui em primeiro lugar. Estou começando em uma nova escola. Não sei como, mas está acontecendo. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. Tenho certeza que é o mesmo estacionamento da escola onde primeiramente subi no carro de Carter para minha soneca. O lugar é super chique. A palavra que encontro um monte de vezes desde que conheci Carter.

— Aqui. — Ele aponta para uma loja. Vejo algumas pessoas da nossa idade olhando para nós enquanto caminhamos em sentido a ela. Eles nos olham espantados e me pergunto se conhecem Carter. Ele lhes lança um olhar e eles desaparecem. Bem, acho que ele não é o Sr. Popular. Não posso culpá-los. Sua atitude é terrível cerca de noventa e cinco por cento do tempo.

— Você conhece essas pessoas? — Pergunto porque estou curiosa para ver por que estavam com tanta pressa. Esperando que não fosse eu, o motivo que os fizeram fugir. Estavam todos bem vestidos e pareciam pessoas das quais Carter fosse amigo. Será que, deram uma olhada para mim e já decidiram que não desejam associar-me? Tenho certeza que minhas roupas regulares das lojas

de departamento foram o primeiro indício de que não pertenço em seu círculo.

— Acho que andam na nossa escola, — diz, com um encolher de ombros.

Pensa? Não tenho certeza que vou fazer novos amigos na escola, se estou saindo com Carter. Ele dá olhares que enviam pessoas a correr. Gostaria de ter essa superpotência. Embora não fosse utilizá-la como ele. Geralmente, como a maioria das pessoas. Só quero ser capaz de usá-lo em anormais como o namorado da minha mãe.

— Você vem? — Carter diz, com uma pitada de sarcasmo na sua voz. Quando olho para cima, vejo um olhar ácido em seu rosto por estar olhando para os dois caras que ele está simplesmente fugindo.

Agora estou começando a pensar que ele está ficando com ciúmes. Primeiro com o manobrista e agora com os dois rapazes.

— Para um cara que disse ontem à noite que não tem nenhum interesse em dormir comigo, você tem uma maneira estranha de mostrar isso. — Ele começa a abrir a boca, mas o interrompo. —

Rasgando minhas roupas. Mandando embora rapazes que procuram o meu caminho.

Ele abre a boca, em seguida, fecha.

— Vamos. — Agora está apontando para a loja. — Vou precisar de sua carteira para pagar qualquer coisa de dentro de sua loja. — Ando na frente dele. Viro a cabeça para olhar para ele. — Ou talvez eu já a tenha, — gracejo eu. Não o fiz, mas espero, pelo menos, que ele vá verificar. Ele não vai. Quase dá de ombros.

— Boa sorte tentando colocar um dente nela. Na verdade, tome isso como um desafio. Você parece gostar deles.

— Desafio aceito. — Ando para o primeiro rack de roupas penduradas que vejo. Começo a remexer através delas, deslizando cada cabide ao longo da haste de metal até encontrar algo que eu goste. Levanto o preço para cima e minha boca cai aberta. Sei que provoquei Carter sobre fazer um dente em sua carteira, mas não há nenhuma maneira que possa me permitir gastar este tipo de dinheiro em roupas.

Carter leva-o do meu lado, entregando a uma mulher que veio do nada.

— Leve-a a um quarto. Minha garota, como sempre, tem um ponto a provar .

Desta vez sou eu que fiquei sem palavras. Acabou de me chamar de sua garota?



Capítulo Onze

Carter

— É Carter Franklin? — Ouço alguém gritar.

— De jeito nenhum. O Carter Franklin não vem à loja comprar. É muito normal. Ele tem pessoas que vão a sua casa com resmas de roupas e ele escolhe o que quer de lá .

— Seriamente?

— Isso é o que eu ouvi.

Rolo minha cabeça para um lado e depois o outro. O estalar do meu pescoço fará elas se calarem.

— Oh, Carter, é você, — diz uma das garotas. Parece vagamente familiar. Poderia tê-la visto em uma classe ou um dos meus companheiros de equipe poderia ter pego depois de um jogo. Isso acontece. — Sou Bea Simpson.

Olho para cima para a morena e tento lembrar. Todas as meninas da minha escola parecem praticamente as mesmas. Ou têm o cabelo reto ou cachos com gel, mas é uniforme em comprimento e

quase todas têm um copo de Starbucks colado em suas mãos. Não que os caras sejam muito diferentes com seu equipamento de tênis, jeans e T-shirt Untucked.

— Ele não a conhece, — diz a segunda, empurrando sua amiga para o lado. — Bea e eu estávamos em sua classe de estatísticas do último semestre.

— Ok. — Não sei por que estão falando para mim. A maioria das pessoas na escola sabem melhor. Rolo meu pescoço novamente e percebo o que está levando a Waif tanto tempo. Acho que não deveria chamá-la assim. Me deu o seu nome verdadeiro -Mallory Simmons - e sua data de nascimento de setembro, e seu número da Segurança Social, mas sempre vai ser a Waif. A encontrei no banco de trás do meu Maserati.

— Há um rumor que você estará fazendo uma festa neste fim de semana.

— Ahh, bem... — Se eu mentir, significará que ninguém venha? Não prometi a Brad que ia dar uma grande festa ou que iria divulgá-la.

— Ele vai. Vocês deveriam vir.

Meus olhos viram imediatamente para a sala do provador, onde Waif está de pé em uma das novas roupas que escolheu. As calças têm uma espécie de plissado em torno de sua cintura e a parte superior é cortada, mostrando uma faixa de pele. Gosto disso.

— Vamos levá-los, — digo a funcionária que está pairando sobre o meu ombro.

— Há duas cores diferentes.

— Ótimo.

— Existem alguns outros itens nessa coleção. Também recomendo estes sapatos.

— Coloque no cartão, também.

— Espere um segundo, — protesta Waif.

A funcionária faz uma pausa, mas eu aceno. Sai correndo para cobrar tudo, antes que Waif possa mudar minha mente.

Com uma carranca, Waif observa a conta.

— Não tenho uma opinião?

— Depende se tem mau gosto. Pessoas com mau gosto não dão opiniões sobre roupas.

— Como é que tenho mau gosto? Talvez você seja o único com mau gosto , — acusa. Seus braços voam para fora e aproveito a oportunidade para admirar seu corpo sexy, que é todo macio, curvas redondas, quadris que posso cavar meus dedos e peitos duros o suficiente para equilibrar um copo. Posso definitivamente imaginar deslizando meu pau entre esses dois globos. O sangue começa reunindo no meu jeans, então forço aquela imagem da minha cabeça.

— Gosta dessa roupa?

Ela faz uma careta, claramente não querendo concordar comigo sobre qualquer coisa.

— Talvez.

— Então talvez você tenha bom gosto.

— É essa... sua... prima? — Pergunta a morena. Me esqueci dela. Na verdade, esqueci que Waif e eu não estavamos sozinhos nesta loja.

— Não, — digo.

— Sim, — waif diz ao mesmo tempo.

Minhas sobrancelhas se unem.

— Sim? — Acabou de dizer que éramos primos a dois dos meus colegas?

— Sou Mallory, — Waif anuncia antes que possa interpor, passeando até as meninas com a mão para fora. — Acabei de me mudar para a cidade para ficar com o Tio... — Atira um olhar exigente para mim, silenciosamente me pedindo para fornecer o nome do meu pai.

— Teddy, — Forneci relutantemente, não tendo certeza de onde Waif está indo com isso.

Seu sorriso triunfante envia um calafrio na espinha. É como se estivesse lentamente percebendo seu poder sobre mim. Isso é assustador e ainda, de alguma forma muito sexy. Meu pau contrai feliz. A fim de não me envergonhar, mudo o meu olhar para o chão e começo a contar os mosaicos.

— Certo. Tio Teddy. De qualquer forma, minha mãe ficou doente, então tinha que vir e ficar com o tio Teddy e Deuce, mas Deuce aqui diz que meu guarda-roupa não presta e por isso aqui estamos. — Ouço sons dela irritada, como se eu fosse o problema.

— Deuce? — Ecoam.

— Espere, — diz a morena. Realmente devia decorar seus nomes. — Você chama Carter por um apelido? Isso não é permitido.

— E ele faz compras.

Mesmo com a minha cabeça para baixo, posso sentir os três pares de olhos no meu crânio.

— Ele é meu primo pelo que realmente não pode me dizer o que posso e não posso chamá-lo, — declara Waif. Isso não vai acabar bem. Quando começar arranhando-a no meio do corredor, empurrando a saia para cima e chupando seu pescoço durante o intervalo, nossos colegas vão realmente ter perguntas.

— Uau. Realmente deve ser parente porque não posso ver Carter permitindo qualquer outra pessoa a dizer coisas assim. Ele é meio... difícil.

— Quer dizer, é um idiota, — diz Waif. — Eu sei, mas não se preocupe. Estou aqui para cortar as asas dele pela metade.

— Pode apostar.

Ouço as meninas trocarem olhares como se tivessem cinco anos. Que pesadelo isto está se tornando.

— Sou Bea Simpson e esta é Emma Williams. Somos duas finalistas.

— Legal. Está vindo para a festa na sexta-feira, certo?

Mais uma vez, sinto seus olhos em mim, esperando eu negar que existe tal coisa. Mantenho minha cabeça para baixo porque não quero esta festa, mas se disser isso, suspeito que Waif vai convidar todos neste maldito shopping apenas para me irritar.

— Absolutamente. Não poderia nos manter longe — responde Bea. — Me sinto como se estivesse indo para ser uma boa influência sobre Carter - espera, o que você o chama?

— Deuce.

Me levanto e intervenho, porque não posso ter toda a escola a me chamar por esse apelido estúpido.

— É Carter, a menos que tenha o mesmo sobrenome que eu, não está me chamando de qualquer outra coisa.

— Não tenho o mesmo sobrenome que você, — reclama Waif.

— Ainda não, — murmuro.



Capítulo Doze

Mallory

Apertei o botão de soneca pela enésima vez e aconchego-me com o meu cobertor. Meus nervos me mantiveram acordada metade da noite. É como se só tivesse fechado os olhos há poucos minutos e fosse logo de manhã. Hoje vai ser o meu primeiro dia na FU High, aparecendo como prima de Carter. Como se não tivesse o suficiente com que me preocupar, menti e disse que era parente dele. Entrei um pouco em pânico, quando falávamos com alguns de seus colegas no shopping e agora tenho que ir com ele. Suspiro e perfuro um dos vinte travesseiros que estão espalhados em torno de mim.

— Não sei o que aquele travesseiro fez com você, — ouvi a voz profunda de Carter dizer.

Viro meus olhos até ele e quase engasgo com quão bonito parece em cima de mim.

— Estava fingindo que era seu rosto. — Puxo o cobertor mais para cima para cobrir minha boca, que agora está sorrindo. Provavelmente pareço uma bagunça e ele está tão bonito como sempre. Carter sorri e balança a cabeça para mim.

— Alguém acordou de mau humor. Você precisa se mexer. Trinta minutos até sairmos — ele me informa. Essas últimas palavras me sacodem para cima e vou em direção ao banheiro. Porcaria. Tenho que me fazer parecer apresentável para meu primeiro dia em apenas trinta minutos. Depois da minha noite inquieta, vou precisar de um milagre para conseguir parecer decente. Tenho a sensação de que todos os olhos vão estar em mim.

As primeiras impressões são importantes. Não sei por que me importo com o que essas pessoas pensam de mim, mas de repente, me importo. Quero encaixar. Embora Carter possa ser um pau, está me dando uma oportunidade que sempre serei grata. Tenho uma chance de um novo começo. Terminar o ensino médio vai me oferecer mais oportunidades de emprego se for capaz de dizer que tenho um diploma do ensino médio. As coisas não parecem tão sombrias como eram há alguns dias.

Olho em volta deste vasto banheiro e agradeço a minha estrela da sorte que escolhi o carro de Carter para tirar um cochilo. Ainda não tenho certeza por que está me ajudando, mas não posso me preocupar com isso agora. Vou aproveitar esta oportunidade. A vida me deu uma merda de vida pelo que não estou deixando esta fugir. Ligo um dos chuveiros e espero a agua quente começar a pulverizar sobre mim. Deixo a água lavar minhas preocupações por alguns

minutos, antes de enxaguar o mais rápido possível e saio. Me seco com a toalha que estava pendurada na prateleira aquecida e começo a procurar algo para vestir. Saio do banheiro tentando me apressar e dou de cara com o que estou esperando ser Carter.

— Merda, — diz, enquanto sua mão se estende para me firmar. Um súbito arrepio percorre-me, embora seu toque seja quente na minha pele. Estava com tanta pressa que não estava prestando atenção para onde estava indo. Olho para ele, mas seus olhos não estão focados nos meus. É então que percebo que estou de pé na frente dele nua. Minha toalha deve ter caído quando colidimos. Minhas mãos descansam em seu peito.

— Vista-se. Nunca chego atrasado, — ele meio que rosna, mas não deixa meu ombro ir, onde me agarrou, para me impedir de cair de bunda.

— Você tem que me deixar ir, — o lembro. Seu poder sobre mim aperta mais por meio segundo, antes de ele deixar ir, pisando fora da sala. Fico lá em estado de choque por um momento, sem saber o que dizer.

Procuro em volta para os sacos de roupas que tenho, mas não os vejo em qualquer lugar.

— Suas roupas estão no meu armário— gritou do outro quarto.

— Como em seu armário? — Grito de volta.

— Sim. — A única palavra é cortada, seguido pelo que acho que é o barulho de uma panela. Faço o meu caminho para o armário de Carter e de fato vejo todas as roupas que tinha. Seu armário está em perfeita ordem. Estou percebendo que ele pode ter um pouco TOC, às vezes, ou talvez não é OCD, mas é definitivamente algo. Gosta de coisas de uma certa maneira ou espera que sejam assim. Comecei a notar que ontem, quando passamos o dia mentindo sobre o seu lugar. Ok, eu era a única que estava realmente mentindo, mas isso não é o, ponto. Carter está sempre fazendo algo para se manter ocupado. Está sempre tentando garantir que as coisas estão em ordem.

Pego um par de jeans que custam mais do que algumas pessoas fazem em uma semana. Tenho uma tonelada de tops também, mas encontro-me aventurando para o lado de Carter do armário. Puxo uma de suas camisas. Tem seu último nome em toda a volta com o número dois nele. A parte dianteira diz Franklin U High no peito. Escorrego em um dos sutiãs de seda antes de puxá-la sobre a minha cabeça. É muito grande para mim, mas amarro-a na lateral. Por alguma razão, parece que a camisa poderia ser uma armadura para

mim. Carter pode ser um idiota para as pessoas, mas é claro que as pessoas não mexem com ele e ele é popular. Não tenho certeza se é por opção.

Volto para o banheiro e tento fazer algo com meu cabelo. Não sei por quê. Sempre fica direito, não importa o que faço para ele. Coloquei algum rímel e brilho labial e estou pronta para o dia. Qualquer outra vez, acho que iria demorar para fazer Carter chegar atrasado, mas não quero chegar atrasada no meu primeiro dia também. Tenho certeza que vou ter que pegar um horário ou algo assim.

Passo para a cozinha. Carter pega um saco, colocando-o sobre meu ombro.

— Camisa fixe. — Não posso dizer se está sendo sarcástico ou não.

— Melhor do que nua, certo? Porque você não está atraído por mim. Lembra? — Lembro-o do que ele disse para mim na primeira noite que fiquei aqui. Não sei por que saiu da minha boca. Acho que ainda está me incomodando. — Esse é meu? — Alcanço o sanduíche que está num prato. Realmente não espero por uma resposta quando viro e vou em direção ao seu carro.

— Não coma no meu carro, — diz atrás de mim.

— Então é melhor terminar o seu sanduíche antes de entrar, Deuce. — Olho para ele. Mais uma vez, não posso ler seu rosto. — Obrigado pelo meu. — Dou uma mordida com toda a intenção de comê-lo no carro e de alguma forma sei que ele vai me deixar.



Capítulo Treze

Carter

Estou de mau humor e não estou fazendo qualquer tentativa de escondê-lo. Meu pau está ficando ferido de toda a masturbação que estou fazendo. Vendo Waif nua enviou-me no meu banheiro, onde me masturbei até um orgasmo muito insatisfatório. Era isso ou ir para a escola com uma ereção. Estava feliz por ter feito isso porque vê-la em minha camisa teria me feito curvá-la na ilha de cozinha, até ter tirado ela do meu sistema.

Alguém pode me culpar? Meu nome estava por todas as suas costas. Ela está basicamente indo para a escola anunciando a todos que pertence a mim. Meu pau imediatamente acordou e tomou conhecimento. Tinha que me dar outro soco na virilha para me acalmar. Por que ela é tão sexy? Por que não pode, por um único momento, ser uma bruxa? Preciso de intervalo. Meu pau precisa de intervalo. Preciso dormir. Preciso… foda, quem sabe o que preciso? Acho que preciso dela. Preciso dela na minha cama, debaixo do meu corpo, seu calor úmido em torno da minha ereção massiva, os lábios colados aos meus. Isso é pedir muito?

Aparentemente sim, porque ela não demonstrou o menor interesse em mim. Tenho garotas em cima de mim todo o tempo do caralho, então sei quando uma menina me quer. Vêm para cima e tentam apalpar minha virilha ou vão deixando suas roupas íntimas no meu armário ou vão me emboscar após o treino. Waif age como se eu fosse um aborrecimento na melhor das hipóteses. Na pior das hipóteses, sou um monstro que vai comê-la em seu sono. E não posso mesmo negar isso, porque metade das minhas fantasias, envolvem eu a puxando para a beira do sofá, separando suas coxas e comendo sua buceta até que ela venha toda sobre a minha lingua. Compreensivelmente, tive que bater uma.

Mas a viagem para o banheiro, para cuidar do meu pau duro, significava que a minha agenda estaria estragada. Não consegui comer o meu café da manhã na cozinha como um ser humano civilizado. Fui forçado a engoli-lo no meu Maserati, enquanto Waif fez o mesmo. Há migalhas em todo o carpete e banco. Tive que deixar o carro naquele estado, porque chegamos à escola atrasados.

Agora estou sentado na minha aula de Inglês, assistindo Waif sendo observada pela metade dos cabeças de paus da minha escola. Estão a cerca de cinco segundos de distância de chicoteados em seus paus, em sua mesa, o que significa que estão a cerca de seis segundos de distância de eu cortar suas salsichas com meu caderno

e empurrar a carne para baixo de suas próprias gargantas. Olho para cada um deles até que se afastem.

— Você está fazendo um barulho estranho. E assustando as pessoas, — sibila Waif. Instalei-a na mesa ao lado da minha. Um garoto andou um minuto mais tarde e se opôs. Entreguei-lhe uma nota de cem dólares e levou suas queixas para outro lugar. Waif assistia a tudo com uma expressão estranha em seu rosto. Não consegui descobrir se estava impressionada ou revoltada, provavelmente o último. Ela nunca parece estar impressionada com qualquer coisa que faço.

— Bom, — retruco. Mijarei em sua perna para marcá-la como minha, se isso realmente resolver, mas mantenho essa informação para mim.

— Você pode gostar de ser o idiota da escola, mas estou tentando fazer amigos. — Sorri para uma garota ao lado dela, que parece vagamente familiar.

— Oi. Sou Aly, — diz a menina.

— Sou Wai…— Me lança um olhar sujo, como se eu fosse de alguma forma responsável por se esquecer seu próprio nome. — Sou Mallory Franklin. A prima de Carter. Fui transferida agora. —

Trota para fora sua história sobre sua mãe ficar doente e meu pai insistindo para ela se mudar para aqui para terminar seu último ano. Gostaria de saber quanto desse conto é verdade, que sua mãe está doente e tudo. Waif se recusa a abrir sobre seu passado.

— Não sabia que Carter tinha uma prima, mas, novamente, ele nunca fala nada a ninguém. — Aly roda seu pescoço em torno Waif. — Pelo que sabemos, poderia estar desmembrando as pessoas em sua casa.

— Ainda é uma possibilidade. Sua casa é enorme e não a vi toda ainda.

— Você não esteve lá dentro? — Os olhos de Aly cresceram em largura.

Neste ponto, todos na sala de aula estão praticamente sentados em cima de nós, ouvindo essa troca. Limpo minha garganta e tento olhar para todos para afastá-los, mas ninguém está prestando atenção em mim.

— Onde está hospedada, se não está em sua casa? Não a estão fazendo dormir em um carro, não é? — Aly pede num tom horrorizado.

Waif fica vermelha em seu rosto e um suspiro corre através da sala. Não posso acreditar que tenho que começar a falar com os meus colegas.

— Ela mora comigo, — digo, abruptamente.

Isso gera uma enxurrada de outras atividades, tais como onde é que eu vivo e como é que ela não vive com o meu tio e onde vai ser a festa.

— Mora em cima da garagem em frente à casa, — exclama Waif.

— Oh, pelo menos não está no carro, — Aly diz, mas há um brilho suspeito nos olhos. Lembro-me dela agora. Owen. Ela é a namorada do Fast. Fast foi uma transferência no último semestre de uma escola local, recrutado para a equipe de futebol por causa de sua rota em execução superior e as mãos pegajosas. Gosto muito dele, tanto quanto qualquer um de meus companheiros de equipe. Os dois vieram até o meu carro depois do jogo e me fizeram algumas perguntas idiotas sobre o pós-campeonato. Acho que Aly poderia ter me perguntado algo sobre o que estava escondido no carro. Esta não é a direção que quero que a conversa tome.

Bato palmas.

— Estamos tendo uma festa nesta sexta-feira. Todos estão convidados. Gratis... — Paro, porque não tenho nenhuma pista do que acontece em festas. Lanço um olhar interrogativo em direção a Waif, que sorri.

— Bebidas grátis. Comida grátis. E um cartão gratuito para Pizzaria do Johnny para uma pizza single – sintam-se à vontade.

Que porra é essa? Abro minha boca, mas Waif me ignora. Cruza as mãos sobre a mesa, concentra-se no quadro branco na frente da classe, e finge que não prometeu uma refeição para cada idiota da minha escola. Um sorriso brinca no canto dos lábios e posso dizer que está tentando não cair na gargalhada.

Se estivéssemos mantendo a contagem, e não estamos, ficaria para baixo por dois touchdowns no momento. Está me enterrando e não me importo mesmo. Há algo de errado comigo, mas não sei o que é.



Capítulo Quatorze

Mallory

Sorrio para Aly e Owen. Juntos são tão adoráveis, que quero comê-los, mas sei que não é aceitável. São tão doces que me faz ter esperança que o amor ainda existe. É bom ver duas pessoas que se importam uma com a outra. Isso é muito longe da atmosfera em que cresci. É refrescante ver duas pessoas apaixonadas. Owen paira sobre toda a palavra que sai da boca de Aly. Não o culpo. Ela é loucamente inteligente e engraçada também. Não tão engraçada como Owen, mas vem mais fácil para ele. Ambos têm atitudes descontraídas. É uma sensação agradável ter amigos. É diferente da minha antiga escola. Ninguém me conhece aqui ou meu passado. Sei que é cedo para chamar essas pessoas de amigos, mas sinto que Aly e eu temos uma grande ligação. Podia ver-nos tornando boas amigas.

— Lhe disse para esperar por mim. — Olho para cima para ver Deuce de pé em cima de mim. Estou sentada em uma das cadeiras do refeitório. São tão baixas, que o faz parecer mais alto do que já é. Ele me disse para esperar por ele. Não sou um cão que segue seus comandos. Talvez se fosse um pouco mais doce para mim, então

teria esperado por ele. Mas desde que estava sendo o seu habitual auto idiota, não esperei. Ainda estou espantada que as pessoas por aqui aceitem sua merda.

Owen também, mas disse a Aly – que soube que era chamada de Ace por ele porque acerta em tudo que faz – para ficar sentada quando chegou à lanchonete mas a maneira que disse, tinha até me derretendo. *Baby, senta sua bunda bonita, enquanto vou buscar alguma comida para a minha garota. Fique com a sua nova amiga.*

Então a beijou e foi-se embora. Sim, se Deuce tivesse feito isso para mim, teria sentado lá em estado de choque por vinte minutos e, em seguida, tentaria descobrir o que diabos ele estava fazendo. Sei que poderia tornar as coisas fáceis para Deuce mas é mais divertido desafiá-lo. Adoro quando fica todo irritado depois de eu dar-lhe trabalho. Adoro tentar encontrar maneiras diferentes de mexer com ele. Quase faz com que seja muito fácil para mim, o que me deixa pensando que não sou a única a divertir-me. Às vezes me pergunto se me diz para fazer algo, para que só me veja fazendo o oposto do que diz.

— Como está funcionando para você essa coisa de mandar em mim? — Pergunto, enquanto largo meu olhar de suas costas e volto para a mesa onde estou com Owen e Aly. Ela não acreditou em mim

sobre a festa e está realmente fascinada por ele. Não parece ser o tipo de festa, mas vai aparecer nesta sexta-feira, porque, em suas palavras, *tenho que ver isso*.

— Por que não tem qualquer comida? — Deuce pergunta, não respondendo a minha pergunta, mas fazendo a sua própria. Dou de ombros. A cafeteria é um pouco intimidante. Além disso, por que comprar comida aqui? Vou comer quando voltar para o lugar de Deuce onde a comida será gratuita. Meu sanduíche no café da manhã pode me segurar por mais um tempo, mesmo que meu estômago esteja tentando discordar de mim no momento. Realmente nunca comi o almoço em minha antiga escola. Não amo as multidões e, por vezes, o refeitório é turbulento. Isso é o que costumava dizer-me de qualquer maneira para me fazer sentir melhor sobre isso. Ele não vai pagar o almoço.

— Ela pode ter alguma da minha, — Aly começa a empurrar a bandeja sobrecarregada para mim que Owen tinha comprado para eles dois. Owen estende a mão, parando-a e puxando a parte de trás da bandeja na frente de sua menina. Aly faz uma carranca para ele por um momento breve, o que faz com que ele sorria e beije sua bochecha.

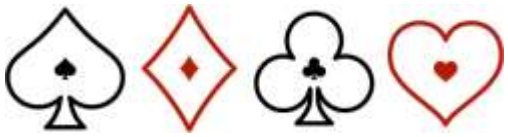
— Vou pegar sua comida. Você come. — Owen começa a ficar de pé.

— Ele acha que não como o suficiente. — Aly revira os olhos e empurra a parte de trás da bandeja entre nós. Desta vez é Deuce que se inclina sobre mim. Seu corpo prensa em minhas costas, enquanto empurra a parte de trás da bandeja para Ace.

— Posso ir buscar o seu almoço. — Seu rosto está ao meu lado agora, com a maneira como está dobrado para baixo. Espio para ele, para ver que está olhando para Owen. — Ela é minha responsabilidade. — Essas palavras atingiram um profundo ponto sensível dentro de mim. Minha mãe tinha pronunciado as mesmas muitas vezes enquanto estava me colocando para baixo. Deixando-me saber que dezoito anos não é mais sua responsabilidade e melhor me lembrar disso. Deuce teve que adicionar um pouco de idiotice nisso. Não pode evitar a si mesmo. Por um minuto, pensei que ia fazer algo de bom, porque estava tentando ser um ser humano decente ou talvez tentando ser meu amigo, mas não, está fazendo isso por dever. Porque todos acreditavam esta história inventada que sou sua prima, a sua responsabilidade. Juro que tenho o desejo de socá-lo. É engraçado o quanto minhas emoções oscilam quando estou ao seu redor.

— Então tenha-o. — Owen cai para trás em sua cadeira, colocando o braço sobre Aly. Ele é um dos poucos que não parecem intimidados por Carter. Acho que é mais falta de cuidado. Todos sabem que Owen está com Aly. Ele não tem tempo para a besteira de Carter. Que faz de nós dois. Os sinais mistos de Deuce estão mexendo com minha cabeça. Não tenho tanta certeza se estou gostando destes jogos que estão jogando uns com os outros. Está começando a ficar claro que vou ser a única a me machucar. Seu comentário já cortou mais profundo do que deveria.

— Não estou com fome, — Digo enquanto me levanto e começo a recolher minhas coisas. Atiro a Carter um olhar de morte deixando-o saber para não se meter comigo. Agradeço a Owen e Aly pela sua boa companhia antes de ir embora sabendo que, como sempre, quando Carter está perto, todo mundo está assistindo.



Capítulo Quinze

Carter

Ela está louca... de novo. Estou em um estado constante de tesão e ela está em um estado constante de fúria. Não estou dizendo que não tem o direito de ficar chateada porque rasguei sua camisa, a fiz dormir no sofá, chamo-a de Waif e, em seguida, não trouxe o seu almoço. Em minha defesa, esqueci que tinha de pagar para o almoço. Era apenas... como todos os dias que fui para o refeitório. Sei que esta maneira de pensar faz-me ser um idiota maior do que sou. Ou talvez seja um idiota tão grande.

Balancei minha cabeça.

— Pare de seguir-me, — murmura.

— Não posso fazer isso.

Ela pisa para a frente e a sigo até que se aproxima do vestiário masculino. Então bato com a porta aberta e puxo-a para dentro. Um par de anormais estão dobrados em cima da pia cheirando algo acima de seus narizes.

— Saiam, — ordeno eu.

— Mas nossas linhas... — um deles lamenta.

Pego Wa… não, Mallory pelo pulso, de modo que não possa escapar e atravesso a sala até chegar às pias. Inclinando-me para baixo, sopro e sopro sua pequena montanha de coca para a bacia.

— Que porra é essa, Carter!, — Grita um punk.

— Cara, isso custou como dois mil dólares. É premium…

— Não me importo. Não usem drogas no meu vestiário. — Minhas regras são rígidas. Nenhuma mulher, nenhuma bebida, nenhum jogo, nenhumas drogas. Essas são as coisas que você não permite se quiser ganhar campeonatos, não pode perder um membro em seu plantel. Todo mundo tem agido de acordo com essas regras por quatro anos.

— A temporada acabou, — grita o primeiro anormal.

Como se importasse.

— É o meu vestiário até deixar esse buraco do inferno. Agora dê o fora antes de fazer você cheirar a sujeira fora os sapatos da equipe de limpeza.

— O que se arrastou até sua bunda? — atira o segundo punk, enquanto se endireita e enxuga o dedo no nariz.

— Se não sair, meu 43 vai estar tão perto do seu canal anal, que vai sentir meu dedo do pé de aço em sua garganta.

— Basta esperar até você ir. Vamos fazer o que quisermos aqui, — murmura, cheio de bravura branca em pó.

— Mas eu não fui embora, fui? — Digo tranquilamente porque estou feito com a sua merda e quero que saiam daqui para que possa falar com Mallory sobre como a cena no café foi um mal entendido e não feito intencionalmente para humilhá-la. Estes dois paus estão me dando nos nervos.

— Acho que vocês devem ir, — contribui Mallory. — O vi quando está louco. Não é uma coisa a que se sobreviva. Certa vez, tomou um gato e jogou-o pela janela. Caiu em seus pés, mas pode imaginar o monstro que ele é se joga animais ao redor?

As mandíbulas dos estudantes viciados em coca caem com estas informações e correm para fora para espalhar a notícia de que sou um abusador de animais. Se a minha reputação antes era ruim, isto certamente vai colocar um prego no meu caixão. No minuto que a porta se fecha atrás deles, me volto para Mallory com um olhar sombrio no rosto. Ela dá um passo para trás e eu avanço. Fazemos essa pequena dança até sua espinha atingir a parede de azulejos. Bato uma mão ao lado de seu rosto e me inclino.

— Não tenho um gato.

— Poderia ter de qualquer das formas. Você parece o tipo. — Lambe os lábios nervosamente, como se não conseguisse acreditar que disse o que disse. Sua língua rosa suave aparece furtivamente ao longo da carne gorda de seu lábio, antes de desaparecer tão rapidamente como apareceu. Quero aquela língua na minha boca. Quero aquela língua na minha pele. A quero correndo sobre meu lábio. Quero isso traçando um caminho no meu pescoço. Quero que deixe uma trilha para meu pau. A quero no meu pau. Porra. O sangue na minha cabeça desce para minha virilha. Minhas calças jeans diminuem dois tamanhos. Mergulho para baixo ainda mais perto até que não há quase nenhum espaço entre nós, precisando dela para entender alguns fatos simples.

— A única coisa que já dei a mínima em toda a minha vida é o futebol. Futebol e gatos não co-existem, então nunca tive um bichano. Nem uma única vez na minha vida, — Digo com deliberação.

Seus olhos se arregalam.

— Não acredito em você.

— Não importa se não acredita em mim. A verdade é a verdade.

— No minuto em que entrou na escola, metade da população feminina foram planar em torno de você, — zomba.

— E eu só tinha olhos para você. — Não posso esperar mais um minuto. Minha boca mergulha na dela, descansando suavemente porque não quero assustá-la. Ela inala acentuadamente, mas não me afasta. Aprofundo a pressão, sentindo seus lábios dar forma e sua língua desliza contra a costura da minha boca. Meus joelhos quase dobram em seu primeiro toque. Chego e puxo seu queixo e sua boca se abre para mim. Me convido para entrar, varrendo através da barreira, a saboreando em toda a sua glória. Ela é doce e quente, como cidra quente em um dia frio. As mãos dela vêm para cima para agarrar meus ombros e até mesmo esse pequeno toque quase faz com que me perca.

Vou para baixo e agarro seu traseiro, a levantando no ar até ela estar confortável contra a minha ereção. Suas pernas envolvem em torno de minhas coxas. Pressiono-a contra a parede para que possa libertar uma mão para mergulhar em seu cabelo espesso, torcendo-lhe o rosto para que o meu acesso seja melhor. Nossas línguas são um emaranhado. Suas mãos deslizam sobre os meus ombros e meus braços, sentindo meus músculos flexionarem enquanto mói contra mim. Seu calor me atinge, mesmo através de duas camadas de roupa, mas isso não é suficiente. Com uma das mãos em concha sob

seu traseiro, ando em torno dela até que possa colocá-la na borda da pia. Então ataco sua camisa, levantando a boca da dela apenas o tempo suficiente para obter o tecido sobre sua cabeça. Minhas mãos descem e moldam os seios, puxando-os para fora das taças dos sutiã que os restringem. Rodo meus dedos sobre os mamilos. Ela geme contra a minha boca.

— Assim? — Digo e repito a ação. Ela balança a cabeça, de olhos vidrados. Nunca vi um olhar mais sexy que o de Mallory, neste momento com seu cabelo despenteado, sua camisa, seu sutiã puxado de lado apenas com seus jeans apertados, encerrando em suas pernas. Tenho meus dedos nos botões de sua calça jeans quando há um barulho do lado de fora do vestiário. Nossos olhos se encontram com surpresa. Nos tínhamos esquecido onde estávamos. Ela me empurra, agarra sua camisa e foge em uma das cabines, quando metade da equipe entra no vestiário.

— Carter, Entãoooooooo! — Grita Ben.

Ele protegeu minha bunda por quatro anos e se gosto de alguém nesta maldita escola, é ele, mas neste momento, quero lhe bater no chão até que desapareça como poeira.

— Não posso acreditar que está tendo uma festa na sexta-feira. Isso vai ser incrível— Ele me dá um tapa na parte de trás.

— Sim. É verdade. Não posso esperar. — Olho para a porta da cabine. Ela nunca vai sair. Não enquanto houver pessoas aqui dentro. Me afasto de Ben, ajusto os meus jeans, e espero que minha ereção diminua. Uma vez que tenho eu mesmo sob controle, sorrio finamente para os meus antigos colegas de equipe. — Que tal irmos todos para o próximo período de Shake Shack? Por minha conta.

Os gritos são ensurdecedores. Levo a manada toda para fora. Fast pega meu cotovelo.

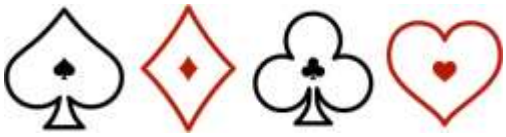
— Vou pedir a Ace para entrar e vir buscar a sua menina.

— Como você sabe?, — Pergunto em surpresa.

— Eh. Não era difícil de adivinhar. — Aponta para o meu rosto. — Você tem brilho labial manchado em todo o seu rosto e estava encostado a uma porta de cabine em particular. Acho que a regra de não-meninas não se aplica a Mallory.

Esfrego o polegar no meu rosto.

— Acho que nenhuma regra que eu tinha se aplica a Mallory.



Capítulo Dezesseis

Mallory

— Tudo limpo, — Ouço Aly dizer. Abro a porta da cabine do banheiro para vê-la em pé lá. Deuce tem todos, para mostrar que a barra está limpa, mas ainda estou um pouco desconfiada de retardatários. O último lugar que quero ser pega enquanto sou a nova garota é no vestiário dos meninos. Rumores começam rápido e não preciso de nenhum drama na minha vida. Carter está provando ser um punhado como ele é.

— Obrigado. — Abro a porta da cabine por todo o caminho. Meu coração finalmente parou de bater no meu peito. Não sei se foi da sessão pesada de curtição ou quase ser pega. Foi provavelmente um pouco de ambos. Talvez fosse como Deuce tratou esses idiotas quando entramos pela primeira vez. Estou supondo que é uma mistura de tudo. Honestamente não acho que estou pronta a admitir a verdadeira razão. O que tem me apaixonada por Deuce.

— Então. Carter não é seu primo, — diz ela com um sorriso no rosto. Meu estômago fica nervoso por um segundo, porque não quero mentir para ela se não precisar.

— O que te faz dizer isso? — Me estico, certificando-me que meu cabelo não é uma bagunça. Tinha as mãos de Deuce estado nele? Toco minha boca ao lado, sentindo auto-consciente agora. Oh Deus, apostaria que meu brilho labial está em todo o meu rosto.

— Sua boca está inchada. Conheço o sentimento. — Continuo a correr meus dedos em meus lábios que ainda formigam. Inferno, se estou sendo honesta, todo o meu corpo está formigando. — Isso é tão incrível. — Aly realmente delira sobre a notícia de Carter e eu não sendo parentes. Se não estivesse tão apaixonada por Owen eu poderia ter - oh, Deus - ciúmes.

— Por que acha isso tão interessante? — Primeiro foi sobre a casa de Carter e então fez algumas perguntas antes de Deuce aparecer no refeitório. Todos agem tão surpresos por ele mesmo falar comigo. Quer dizer, sei que pode ser um pau mas porra. Essas pessoas fazem parecer que nunca teve um amigo antes. Seu comentário sobre nunca ter um bichano aparece na minha cabeça. Que despertou a minha curiosidade também. Quis dizer o que pensei que queria dizer? De jeito nenhum.

— Porque é Carter. Ele é um enigma estranho que não consigo descobrir nada de sua vida. Não sei se é um cara bom ou um cara mau. Ele é apenas... — Suas sobrancelhas se juntam e sei o que está

pensando. Ela joga as mãos para cima. — Não sei o que é, mas agora está todo entusiasmado sobre uma menina.

— Isso não é normal? — Tento bisbilhotar um pouco lembrando os meus pensamentos de alguns minutos atrás. Ainda é difícil de acreditar, mas Aly está aqui, confirmando isso.

— Ele não dá qualquer tempo do seu dia, a menos que mexa com algo que esteja fazendo. O futebol é realmente a única vez em que ele socializa com alguém da escola. Se considerar dar ordens para as pessoas de socializar. No entanto, quando faz isso, todo mundo cai em linha porque acho que sua família pode possuir esta escola ou algo assim. Não sei. — Ela balança a cabeça. — Quero dizer, ele é um pau às vezes, mas tenho que admitir que recebe merda se sai fora da linha. Tenho um pouco de respeito por isso. Às vezes, alguém tem que ser o idiota e é bom se o idiota está do seu lado , — diz, dando de ombros. Fazendo parecer como se Carter fosse o menor de dois males, por vezes.

— Então deixe-me ver se entendi. Ele não fala com ninguém a menos que seja necessário e nunca namorou ninguém aqui?

— Isso resume tudo a partir do que já vi. — Encolhe os ombros novamente. Suas palavras me deixam triste por um minuto. Uma solitária vida que deve levar, não tendo nenhum amigo de verdade.

Acho que somos iguais em uma série de maneiras. Realmente não tenho ninguém que estivesse perto na minha outra escola, mas não foi porque escolhi. Minha mãe tinha feito a minha cama, antes que tivesse uma chance para as pessoas me conhecerem. Os seus caminhos fizeram com que as pessoas assumissem automaticamente que eu era filha da minha mãe.

Tenho que admitir que a confirmação que Carter não tem encontros me dá um sentimento que percorre quente através do meu corpo.

— Vamos. Vamos para o Shake Shack antes que Owen esteja estourando a porta. — Seu telefone celular toca na hora. — Estão esperando por nós. — Puxa as chaves do bolso. — Eu vou dirigir. Normalmente não pulo classes, mas tenho certeza de que Carter vai dar passes livres a todos. Além disso, quero ver isso. — Segui-a para fora do vestiário, enquanto ela digita, se afastando em seu telefone. Ela começa a rir.

— Carter deixou Owen ir com ele para que você possa ir comigo. — Me mostra seu telefone. — Acho que Carter disse a Owen para não dizer uma palavra sobre a bagunça. — Pode não ter dito uma palavra sobre isso, mas Owen tirou uma foto para enviar Aly da bagunça que fiz no carro.

— Não posso fazer nada se sanduíches de croissant são esquisitos!— Digo em minha defesa. Aly ri, enquanto balança a cabeça.

— Carter não deixa ninguém entrar em seu carro. Agora está deixando você comer nele e dá a alguém uma boleia para que você tenha uma. Dizem que há alguém lá fora para todos. Parece que Carter finalmente encontrou seu par, — Aly diz, me provocando enquanto a sigo para fora. Ela continua caminhando até que chega a um Tesla branco dos sonhos, que por algum motivo não estava esperando que ela tivesse. Deve ter visto o olhar de surpresa no rosto.

— Meu padrasto é um cirurgião, — diz, explicando o carro de luxo. Abro a porta e entro.

— Existem regras no carro?, — Pergunto. Nós duas começamos a rir.

— Por que, então você pode quebrá-las como faz com Carter?

Sorrio, sabendo que Aly e eu vamos ser grandes amigas.

— Vamos ver os nossos homens, — Aly diz enquanto se afasta da escola. Permaneço em silêncio porque Carter não é meu. Ainda

não, de qualquer maneira. Embora tenho certeza que ele pensa que sou sua.



Capítulo Dezessete

Carter

— Tive uma visita do prefeito Al ontem, — meu pai diz quando entro no ginásio.

— Ótimo, — grunho e bebo o smoothie de couve e banana. Tem gosto de bunda, mas é saudável e bom para o meu corpo. Comecei a treinar três vezes por dia para queimar o excesso de energia que tenho de querer transar com Mallory o tempo todo. Dá resultado, mas isso só no final do meu terceiro treino, o que faço bem antes de ir para a cama, estou tão completamente exausto, que mal posso reunir a energia para dizer boa noite, muito menos me masturbar no banheiro.

— Disse que podemos estar a abrigar um criminoso.

Quase tropeço no meu caminho para a esteira.

— Não sei como isso é possível, — consigo dizer, enquanto subo no tapete de borracha. — O que disse a ele?

Ouço os passos do meu pai a sair da elíptica e enxugar o suor do rosto com uma das toalhas de ginástica, bordadas com uma falsa crista e suas iniciais.

— Que os planos para o festival de outono precisam de mais atenção do que o que estava acontecendo em nossa casa. Fico feliz que você finalmente está interessado em alguém e estamos bastante confortáveis , não estamos preocupados que a jovem senhora roube de nossas carteiras. Embora espero que se tiver qualquer coisa valiosa que não queira comprar no mercado de segunda mão, vai trancá-la. Nenhum julgamento. — Levanta as mãos. — Falo por experiência própria. Você se lembra da Deborah?

— Não quero saber, — corro mais ainda, quando parece que está prestes a adicionar alguns detalhes para sua história.

— Tudo o que estou dizendo é que quero que se divirta, mas não se machuque. — me dá um tapinha nas costas e se afasta para recolher suas coisas. — Aproveite sua festa hoje à noite. Estou voando para Paris em poucas horas. Deixe-me saber se quiser alguma coisa de lá. Poderia escolher algo de bom para a sua amiga, apenas no caso de precisar dela mais tarde, para um pedido de desculpas.

A ideia do meu pai de pedir desculpas é uma pulseira de US $ 25.000. Acho que as compra em massa de Cartier.

— O que você fez desta vez? — Pergunto, iniciando a máquina.

— Posso ter esquecido o nome da pequena atrevida. — Um lado de sua boca sobe. — As senhoras não gostam disso. Você não terá esse problema já que viveu como um monge todos estes anos, mas no caso de este ser o começo de alguma descida inglória para uma vida de verdadeiro deboche, tente chamá-las pelo seu nome de batismo correto. Fica muito caro quando esquece essas coisas.

— Então, mais um bracelete?

— Filho, a pulseira é para essas coisas por como não se lembrar, de que ela gosta de duas colheres de açúcar em seu café. Esquecendo um nome enquanto está íntimo com uma mulher requer uma viagem de avião privado para Paris e uma visita exclusiva para a Place Vendôme .

— Ainda bem que não tenho esse problema. Além disso, não sei o que Al lhe disse, mas Mallory não é uma ladra, então não tenho que trancar qualquer coisa. — Não que tenha muito. Há alguns relógios que poderia buscar um preço bom, mas não sou como meu pai. Não

tenho estatuetas incrustadas de jóias ao redor da casa e essas merdas.

— O que ela é, então?

Aumento a velocidade da esteira para nove e deslizo os fones de ouvido como cancelamento de ruído nos meus ouvidos antes de responder.



— A sua futura nora.

O CHOQUE no rosto de meu pai depois que fiz o anúncio ainda me faz rir horas mais tarde.

— O que é tão engraçado?, — Pergunta Mallory enquanto supervisiona os fornecedores colocando para fora sacos de batatas fritas e molho, junto com refrigeradores cheios de refrigerantes, limonada e bebida. Mallory insistiu sobre a comida ser de festa – o que quer que isso significasse. E tinha que parecer como se fossemos nós a fazer em vez de contratar alguém. Na verdade, ela realmente queria ir e comprar toda a merda para esta festa, mas quando expliquei a ela que não estava carregando suficientes chips e bebidas no meu Maserati para fornecer duas a três centenas de

pessoas, permitiu-me chamar um serviço de buffet. Já foi bastante ruim ter tido Fast no meu carro, quanto mais bebidas carbonatadas e junk food.

— O meu velho. — O calor das lâmpadas criado ao redor da piscina estão aquecendo-me. Não acredito que meus colegas estão tão ansiosos por vir a minha casa que estão dispostos a despir as suas roupas no meio da porra de janeiro. Mallory tem um cobertor de flanela dobrado sobre os ombros.

— Onde está? — Se vira, esticando o pescoço para ver dentro da casa.

— Voou para Paris. — Fico olhando para o arredondamento de sua bunda e me pergunto se tenho tempo para outra volta antes de a multidão chegar.

— Negócios?

— Suponho que pode dizer isso. Ele fodeu com sua última namorada e tem que levá-la a alguma loja de jóias para comprar o seu caminho de volta para sua cama. Ou sua cama uma vez que ela está basicamente vivendo aqui.

— Uau. Isso é algo. Você vive uma vida muito diferente.

— Você deve se acostumar com isso.

— Nah. Acho que não. Quero dizer... é ótimo que está deixando me ficar, mas assim que encontrar meu próprio lugar, vou estar fora de seu lugar.

Suas palavras são mais alarmantes do que uma lata de Coke explodindo no meu carro.

— O inferno que você está, — Rosno. — Esta é a sua casa agora.

Ela se vira e dá-me uma careta.

— Não vou ser sua sanguessuga para o resto do semestre. Acho que posso encontrar um emprego. Falei com o fornecedor e pagam alguns salários decentes. Estava pensando…

Corto a minha mão através do ar.

— Pare aí. Não pense mais. Você não está se mudando e ponto final.

— Deuce, o seu lugar tem um quarto. Não posso dormir no sofá nas próximas doze semanas.

— Então pode ter minha cama. — Solução óbvia. Eu sorrio.

— Onde você está dormindo?

O sorriso cai imediatamente. Acho que a opção de dividir a cama não lhe interessa ou nem sequer entra em sua mente. Após o nosso beijo na segunda-feira, praticamente evitou todo o contato comigo por isso voltamos provavelmente à primeira fase. Ela não quer que eu a toque e prefere trabalhar a entregar comida para os outros do que continuar vivendo em minha casa.

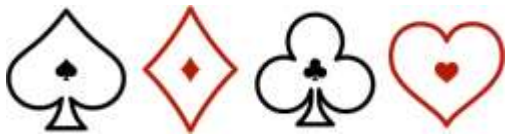
— Quanto? — Deixo escapar.

— Quanto para quê?

— Quanto dinheiro quer em troca de ficar no meu lugar? — A pergunta sai antes de pensar nas consequências.

Sua boca cai aberta e aparecem duas manchas vermelhas nas bochechas.

— Ah, então é isso que você pensa de mim, — diz, em uma voz irritada baixa. — Que sou uma prostituta e pode apenas comprar-me? Foda-se, Carter Franklin. — Ela me dá um forte empurrão na piscina.



Capítulo Dezoito

Mallory

Estou aqui chocada por um segundo que realmente empurrei Carter na piscina. Mesmo que merecesse. Quando vem à tona para respirar o olhar em seu rosto é de choque também. Espero por sua ira, que grite comigo, mas só olhamos um para o outro, nenhum de nós diz uma palavra. Engulo o caroço na minha garganta, porque a raiva que estava sentindo resfriou. Tenho certeza que esfriou mais rápido que a piscina fez com Carter. Agora, tudo o que sinto é tristeza. Por que essa dor é maior do que quando minha mãe não acredita em mim sobre seu namorado? *Porque comecei a confiar em Carter*, minha mente sussurra.

Pensei que nós tínhamos nos aproximado. Mantenho minha distância com ele quando se trata de espaço pessoal, mas não com outras coisas. Ao longo da última semana disse-lhe mais e mais sobre a minha vida. Lágrimas picam meus olhos, mas luto contra elas. Não vou chorar na frente dele.

— Acho que Carter estava tão animado com sua primeira festa em casa que não pôde mesmo esperar para colocar seus calções. —

Aly ri, fazendo com que os meus olhos mudem em direção a ela. Owen está de pé ao lado dela com seu braço sobre seu ombro e segurando um cobertor no outro lado. Chegaram cedo. Isto não é surpreendente. Aly vai querer dar uma espiada na casa de Carter e nós duas nos tornamos grandes amigas. Ela é sempre pontual. Até me pediu para ajudá-la a escolher um maiô. Disse que ia trazer mais alguns que já possuía e ia experimentá-los enquanto estivesse aqui. Pensei que iria dar-nos tempo sozinhas, então concordei em mostrar-lhe os que Carter comprou para mim. Ainda tenho que abrir os sacos. Ainda estão guardados em seu armário, em uma pilha pouco agradável. Não importa quantas vezes tentei colocar numa pilha agradável, pilha arrumada. Não tenho certeza se foi a empregada fazendo isso ou Carter.

— Algo assim, — Carter responde de uma forma que não é realmente respondendo a todos. Não parece louco, mas começa a se mover em direção a mim. Não tenho nenhuma idéia do que vai fazer quando ficar fora da piscina, então tomo a dianteira.

— Me siga. Nós vamos mudar. — Movo para Aly. Sai do aperto de Owen para me seguir. Carter salta para fora da piscina, mas Owen agarra-o pelo ombro.

— Deixe-as ir, — Owen diz a ele. Continuo caminhando, mas espero por Carter mande Owen se foder ou se meter no seu próprio negócio, mas ele não faz. Espreito por cima do ombro. Carter continua olhando para mim, mas se resigna a ficar com Owen.

— Você quis empurrá-lo na piscina? — Sussurra Aly quando lhe mostro a casa de Carter.

— Sim, mas…

— Menina, não precisa terminar a frase. Tenho certeza que merecia. — Suas palavras me faz sorrir. — Vai me dizer por quê? — Seus olhos dançam em todo o lugar de Carter quando entramos, mas continua me seguindo até entrarmos no armário.

— Ele cedeu parte de seu armário para você? — Olha em volta em reverência. Meu lado do armário está enchendo cada vez mais. Não sei de onde tudo está vindo, mas juro que há coisas novas todos os dias. Não há nenhuma maneira que alguma vez vou ser capaz de usar todas essas coisas.

— Talvez estivesse meio vazio antes de eu chegar aqui, — Lanço para trás, não querendo pensar sobre Carter fazendo nada de bom para mim agora. Quero ficar brava com ele por um pouco mais.

— Claro… — Aly revira os olhos, antes de pular para a ilha no meio do armário. Ela fica confortável e despeja todos os maiôs de sua bolsa. — Diga-me o que Carter fez que a fez jogá-lo na piscina. — Seus olhos se iluminam. — Aposto que existem câmeras na piscina! Poderíamos vê-lo em câmera lenta. — Brinca. Mordo meu lábio para não rir com ela. — Estou brincando. Só queria levá-la a sorrir assim você vai desembuchar.

— Ele tentou me pagar para viver aqui, — admito. Olho para os maiôs dela despejados para fora. Suas palavras me fizeram sentir barata e suja. — O namorado da minha mãe tentou me oferecer dinheiro também em um ponto. Saí para ficar longe disso, mas, obviamente, entrei na mesma situação. — Olho para Aly.

— Pagar por sexo ?!— Aly salta para fora da ilha.

— Não!— Agarrei-a antes que possa ir e empurrar Carter de volta para a piscina. — Para viver aqui. Não disse que tínhamos de ter relações sexuais.

Aly fica ali por um momento, olhando para mim. A raiva desaparece de seu rosto em forma de um pequeno sorriso nos lábios. Não entendo sobre o que está sorrindo. Parecia que queria matar Carter alguns segundos atrás.

— Ele não sabe de outra maneira. — Ainda não entendo onde está chegando. — Quero dizer, Carter vive uma vida solitária. Todo podemos ver isso.

Balanço com a cabeça em concordância. Não me levou muito tempo para entender isso sobre ele. Não tenho certeza se mesmo Carter sabe que é solitário. Se nunca teve alguma coisa, então não a pode perder. Acho que é o caso com Carter. Nunca se colocou lá fora para ter um relacionamento que significasse algo. Quer se tratasse de um amigo ou algo mais. Esse pensamento tem um pouco de ciúme surgindo em mim.

— Pense nisso. Esta é a forma como cresceu. — Movimentos com as mãos. — Quer algo, compra. É tudo o que sabe. É tudo que já conheceu. — Ela dá de ombros. — Quero dizer que é triste, mas se pensar sobre isso, está tentando mantê-la e está fazendo isso da única maneira que sabe. Nem sequer sabe que está sendo um idiota.

— Não tinha pensado nisso dessa forma. — Não está insistindo para o sexo. Quando coloquei espaço entre nós, ele deu para mim. Eu mesmo assisti-o ter a batalha consigo mesmo sobre ele. Seus dedos coçaram para me tocar. Tenho que admitir que queria o toque. Isso me assusta muito. Porque conhecê-lo e depois perdê-lo seria devastador.

— Bem, talvez o impulso na piscina ajudou a dar-lhe uma verificação de realidade. Se não, Owen pode estar dando-lhe uma.

Carter pode ser um idiota às vezes, mas acho que Aly pode estar certa. Preciso lembrar que ele tem sido tão compreensivo da minha situação e de onde vim, que deveria fazer o mesmo com ele. Oh, sua vida pode ser muito mais agradável, mas tenho certeza que ainda vem com suas próprias cicatrizes.

— Vamos encontrar nossos maios. — Rasgo um saco que Carter me pegou.

Aly cai na gargalhada.

— Isso é algo que uma velha senhora usaria.

Abro um outro saco e é pior do que o anterior. Lágrimas de riso escorrem de seu rosto. Não posso deixar de rir junto com ela.

— Tão feliz que Owen não escolheu ou viu minhas roupas de banho. Teria terminado com uma que se parecesse com um maio de vovó também. — Limpa as lágrimas do rosto. — Aqui. Escolha um dos meus .

Não posso deixar de rir novamente. Não posso acreditar nos maiôs que escolheu para mim.

— Este deve caber. — Seguro um de duas peças branco.

— Vamos experimentar isso, — Aly concorda e colocamos os biquinis. — Tem um robe? Quero chegar à piscina antes de Owen tentar me cobrir em sua camisa ou algo assim. — Vou para o banheiro e pego o meu para dar a ela. É então que noto como o meu paira ao lado de Carter. É como se já estivesse vivendo aqui.

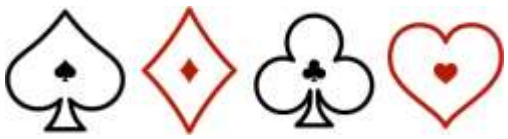
— Não vai colocar um? — Aly pergunta.

— Não. — Não depois de os antigos trajes de banho que ele me pegou.

Aly dá um sorriso maligno.

— Isso vai ser maravilhoso.

Não tenho certeza como essa noite vai acabar, mas não estava esperando que isso acabasse com os policiais aparecendo.



Capítulo Dezenove

Carter

Não ouvi as sirenes. A música era demasiada alta. Além disso, duas centenas de veteranos e alguns calouros eram barulhentos o suficiente para afogar uma sirene, então fui surpreendido quando o nosso mordomo, Felton, me encontrou de pé junto à borda da piscina tentando bloquear o resto do pessoal de olhar Mallory com o corpo quase nu.

O mordomo me chama de lado.

— Senhor, há oficiais aqui para ver sua convidada.

Meus olhos voam para Mallory, que está em uma luta na água com Aly. Olha para mim, aprendendo os nomes das pessoas. Me dou um breve tapinha nas costas antes de girar para Felton.

— Como passaram os portões?

Felton limpa a garganta.

— Estavam abertos para todos os convidados.

Fizemos um levantamento da multidão agitadas em uníssono. Um par de mesas foram derrubadas. Alguém rompeu o braço de uma das estátuas do papai. Há mais cerveja sobre as telhas do que no estômago de qualquer um e por isso muitas pessoas tiveram sexo na banheira de hidromassagem, a coisa vai ter que ser drenada e desinfectada com lixívia industrial. Ou talvez devêssemos apenas arrancar a banheira e começar de novo.

— Lembre-me de nunca mais sediar outra festa, Felton, — digo, enquanto ando para pegar meu casaco. Está frio fora da água. Quem pensou numa festa na piscina na porra de janeiro, devia ter sua cabeça examinada.

— Anotado, senhor. Devo chamar seu pai?

Verifico o tempo. São nove aqui por isso são quatro da manhã lá. Papai não vai estar acordado por mais duas horas. Além disso, sou um adulto com uma gorda conta bancária. Posso resolver isso.

— Nah. Vou lidar com isso. — Começo a ir para a casa.

— Muito bem. Coloquei os oficiais na biblioteca e… — Ele para perto e eu também. Os oficiais se desviaram para fora da biblioteca e estão em pé sobre as telhas do terraço do deck, com vista para a piscina. Minha mente pisca para a possível erva e cerveja que está

sendo consumida lá embaixo. Não amo esses meus colegas, mas ninguém está ficando preso em uma das minhas festas.

Começo a subir as escadas.

— Posso ajudá-los? — Me esforço para ser agradável.

— Quantos anos têm todos aqui?

— Isto é propriedade privada. Têm um mandado de busca para o lugar? Porque, se não, acho que deveriam sair.

O oficial magro e alto, que parece que saiu de uma animação do Tim Burton, puxa um pedaço de papel do bolso e abana-o na frente do meu rosto.

— Temos um mandado para a prisão de uma Mallory Simmons. Temos informações de que está sendo abrigada aqui.

Chamo a atenção. Ninguém está levando Mallory de mim, especialmente não a polícia.

— Não sei de quem está falando. Ninguém com o nome de Simmons vive aqui. É o meu pai, eu e minha prima.

— Senhor. Simmons é uma fugitiva perigosa que roubou milhares de dólares. Para sua própria segurança, é melhor se a levarmos para longe de ti. — O mais curto começa a se mover.

Felton dá passos para bloquear seu caminho.

— Como disse, ninguém aqui vai por isso. Vou pedir para sair, — digo, ainda tentando ser legal, porque eles têm armas e Mallory está em perigo e não quero nada doentio para acontecer, porque os policiais estão felizes.

— A escola disse que havia uma nova aluna que envolveu esta semana pelo nome de Mallory.

Um arrepio corre frio na espinha. Esses caras têm vindo a fazer alguns trabalhos.

— Sim, e se verificar o seu sobrenome? É o mesmo que o meu.

— Vamos ver alguma identificação da sua prima, então.

Estendo meus braços.

— Cara. Estou tendo uma festa para celebrar a equipe ganhando o campeonato. Nossa quarta consecutiva. Talvez tenha lido sobre isso nos jornais. Parece-lhe que estou transportando identificação da minha prima?

O personagem de Tim Burton pára sobre o seu grande bico de um nariz.

— Podemos esperar enquanto o vai buscar. Entretanto, é cheiro de cerveja que sinto?

— É um processo que cheire? — Disparo para trás. — Felton, obtenha Baker e Baker no telefone. Parece que temos um abuso de poder em nossas mãos. Quais são os seus números de distintivo?

A ameaça de uma ação limpa a presunção do rosto de Tim Burton.

— Bem. Mas queremos Mallory. Desista dela e nenhum de seus amigos será cobrado por beber sendo menor de idade.

— O que está acontecendo aqui?

Me viro para ver Aly e Owen em pé bem atrás de mim.

— Nada. Voltem para a festa.

— Vocês dois conhecem uma Mallory Simmons? — Exclama Tim.

Aly balança a cabeça.

— Temos um par de Mallorys na nossa classe. Mallory Lagoas e, em seguida, a prima de Carter. Só começou a escola na semana passada.

Tim tira uma foto e empurra na cara de Aly.

— Reconhece esta menina?

Meu coração começa a bater. A foto é claramente de Mallory. Seu cabelo está puxado para trás em um rabo de cavalo e está usando batom vermelho, mas é ela. Mais alguns alunos chegam da piscina para o deck. Começam a passar a foto ao redor.

— Não. Nunca a tinha visto antes , — diz Aly.

— Não parece familiar— Owen acrescenta.

Um a um, outros confirmam que a pessoa na foto é desconhecida para eles.

Tim cresce frustrado. Seus olhos digitalizam a multidão e param em uma figura de pé na beira da piscina.

— Ela. Quem é aquela?

Meu coração está na minha garganta até agora, então não posso responder. Ao meu lado, Felton se transformou em uma estátua congelada.

— Oh, isso é a prima de Carter, Mallory, — responde Aly. Acena para cima para Mallory se juntar a nós.

— Que diabos está fazendo? — Murmura Owen sob sua respiração.

Mesmo, Owen. Mesmo. Meus dedos ficam gelados. Sei que se disser a Mallory para ficar à beira da piscina, irá derrubar tudo, assim o que posso fazer é ficar impotente enquanto minha menina sobe lentamente a colina até que esteja ao lado de Aly.

— O que foi?, — Diz ela. Sua voz é firme, mas suas mãos tremem. Quero andar mais ao lado dela e puxá-la em meus braços, mas isso não seria uma ação muito de primos.

— Chame o advogado, — Digo a Felton. Isso é tudo o que posso fazer neste momento.

— Já viu esta menina antes? Ela tem o mesmo nome que você. - Aly empurra imagem de Mallory em suas mãos.

— Um ... — Mallory está insegura sobre o que dizer, mas eu finalmente pego.

— Sim, você a viu?, — Digo.

— Esta é você, — diz o personagem de Burton. Chega atrás dela com um par de algemas.

— Você está cego, homem? Não se parecem nada. — Pego a imagem da mão de Mallory e seguro-a até seu rosto.

— Elas são a mesma pessoa.

— Deus, as pessoas de idade, — diz Aly. — Acham que todo mundo tem a mesma aparência. Mallory parece como esta pessoa? — Ela pega a foto de mim e acena para a multidão. Todo mundo sacode a cabeça, cheio de negação.

— Nah. Totalmente diferente. Os olhos da nossa Mallory são bem mais distantes.

— A da foto tem lábios estranhos, — oferece outro.

— Arranje alguns óculos, cara!, — Grita alguém na parte de trás.

— Elas não são a mesma pessoa, — diz Brad, o hacker. — Posso fazer uma análise de computador, mas só iria confirmar o que todo mundo está dizendo. Não são nem remotamente a mesma. É como dizer que eu pareço com o Carter.

Todos riem disso, subornados por cerca de trinta libras. O cara de desenho animado de Tim Burton começa a crescer confuso. Sua confiança está abalada diante de trinta e alguns adolescentes que dizem que ele é cego.

— Nós devemos ir, — seu parceiro sugere calmamente. — Capitão Warner disse para não vir aqui.

— Senhor. Baker está a caminho. Ele disse que se a polícia estiver aqui quando chegar, a primeira coisa que vai trabalhar na parte da manhã será o abuso de poder, —Felton anuncia.

Inclino a minha cabeça.

— O que vai fazer?

Burton com raiva bate seus papéis contra a perna da calça.

— Vou estar de volta, — diz, finalmente.

— Vamos ver, — digo. — Felton, mostre aos homens o caminho para fora.

Tomo Mallory pelo braço e marcho de volta para a piscina.

— Coloque de novo música! — Grito e o som de Lizzo cantando sobre jogando o cabelo para trás enche o ar. Mallory arrepia-se. Encontro um cobertor e jogo-o sobre os ombros. — Você está bem? — Pergunto.

— Não, - admite.

Dobro-a contra meu lado.

— Vamos beber uma cerveja. Vai aquecê-la.

— Ah, isso não é possível, — Aly me informa.

— Por que não?

— Nós derramamos tudo na piscina, — Ben timidamente me informa. — Não sabíamos mais o que fazer com ela, — Chora quando olho para ele, incrédulo.

— O que você fez com as garrafas?

— Jogamos no ar atras na casa da piscina.

Bato o punho contra a minha testa.

— JFC, seus idiotas. Bem. Vou contratar alguém para limpá-lo.

— Você está tendo-nos de volta na próxima semana, certo? — Diz ele.

— Está brincando comigo? Nunca vou abrir as portas novamente.

— Ele está tendo uma festa na próxima semana, — silvou Mallory.

— O quê? — Grito.

Ela olha para mim com uma expressão de súplica.

— É o mínimo que pode fazer. Todos aqui me defenderam. Temos de pagar-lhes de volta.

— Nós?

Ela balança a cabeça timidamente, me dá um pequeno sorriso e, em seguida, pressiona o rosto em meu ombro. Nós. foda Santo.

— Ok, festa na casa do Carter será todos os fins de semana até o fim dos tempos, — declaro.



Capítulo Vinte

Mallory

Sinto-me segura nos braços de Carter, mas quando a porta do seu lugar fecha atrás de nós, sou engolida por segurança. Vou para os seus braços, me envolvendo em torno de seu pescoço enquanto o puxo para baixo para me beijar. Empurro meu corpo frio para o seu. Ele é todo calor e proteção, algo que nunca senti de qualquer outra pessoa na minha vida antes. Toda a raiva que estive segurando derrete neste momento. Agora sei que o que Aly disse está certo. A razão que Carter me ofereceu dinheiro pela estadia não foi para dormir com ele, mas porque se preocupa comigo. Lágrimas estão enchendo meus olhos, pensando na maneira como foi o bastão para mim. É a minha ruína. É a única coisa que quebra a minha determinação e me faz entregar ao que realmente sinto por ele. O jogo de empurra que estamos fazendo é só isso. Um jogo. Estou apaixonada por esse homem.

Pressiono minha língua em sua boca. Ele parece quase chocado por um momento antes de começar a me beijar de volta. Sua mão escava em meu cabelo molhado, enquanto me levanta fora de meus pés. Minha bunda encontra algum tipo de superfície, mas estou

muito envolvida para perceber o que é. Não quero que esse momento chegue ao fim. Não sei quanto tempo nos beijamos, mas quando tento e alcanço sua sunga suas mãos me param. A necessidade de estar tão perto dele quanto possível, corre através de mim.

— Baby, espere.

Minha respiração prende. Olho para ele. Pensamentos dele não me querer, passam pela minha cabeça por um segundo antes de os fechar. Posso sentir sua falta, tudo pela forma como me beijou de volta. Posso ver isso em seus olhos. Posso sentir isso na parte mais profunda de mim. Sabia que sua conversa naquela primeira noite era tudo mentira sobre não me querer. Posso ver agora que alguns de seus momentos de agir como um idiota são por causa da maneira como está se sentindo em relação a mim. Todas essas coisas sarcásticas que disse para mim, eram sua maneira de se expressar. Gostava de me ver trabalhando, até mesmo se isso o fez ser um imbecil.

— Não quero esperar. Quero isso. Preciso disso. — Preciso tanto senti-lo mais perto que o meu corpo dói. E se esta for a minha única chance? Não quero deixá-lo escapar de mim. Ele suga uma respiração profunda, deixando cair sua testa na minha. Seus olhos

caem fechados enquanto solta um suspiro. Sei que está tentando se controlar. O vi fazer o mesmo rosto durante toda esta semana, quando queria chegar a mim, mas passava longe.

— Quero que vá tomar um banho e se aquecer. Você está congelando. — Seus olhos lentamente se abrem. Meu rosto cai por um segundo. Rejeição pica meu coração. Lambo os lábios e tento recuperar a compostura.

— Você está me dizendo que não? — Odeio a insegurança na minha própria voz.

— Porra, não. Não estou dizendo que não a você. — Dá um passo para trás, olhando para mim como se eu tivesse perdido a minha mente. Alívio me enche instantaneamente. — Todo mundo lá em baixo nos apoiou esta noite. Preciso voltar para baixo e garantir que todos cheguem seguros em casa. Eles mantiveram minha menina segura e eu vou mantê-los seguros. Devo-lhes isso. — Sorrio. O Carter Idiota está longe de ser encontrado agora. Embora tenha certeza que quando voltar para baixo, para a festa estará dando ordens, mas essas ordens serão com o melhor interesse de todos no coração. — Tome banho e entre em nossa cama. Quando voltar, você é toda minha. — Sorri.

Forço um sorriso de volta. Não porque isso não soa maravilhoso, mas porque faz. Sei que a realidade está se aproximando de mim. Sei que quando Carter voltar, que vou estar muito longe. Que nunca vou ter a chance de estar em sua cama. Tristeza me domina, mas a empurro para baixo. Sei que preciso deixá-lo descer as escadas e seguir em frente com sua vida. Meu passado incômodo só vai causar-lhe dores de cabeça que não precisa ou merece. Estendo a mão para ele uma última vez.

— Beije-me como se quisesse isso, — digo a ele. Dando-lhe um tempo difícil. É uma das minhas coisas favoritas a fazer com ele. Alguém tem que lhe dar. Quem o vai fazer depois que eu me for? Luto contra um gemido com o pensamento de alguém dando-lhe um tempo difícil. Sinto que é algo especial que compartilhamos. Algo que não quero que mais ninguém tenha. Deveria ser a única a ter esse direito.

Carter leva minha boca, deixando-me saber exatamente o quanto significa isso. Saboreio cada segundo do que será o meu último gosto dele. Tento memorizar a forma como sinto a sua boca na minha, seu cheiro, e acima de tudo a bondade que me mostrou. Às vezes, o momento não é certo na vida e você tem que deixar uma pessoa ir, embora saiba que vai se arrepender para o resto de sua vida. É sobre fazer o que é certo para a outra pessoa. Como Carter

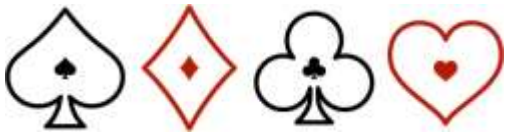
ser um idiota às vezes para me fazer não estar tão no limite ou triste. Sei que pode facilmente fazer o papel, mas também entendo suas razões para isso agora.

— Banho! — ordena. — E jogue essa porra de maiô fora! — Grita enquanto meio que corre para fora da porta, me fazendo sorrir depois dele. Ele amou e odiou o maiô. Só mostrou quão cheio de merda esteve sobre não ser atraído por mim naquele primeiro dia.

Com o coração pesado deslizo para fora da ilha de cozinha e vou em direção ao armário. Tomo um chuveiro de forma rápida e cavo para o meu velho saco de roupas. Não tomo nenhuma das coisas que Carter me comprou. Não posso me obrigar a fazê-lo. Exceto por uma camisola de capuz com o seu nome nas costas. Visto-o, puxando-o para cima da minha cabeça. Então encontro o dinheiro roubado que tirei do namorado da minha mãe e coloco-o lá. Sei que não cobre o que Carter gastou em mim, mas é tudo o que tenho. Não podia deixar Carter se emaranhar com a minha bagunça. Ele tem um futuro brilhante pela frente. Cada faculdade quer ele. Ele vai ser uma estrela. De jeito nenhum poderia dar-se ao luxo de ter uma namorada criminosa. É, afinal, o que sou considerada. Roubei a carteira e não vou deixar a primeira pessoa a me mostrar verdadeira bondade e talvez até mesmo o amor ir para baixo por causa de mim.

Vou para a porta da frente, paro para olhar o lugar pela última vez. Como rapidamente se tornou uma casa para mim. Dói sair. Não é muito o lugar, mas Carter. As pessoas que mal me conheciam e se levantaram para mim esta noite.

— Eu sempre vou te amar, Carter, — digo para a sala vazia antes de fazer a minha saída, deixando uma parte da minha alma atrás de mim.



Capítulo Vinte e um

Carter

O apartamento está morto em silêncio quando volto. As luzes estão apagadas e o sofá está vazio. Um sorriso aparece nos meus lábios. Ela está na minha cama, esperando por mim. Meu sangue começa a rugir em meus ouvidos quando tudo começa correndo para meu pau. Tiro minha camisa sobre a minha cabeça e corro para o quarto.

— Todo mundo diz que você deve a eles um grande gesto. Aly sugeriu que cantasse durante o almoço. Não sabia se cantava bem então disse que tinha acabado de comprar o almoço para todos. Disse a eles que sua mãe era a… — paro rápido na porta. Não há ninguém no meu quarto. Olho para a colcha que nunca foi tocada.

Vou até ao armário. Todas as roupas estão lá, pelo menos as que comprei para ela. Minha ansiedade vai diminuindo gradualmente, só paro imediatamente, pensando novamente quando vejo um espaço na parte inferior do meu armário, onde guardou a sua mochila inutilizada. Caio de joelhos e procuro por ela, mas há apenas meus sapatos.

— Mallory!— Grito. — Sai. Você me pegou. Definitivamente pensei que você estava faltando. — Atravesso para o banheiro e bato a minha mão contra os cortinados. As luzes piscam mas não há ninguém aqui. A verdade afunda como um balde de concreto em uma piscina. Não há ninguém aqui, só eu.

Não vejo nenhum sinal de luta. Os travesseiros sobre o sofá estão empilhados ordenadamente para um lado. Meu controle remoto está cuidadosamente alinhado ao lado do meu livro sobre a arquitetura de Frank Lloyd Wright. As bancadas estão impecáveis. Todos os sinais apontam para ela ter saído sozinha, mas isso não faz qualquer sentido, porra. Estávamos a dois segundos de distância de estourar a cereja um do outro. Tive de fazê-la esperar, porque queria ter certeza de que todos saiam da minha propriedade antes de a destruírem toda. Deve ter escapado com outro estudante. Outro homem? Será que encontrou alguém que gostava mais? Não há ninguém com uma carteira mais gorda. Existem caras na escola mais bonitos do que eu? Não sei nem nunca pensei sobre isso. O que sei sobre o que as meninas são atraídas? Noventa e nove por cento delas só deseja o meu pau porque eu era o quarterback que estava ganhando e porque o meu velho praticamente detém esta cidade. Poderia parecer um troll e ter verrugas em minhas costas e meninas ainda iam querer dormir comigo.

Mas eu sou um idiota. Sei disso, mas pensei que ela era também e que não se importava. Enfiei a mão frustrada pelo meu cabelo. As razões por que me deixou, não importa.

Pego meu telefone e ligo rapidamente.

— Yo. Aly está com você?

— Sim, por quê?

— Preciso falar com ela.

— Você tem a sua prima. Por que precisa da minha menina? — Fast soa irritado. Ficaria assim se algum pau quisesse falar com Mallory, particularmente tão tarde da noite. Mas não tenho tempo para acalmar o ego de Fast.

— Porque preciso. Basta colocá-la no telefone.

— Nah. Não fala comigo assim. — Ele desliga.

Puxo o telefone da minha orelha e olho para a tela por um segundo quente antes de espetar o botão de rediscagem com raiva.

— Que diabos, Fast?

— Não vou deixar você falar com a minha namorada quando está chateado. Poderia ferir seus sentimentos.

— Oh, pelo amor de Deus. Mallory caiu fora. — Isso é mais importante para mim do que os sentimentos de alguma garota aleatória.

— O que quer dizer?

— Quer dizer, vim para cima e meu apartamento estava vazio. Suas coisas se foram.

Ele solta um assovio.

— Caramba cara. Isso é péssimo. Por que não fala com Aly? Talvez a sua prima tenha dito algo a ela.

Quase moo meus dentes em pó para me manter longe de atacar Fast. É por isso que pedi em primeiro lugar.

— Ei, Carter. O que está acontecendo?

— Você e Mallory falaram sobre ela ir embora?

— Não, nunca disse uma palavra. A última vez que a vi foi logo depois de seguir aos policiais. Ela me deu um abraço e me agradeceu por tudo. Achei que estava indo para dar um abraço ao Owen, também, mas você apareceu e a arrastou para longe. — Aly hesita e depois pergunta: - Será que foi a polícia?

— Não sei. Se a vir por aí na estrada me chama.

— Porque na estrada?

— Porque ela não tem um carro. — Desligo antes de Aly fazer mais perguntas que não quero responder.

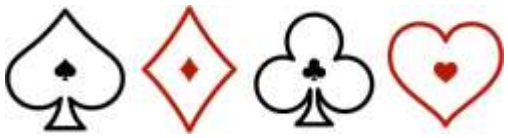
Mallory não tem muito dinheiro, porque deixou a maior parte dele aqui por algum motivo. Isso me irrita mais do que qualquer coisa. Está a pé e não pode ir muito longe. Pego a minha carteira e as chaves e desço as escadas para o meu carro. Coloco o Maserati em marcha e acelero pelo longo caminho. Quando chego ao fim, faço uma pausa e tento deduzir qual caminho foi. Para a direita é a escola e para a esquerda é a baixa. Opto pela esquerda. Está tentando ficar longe de mim, o que significa que a escola não é um refúgio.

Viro para a estrada e começo a digitalizar por caronas. Enquanto isso, chamo Brad.

— Preciso localizar o número de telefone de Mallory tipo ontem, — digo a ele. — Preço não é problema.

— Cara. Posso pedir qualquer coisa? Mesmo o seu doce Maserati?

— Sim. — Nem sequer hesito, porque não há nada mais importante neste mundo do que Mallory e, se levar cada posse terrena, para a ter de volta, vou gastá-lo. Nada e ninguém está me mantendo longe dela. Nem mesmo a própria Mallory.



Capítulo Vinte e dois

Mallory

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto ando para mais longe de Carter e fora de sua vida. Sei que estou fazendo a coisa certa para ele, mas a dor que já se formou no meu peito não pára. Me mantenho em movimento, obrigando-me a ir para a frente e não me virar. Sabendo que o estou protegendo do meu passado que está batendo na minha porta. Levanto o meu saco mais alto no meu ombro e continuo caminhando em direção à estação de ônibus. Sabia que tinha de voltar para o meu lado da cidade quando saí da casa de Carter. Não poderia correr o risco de alguém me ver entrar em um ônibus e lhe dizer de volta. Prefiro arriscar vendo minha mãe ou seu nojento homem do mês, Ricky, do que deixar Carter ser puxado para essa confusão mais do que já está. Tem feito muito por mim em tão pouco tempo. Me protegeu e vou fazer o mesmo por ele. Ninguém nunca fez isso para mim.

A solidão se instala quando chego à parada de onibus e percebo que não tenho nenhum lugar para onde ir. Não tenho ninguém a quem recorrer. De alguma forma me sinto pior do que da primeira vez. Quando saí da minha mãe, sabia que tinha que o fazer e que ela

realmente não se importava comigo de qualquer maneira. Ela era muito egoísta para cuidar de qualquer outra pessoa. Deixar Carter é uma história diferente. Deixar alguém que ama é algo que estou percebendo que não estou preparada para fazer. Nunca tive ninguém que cuidasse de mim como Carter fez. Mesmo que possa ser um pé no saco às vezes. Lembrando todas as brincadeiras sarcásticas que nós dois compartilhámos, traz um sorriso ao meu rosto.

Chego à estação de ônibus e abro as portas para entrar. O lugar é triste com pessoas de todas as esferas da vida esperando para ir a algum lugar. Ando até o balcão.

— O sistema está em baixo, — a senhora dos ingressos me informa antes que possa dizer qualquer coisa.

— Quanto tempo acha que vai ficar? — Pergunto e me arrependo imediatamente quando vejo o olhar de aborrecimento no rosto da senhora.

— Não há nada que possa fazer. O sistema está em baixo. Está em baixo em todo o Estado. Não sei o que está acontecendo e não sei quando vai voltar. Mais alguma pergunta? — Balancei minha cabeça.

Em seguida, tomo um banco e espero como todo mundo.

Estou prestes a dizer algo arrogante, mas me paro quando vejo o olhar no seu rosto. Tenho certeza de que todas as pessoas nesta sala lhe devem ter feito as mesmas perguntas. Aposto que a maioria deles à têm cercado e insistido sobre como precisam chegar a algum lugar, pensando que iriam obter um resultado diferente. Então levanto minha mala e avanço para um assento livre.

Coloquei o meu saco no meu colo, envolvendo a minha mão em torno dele para que possa fechar os olhos por um momento. Exaustão está começando a assumir. O alto da excitação da festa e todos de pé para mim finalmente me esgotou. A depressão agora caiu sobre mim, me fazendo ciente do fato de que estou perdendo tudo. É tudo tão esmagador e estou tendo dificuldade em processá-lo. Não tenho certeza se adormeço ou não, mas estou sendo sacudida para acordar.

— Le-van-te-se — Meus olhos se abrem para ver um muito chateado Carter. Sento-me lá em estado de choque. — Eu disse. Le-van-te-se — repete. Meu olhos se enchem de água e algumas lágrimas caem, me fazendo perder toda a minha bravura. O rosto de Carter muda completamente quando cai no chão sujo de joelhos diante de mim no banco, trazendo-nos ao nível dos olhos. — Beije-me. — Emite outra demanda, mas esta é suave e suplicante.

Desisto, me inclino para a frente, fazendo com que nossas bocas se encontrem. Saboreio o beijo que nunca pensei que teria novamente.

— Você me assustou como uma merda. — Não sei como ele faz suas palavras soarem com tanto carinho e raiva, mas consegue. — Você não pode simplesmente sair assim.

— Sinto muito. — Realmente estou. Não tinha ideia de que seria a coisa certa a fazer. — Não o quero na minha bagunça. Não posso deixá-lo ficar em apuros pelas coisas que fiz.

— Isso é o que não está recebendo, Mallory. — Estou um pouco surpresa por usar o meu nome. — Quero todas as suas confusões.

Me inclino para a frente, usando sua camisa para limpar o meu nariz.

— Deveria bater em seu traseiro por isso, — diz, através do riso. — Agora olhe para mim.

Deus, meu Deuce realmente faz emissão de ordens de amor e não sei por que parecem me excitar, mas fazem. Obedeço a esta. Posso sentir em seu tom que tem algo que realmente quer que ouça.

— Percebo que fuja quando está com medo. É um hábito que aprendeu. Não precisa mais fazer isso, mas entendo. Sei que isso vai levar um tempo, para você perceber isso que, quando se refere a mim. Muitas pessoas que a deveriam ter amado foderam tudo com você.

Ele levanta-se, limpando uma das lágrimas do meu rosto. Em seguida, beijando o local. Este lado doce de Carter vai ser minha ruína. Não sei quanto mais posso tomar sem irromper em lágrimas. Ele veio para mim. Não ficaria surpresa se ele for o motivo pelo qual o sistema de ônibus está em baixa. Ele continua. Como se estivesse tentando me fazer apaixonar por ele. Eu já estou.

— Sempre vou te proteger. Dito isto, abri o cofre no meu armário todos os dias certificando-me de que estava a ver-me fazê-lo. Se sentir a necessidade de fugir, precisa me prometer que sempre terá o que precisa. Deveria ter esvaziado meu cofre. Deveria ter tomado o meu carro. Pode não ser certo, mas comigo, quero que se coloque sempre em primeiro lugar. Se há algo que precisa que pode tirar de mim, você nem hesita, porque nunca vou hesitar em lhe dar. Não precisa pedir permissão. É seu. — Ele toma uma respiração profunda. Enxuga as lágrimas de debaixo dos meus olhos com seus polegares enquanto abaixa os lábios em um sussurro de meus. — Eu sou seu, — diz enquanto sua boca leva a minha.



Capítulo Vinte e três

Carter

Nunca pensei que seria o tipo de curtir estar em um ponto de ônibus. Inferno, nunca pensei que alguma vez estaria em um ponto de ônibus, mas parece um dos melhores lugares no mundo agora que Mallory está em meus braços. Ela agarra-se a mim como se também nunca me quisesse deixar ir. Nossas bocas ainda fundidas, coloco-me em pé. Consigo colocar sua mochila sobre um ombro, sem quebrar o beijo.

Pode haver algumas palmas atrás de nós, quando saio do terminal para o meu carro.

Coloco o seu eu drogado de paixão no banco do passageiro e faço o meu caminho de volta para o lado do motorista. A brisa da noite não faz nada para esfriar o meu corpo superaquecido. Puxo para baixo a virilha da minha calça jeans, tento ajustar a minha ereção, tanto quanto possível, e subo para o carro.

— Quer comer alguma coisa? — Pergunto quando navego para fora do estacionamento.

Mallory está enrolada em seu assento como um pequeno gato, suas pernas dobradas sob ela, uma mão brinca com um longo fio de cabelo.

— Pensei que não gostava de pessoas comendo em seu carro.

— Mallory, baby, nem sequer permitia que as pessoas andassem no meu carro antes de você aparecer. — Chego mais perto e descanso minha mão entre as suas coxas quentes. Se não me importasse tanto com ela e sua segurança, marchava meus dedos acima de sua pele macia e iria direto para o núcleo aquecido do seu sexo, porque quando a tocar, não vou ser capaz de parar. No entanto... Sou bom com minhas mãos. Tenho a coordenação mão/olho acima da média. Sou um atleta de escalão superior - balanço a cabeça com força. Não estou colocando minha menina em perigo apenas para ter uma sensação rápida.

— Você está louco, — diz, calmamente.

— Em mim. — Lanço-lhe um sorriso irônico. — Metade de mim quer rasgar suas roupas e fodê-la com o dedo até que deixe todo o seu creme nos meus caros assentos de couro e a outra metade está me dizendo que preciso esperar até te levar para casa para que possa te foder com meu pau. Tenho me masturbado três vezes por dia com o pensamento em como a sua buceta será quente e

apertada, então a metade que quer transar com você neste carro está tomando um bom avanço.

Sinto o calor do seu rosto corando no outro lado do carro. Minha mão desliza mais ou talvez ela se mexa no banco do carro. De qualquer forma, só preciso esticar meus dedos e estou tocando sua virilha.

— Eu, ah, não posso acreditar que nunca teve relações sexuais antes.

— Por que é tão inacreditável?

— Porque você é…— Acena para mim.

Um sorriso lento aparece na minha boca.

— Sim?

Não ouvi Mallory dizer uma boa palavra sobre mim e não posso esperar pelo meu primeiro elogio.

— Um idiota e todos os idiotas usam seu pau ao redor.

Balanço o carro no meio-fio, desligo o motor, puxo o freio de emergência e a levo ao longo do console.

— Espere, espere, — meio que grita, meio que ri. — Estava brincando!

— Eu não estou. — Desaperto o botão do seu shorts, enfio minha mão para baixo na sua calcinha e no creme liso de sua boceta.

Ela suspira e aperta em volta do meu dedo.

— O que é... por que... oh meu Deus. Não pare.

— Parar é a última coisa em minha mente. — Empurro seus shorts para baixo em suas longas pernas nuas. Ela ajuda, chutando-os no final. Coloco uma perna de cada lado de mim e então deliberadamente espalho minhas coxas. Ela geme novamente quando estico sua buceta apertada com um segundo dedo. Suco pinga fora dela molhando minha palma.

— Foda-se, não posso esperar até que você esteja montando minha boca e descendo na minha garganta. Vou chupar seu creme até que esteja seco.

Seu canal espasma em minhas palavras.

— É isso mesmo, baby, relaxe e monte meus dedos. Foda minha mão. Mostre-me como está indo montar meu pau.

— Eu não sei o que estou fazendo, — grita, mas o instinto é um inferno de uma coisa, porque ela atinge atrás dela, enrola as palmas das mãos em torno de meus joelhos e começa a bombear para cima e para baixo em meus dois dedos como se fosse meu eixo.

Meu pau pulsa com entusiasmo e fico tonto ao pensar como vou me sentir, quando tiver a sua buceta molhada e quente agarrando meu pau. Não há mais punhetas seca-burros para mim. Ah não. A partir de agora, estou vindo em sua buceta suculenta a cada segundo livre. Seis minutos entre o período de biologia e governo? Vou estar dobrando-a sobre a escada do segundo andar com a saia virada para cima e minhas calças em torno de meus joelhos e dirigir tão duro que ela vai sentir meu pau em sua garganta.

— Isto é tão bom, Carter. Tão bom, — geme, girando seus quadris em torno de pequenos círculos. Bato nela, olhando para aquele pequeno pedaço de pele que vai fazer com que veja estrelas.

— Continue, — Exorto. — Quero sentir você vir. Uma vez que fizer isso, vou lamber o creme da sua buceta da minha mão e então você está indo sentar-se no meu rosto enquanto vou te comer.

Ela olha para baixo de seu nariz para mim, semicerra os olhos e cora com a excitação.

— Você tem uma boca suja, Carter.

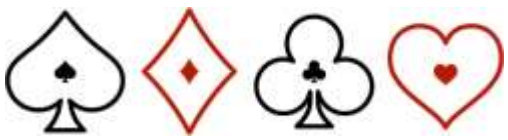
— Só o melhor para te comer bem forte. — Sorrio.

Ela libera uma respiração instável.

— Você deve colocar seu dinheiro onde está sua boca.

Porra. Amo-a. Sempre me desafiando.

— Cuidado com a cabeça, — Adverti. Retiro, agarro seus quadris e arrasto-a até que a sua buceta esteja para cima em minha boca. Agarro-me a seu sexo, espetando-a com a minha língua. Ela grita, sons de gemidos agudos que saltam do pequeno interior dela. Meu pau aumenta para um tamanho ímpar e o orgasmo que tem vindo a se construir desde que a vi pela primeira vez na parte de trás do meu carro derrama fora do meu pau. Derramo nos meu jeans, ao mesmo tempo que ela vem, molhando toda a minha língua. É uma maneira impressionante para passar o tempo no meu carro, vou dizer isso.



Capítulo Vinte e quatro

Mallory

Remexo no meu lugar enquanto Deuce se afasta do meio-fio. Acelera mais e verifica meu cinto de segurança novamente, dando-lhe um pequeno puxão para se certificar de que está no lugar. Sorrio para o seu gesto em cuidar de mim.

— O que você quer comer? — Lambe seus lábios enquanto faz a pergunta e sei que ele pode me provar lá. Eu mesmo senti o gosto quando ele me beijou e me colocou de volta no meu assento. Insistiu em colocar o meu cinto de segurança para que soubesse com certeza que estava corretamente. Agora estou começando a pensar que Deuce é o único que está nervoso. Apesar de toda a sua conversa suja, ainda é, afinal, um virgem. Também estou muito, mas Deuce é bom em tudo que faz na vida. Posso ver que ser o melhor em coisas é importante para ele. Faz-me perguntar se tem um traço de insegurança sobre o que está prestes a acontecer entre nós. Estava nervosa demais quando começou a tocar-me no carro, mas meu corpo respondeu a ele como se tivesse me tocado um milhão de vezes antes. Como se fossemos feitos um para o outro.

— Você acabou de comer, — provoco-o, obtendo um pequeno sorriso dele.

— O que você quer comer? — Pergunta novamente. — Estou esperando por um fio pequeno aqui, Mallory. Preciso alimentá-la, então preciso foder essa sua buceta apertada. Seu gosto na minha língua é uma doce tortura. Então, por favor me coloque para fora da minha miséria e me diga o que você quer.

Finjo pensar por um minuto antes de dar-lhe a minha resposta honesta.

— Não estou com fome. — Desta vez chego mais, colocando a mão sobre sua coxa. Percebo a protuberância em suas calças e lambo os lábios. — Para alimentos de qualquer maneira. — Sinto o músculo apertar sob o meu toque. O carro começa a acelerar mais rápido. Meu corpo deseja outra coisa. Carter. Quero estar em sua cama. O carro ainda tem cheiro de sexo, mesmo que não tenha chegado a essa parte real ainda. Ainda está espesso no ar. Meu corpo canta com a necessidade. O orgasmo que me deu só me levou para fora da borda. Meu corpo anseia por mais prazer e sei que Carter pode dá-lo para mim.

Carter pode estar se sentindo um pouco no limite, mas pela primeira vez eu não estou. Ele caindo de joelhos na minha frente

nessa estação rodoviária e dizendo as coisas que disse me fez dar-lhe toda a minha confiança. Ironicamente, Carter sendo um pau, foi realmente me mostrando como sou diferente para ele. Sinto-me à vontade agora que estou perto dele novamente. Ainda me preocupo com o que as consequências de minhas ações passadas significarão para ele, mas tento empurrar isso para o lado por esta noite. Quero Carter e depois de sua declaração no ponto de ônibus, sei que ele sente o mesmo. Não vou ser tímida sobre o que quero porque sei, que ter sexo com Carter vai ser como estar fora deste mundo. Ele não teria nenhuma outra maneira. Mesmo se por algum motivo louco for estranho, porque nenhum de nós ter feito isso antes, sei que Deuce vai fazer tudo para torná-lo bom para mim. Depois de tudo, é o que vem fazendo o tempo todo. É tudo tão claro para mim agora. Me fez mais forte e não estou certa de que ele mesmo sabe disso. Pela primeira vez na minha vida, me fez sentir querida e cuidada.

— Estou levando o carro até a casa. Você vai sair do carro e vai para cima para nossa cama. Quero você sem nada, a não ser a minha camisa. — Sua mão cobre minha buceta através da minha calça. — Com suas pernas maravilhosas espalhadas para mim. Vou comer essa doce buceta novamente antes de te foder. — Suas palavras

tornam minhas bochechas um pouco rosadas. Mesmo que me tem toda trabalhada, ainda engasguei quando chamou nossa cama.

— Ouvi as meninas na escola dizerem que você não deixa ninguém tocar sua camisa. Não deixa mesmo vendê-las. Algo sobre você ser supersticioso. — Acho que vou cortar um pouco. Além disso, gosto de ser diferente para ele. Que sou algo especial para ele e há regras que não se aplicam a mim.

— Você estragou todas as minhas superstições quando decidiu dormir no meu carro e comer o meu maldito snack doce. — Ri com a lembrança de sua expressão facial quando me viu comendo seu doce precioso em seu carro extravagante. — Costumava pensar que tudo tinha que ser perfeito e fiz todas essas regras ridículas, a fim de me distanciar de todas as besteiras que se passava. Assim que abriu a sua boca inteligente, sabia que minha vida estava prestes a mudar. O dia que você subiu no meu carro foi o dia mais sortudo da minha vida.

Se alguém tivesse me dito à uma semana que Carter estaria me dizendo as coisas mais doces para mim, teria chamado de monte de merda. No entanto, aqui está, abrindo-se para mim. Tenho feito o mesmo. Quero abrir tudo sobre mim mesmo para ele. Temos uma proximidade que nenhum de nós teve com mais ninguém. Se estou

lendo isso direito, talvez a única pessoa que jamais vou compartilhar isso. Meu coração palpita com a ideia. Sei que somos jovens, mas posso ver facilmente uma vida com Carter. Meu Deuce.

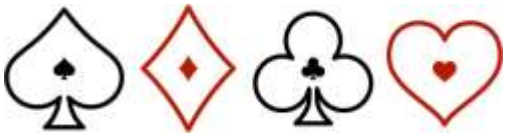
— Conduza mais rápido, Deuce, — são as únicas palavras que posso fazer sair. Minha necessidade por ele está crescendo a cada segundo.

O carro faz uma travagem brusca, desato o cinto de segurança e saio. Praticamente corro para a casa de Carter. Posso ouvi-lo fechando a porta de seu carro. Abro a porta da frente e faço o meu caminho para o quarto. Tristeza bate-me por um segundo quando percebo que quase não cheguei a ter essa experiência com ele. Apressadamente retiro minhas roupas e sapatos. Certifico-me de colocar sua camisa e subo em nossa cama. Esse pensamento tem me feito sentir segura e feliz. Empurro a camisa para cima e espalho minhas pernas, nervosamente à espera de Carter entrar no quarto. Todo o meu corpo formiga com antecipação.

— Deuce, — chamo enquanto ele caminha para o quarto. Ouço-o chupar uma respiração profunda. Seus olhos correm em cima de mim antes que chegue com as mãos às suas costas, puxando sua camisa sobre a cabeça.

— Quando estiver dentro de você— Para um segundo — me chame de Carter, — adverte.

— Vamos ver. — Sorrio antes que ele esteja em cima de mim.



Capítulo Vinte e cinco

Carter

— Estou molhada, — diz com um sussurro meio envergonhada quando subo em cima dela.

— Sim, então? Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. Deveria estar molhada. — Beijo seus olhos e depois o rosto e, em seguida, ao longo da linha de sua mandíbula. Seus dedos emaranhados no meu cabelo.

— Existe alguma coisa que poderia dizer que fosse 'não sujo' ?

Faço uma pausa no meio do beijo e finjo considerar isso por um segundo.

— Não. Gosto de suja e limpa, molhada e suada e... - bate a inspiração- 'tudo pelo meio'.

Sorrio enquanto ela revira os olhos.

— Por favor, me diga que você não acabou de rimar.

— Eu sei. Estou bastante grande, não estou? — Chego entre as minhas pernas e testo sua prontidão. Estou prestes a mostrar-lhe o quão grande realmente estou.

— Deuce, você é tolo.

Eu meio que grunho.

— Ninguém nunca me chamou assim antes.

Um sorriso dança em seus lábios.

— Gosto que há um lado de você que só eu vejo.

— Você é a única que me interessa. A única que eu amo. Agora se segure porque estou prestes a fazer amor com você. — Quase disse foder, mas não é isso que estamos prestes a fazer. Nossos corpos vão ter uma comunhão. Levo o meu pau na minha mão e guio-o para a sua tenra e vulnerável abertura.

Ela suga a respiração.

— Não acho que vai caber.

— Claro que vai. — Tento projetar um pouco de confiança aqui, apesar de minhas dúvidas. Meus dois dedos estavam confortáveis dentro de sua vagina, mas meu pau é muito maior do que dois

dedos. Basta olhar para o quão grande é entre as pernas e ao mesmo tempo elevando a nota com a minha excitação e faz-me perguntar se isso vai funcionar. E se a machucar? E se perder o controle e ela não gostar dele? Será que devemos esperar? Posso comê-la por fora, com o dedo até que não seja tão apertada e minúscula.

Engulo e deslizo a ponta contra seus sucos. É uma sensação incrível. Não posso esperar.

— Vou fazer isso bom para você, — digo em tom gutural. — Prometo.

Seus olhos brilham com confiança. Me posiciono em sua exuberante abertura e vejo como a cabeça larga do meu pau fica nos lábios inchados da sua buceta. É a coisa mais erótica que já vi. Meus olhos rolam para o fundo da minha cabeça. Pressão fica na base da minha espinha. Vou explodir. *Aguenta, Carter. Aguenta.*

— Você está bem? — Sufoco.

Mallory esfrega os lábios e me dá um breve aceno.

— Você é tão... grande.

Meu pau incha e meu esperma se transforma em larva líquida.

— Sem falar, — grunho eu.

— Sinto muito, mas você é. Seu... pau é enorme e você tem apenas a ponta dentro!

Meu auto-controle está prestes a escorregar da minha mão já fraca. Se ela fala sobre o meu tamanho mais uma vez, não vou ser capaz de lidar com isso.

— Sem falar, — Ordeno bruscamente. — Você não pode dizer nada, sem ser meu nome. Entendido?

Seus olhos se arregalam e um travesso sorriso espalha-se em seu rosto.

— Ok, Carter.

Isso é um erro. Meu nome em seus lábios quando está se espalhando como um banquete, nua na minha cama, com a cabeça do meu pau molhado pela sua vagina? É um erro. Caio sobre ela, reclamando sua boca ao mesmo tempo que reivindico seu corpo. Esta buceta é minha. Esta boca é minha. Estes peitos são meus. É tudo meu. Devasto sua boca, engulo seus gritos, conheço cada impulso e redemoinho de seus quadris com as minhas próprias estocadas. Ela aperta em torno de mim, apertando meu pau como um torno.

Não posso segurar.

— Venha para mim, baby. Venha até mim. Vem no meu pau. — É meio uma ordem, meio apelo.

Ela joga a cabeça para trás e com as unhas cavando bruscamente sobre os meus ombros, ela vem, pulsando seu sulco por todo meu pau, fazendo o seu canal escorregadio, quente e apertado, tudo ao mesmo tempo. Libero dentro dela, bolas profundas, até o meu próprio orgasmo me ultrapassar. Meu sémen espirra dentro dela, misturando-se com sua excitação, enchendo-a até que transborde.

Arruinado, desabo na cama, jogando meu corpo para o lado no último minuto, então não a esmago. Ela enrola em mim, seu quadril ainda estremecendo a partir das réplicas. Chego entre suas pernas e lentamente insiro meus dedos em seu canal sensível.

— O-o que está fazendo? — Ela pergunta, tentando se contorcer fora de alcance.

A abraço e beijo no pescoço suado.

— Quero garantir que isso foi bom para você. — Minhas palavras são arrastadas e estou me sentindo sonolento. Tivemos um inferno de uma noite, mas quero ter certeza que, ela se lembre dela com bons sentimentos.

— Foi bom para mim, — diz, mas coloca uma perna sobre a minha coxa, abrindo-se para meu toque.

— Não é ótimo? — Provoco, retirando para espalhar a sua humidade pelos seus lábios de sua buceta e até o pequeno clitóris que está mostrando sua ponta, querendo atenção.

— Foi ótimo.

— Foi ótimo, Carter.

O seu riso muda para um gemido na hora que aperto o clitóris, mas ela não diz as palavras.

A provoco, em seguida, circulando seu clitóris, esfregando os lábios. Seus quadris se contorcem enquanto tenta posicionar-se de modo meus dedos deslizem dentro dela. Meus dedos dançam ao redor, traçando um caminho em torno de sua entrada secreta e, em seguida, pulam de volta para provocar o clitóris.

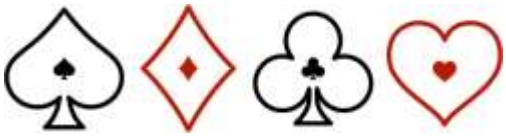
— Vamos lá, — geme, se contorcendo em necessidade.

— Não ouvi as palavras mágicas. — Meu pau está ficando grosso novamente e sono não parece ser algo que meu corpo precisa mais. Levanto a perna para cima e esfrego a cabeça do meu pau sobre sua vagina sensível.

— Sim, — sussurra em antecipação, mas em vez de mergulhar dentro dela, uso o meu pau para provocá-la mais, mesmo que esteja morrendo de vontade de deslizar meu pau em sua buceta pingando. — Você está sendo cruel, — declara depois que lhe escapo mais uma vez.

Os lábios da sua vagina estalam adoravelmente. Avanço e mordo a carne gorda antes de tomar sua boca novamente com a minha. Nossas línguas duelam e assim fazem os nossos corpos enquanto ela tenta me montar e eu tento evitá-la. Finalmente, ela me empurra nas minhas costas e atravessa minhas coxas.

— Você é grande, Carter, — finalmente diz. — Agora o torne ainda melhor e me fode!



Capítulo Vinte e seis

Mallory

Eu inclino-me sobre o lado do carro de Deuce quando ele me beija profundamente.

— Vou ficar trinta minutos, — me diz quando puxa a boca da minha. Faz parecer como se trinta minutos fosse o tempo de uma vida. Estou surpresa que ele concordou em deixar-me ficar sozinha por essa quantidade de tempo. Sei que está hesitante. Assegurei-lhe que nunca iria embora de novo, mas acho que vai demorar um pouco para ele esquecer o que sentiu quando não podia me encontrar.

— Vou ficar bem, — o tranquilizo, segurando o meu novo telefone fantástico que ele me deu. Ainda tenho que aprender os meandros dessa coisa. Meu último foi destruído quando Carter viu os textos que o namorado da minha mãe estava me enviando. Teve uma morte oportuna quando se rachou em sua mão antes que de ter sido jogado contra a parede. A coisa praticamente explodiu no contato. Era uma coisa impressionante. Agora entendo porque ele é o quarterback estrela. Não só pode jogar, mas o seu objetivo é ser o

melhor. Ainda não me disse o que eram as mensagens. Pelo olhar em seu rosto, não tenho certeza se realmente quero saber. Tenho um *eu vou lidar com isso* dele. Quando tentei perguntar o que quis dizer com isso, só se repetiu. O deixo saber que não quero que faça nada estúpido ou qualquer coisa que possa colocá-lo em apuros. Essas pessoas não valem a pena.

Não tenho certeza como Carter o arranjou, mas ele tinha um novo telefone para mim imediatamente. É como se saísse do ar. É provavelmente a peça mais extravagante de tecnologia que já tive. Estava prestes a lembrá-lo que o namorado da minha mãe não valia a pena e então decidi que Carter pode tomar suas próprias decisões. Vou deixá-lo lidar com a situação como lhe condizer. Talvez não deveria fazê-lo, mas sabe bem sentir que finalmente tenho alguém que me compreende. Por muito tempo, só podia depender de mim e agora que Carter está aqui, não sinto mais isso. Já não preciso me preocupar com alguém me ferindo, porque sei que ele nunca vai deixar que isso aconteça. Sei que Carter sente as palavras que diz. Acredito nele. Sei que vai resolver. Aly me deu o mesmo conselho. Deixe Carter fazer a sua coisa contando que eu confiasse nele e eu confio.

— Por que não espera lá dentro? — Faz um gesto em direção à escola. Está realmente muito bom hoje. O sol está brilhando e o frio

abrandou um pouco. Posso ter o ar fresco. Carter não me deixou tê-lo durante o fim de semana. Não que estava implorando por algum. Tive que me arrastar para fora da cama esta manhã, para começar. A única coisa que realmente me moveu foi não querer perder meu chuveiro de manhã com Carter.

— É bom aqui fora e quero desfrutar do ar fresco. Estou aqui fora. Não vou a lugar nenhum, Carter, — digo, lembrando-lhe que não tem nada para se preocupar. — Se apresse. Estarei aqui quando tiver acabado. Quanto mais rápido chegar lá, mais rápido podemos ir para casa. — Sorrio e pisco para ele. Isso parece acalmá-lo. Se inclina e me dá um último beijo antes de começar a caminhar para dentro do prédio escolar. Assisto seu bom rabo até o fechamento da porta e não consigo vê-lo mais. Ele tem uma reunião rápida com o seu treinador. Há tantas faculdades atrás dele pelo que me disse. O treinador queria sentar-se com ele e falar sobre todos os detalhes.

— Seu homem está com o treinador também? — Pergunta Aly. Viro-me para vê-la andando na minha direção. O sorriso formando-se em meus lábios. É tão bom ter uma melhor amiga. Alguém com quem compartilhar coisas.

— Sim. O seu também, certo? — Owen tem que estar. As aulas acabaram e ele está geralmente ligado a Aly. Não há muitas coisas

que o façam deixá-la, pelo que tenho visto e Carter me disse. Uma reunião com o treinador seria uma das poucas exceções.

— Sim. — Caminha até mim. — Adoro ver você se inclinando contra o carro de Carter. A maioria não passa sequer por ele.

Eu ri, segurando as chaves.

— Podemos levá-lo para dar uma volta, se quiser. — Ele me deu as chaves em caso de ter frio e querer esperar dentro do carro.

— Poderia ir para um milkshake antes do clube de costura. — Veste um sorriso malicioso.

— Clube de costura? — Ri. — Isso é uma coisa?

— Sim. Owen vai comigo. — Isso me faz rir ainda mais difícil. Não estou chocada, mesmo remotamente, que ele tenha se inscrito naquele clube para estar com ela, tanto quanto possível.

— Aquele homem fará qualquer coisa para estar perto de você, não é? — Nós duas subimos no carro de Carter. Fivelamos nossos cintos de segurança, pressiono o freio e aperto o botão para ligar o carro. O motor ruge para a vida, dando-me um gosto do poder que detém. Minhas mãos ficam um pouco suadas com entusiasmo. Nunca dirigi algo tão extravagante antes.

— Tem certeza que Carter vai estar bem com você dirigindo seu carro?

Encolho os ombros, coloco o carro na unidade e dou-lhe gás. Acho que vai estar mais chateado por ter saído sem lhe dizer nada. Não é como se não fosse saber onde estou. O vi passar rapidamente sobre os locais de compartilhamento em nossos telefones.

— Como acha que Owen vai reagir quando souber que saímos? — Essa é a verdadeira questão. Quando se trata do carro de Carter, posso sair com qualquer coisa. Os olhos de Aly viram para mim e piso no acelerador um pouco mais forte. — Isso foi o que pensei. Estaremos de volta antes que sequer saibam que estejamos faltando. — Aly acena com a cabeça, quando nos dirigimos para nossos milkshakes. Conduzir o carro é como um sonho. Posso ver o seu apelo. É elegante, suave e poderoso, imitando os atributos de seu dono. Posso ver porque Carter é tão tenso sobre como cuidar dele. Nunca vou admitir isso para ele, porque é divertido dar-lhe um tempo duro sobre seu carro precioso.

A emoção rapidamente morre quando vejo as luzes vermelhas e azuis atrás de nós. Meu estômago cai. Não há ninguém aqui para me proteger neste momento. Posso até ver o pânico no rosto de Aly. Encosto sabendo que não tenho outra escolha. Engulo essa

protuberância que se forma em minha garganta sabendo que estou prestes a perder tudo.



Capítulo Vinte e sete

Carter

— Há vários meios de comunicação que pediram para estar presente durante o dia da assinatura. — O treinador passa uma folha para mim e Fast. Nem sequer olho para ele porque não há nada mais desagradável do que sentar na frente de um monte de câmeras ao fazer qualquer coisa. Só quero jogar bola e amar minha menina. Isso é pedir muito?

— Não, obrigado.

— Não achei que estaria interessado, mas sou obrigado a perguntar. Owen, e você?

— O que tudo isso implica? Será que aumenta minhas chances de começar? — Se inclina para a frente, os seus olhos analisam a página.

— Ninguém pode prometer, meu filho, mas a publicidade não é uma coisa ruim. Sugiro…

O sinal sonoro do meu telefone envia um olhar lânguido de irritação no rosto do treinador. Está acostumado a nossa completa

atenção, sendo telefones e outros dispositivos estritamente proibidos nas reuniões de vestiário e de equipe. Costumava ter o telefone permanente em Do Not Disturb, mas a temporada acabou e quero estar disponível para Mallory em todos os momentos.

— Desculpe, — digo sem um pingo de remorso, mas por respeito a nossos quatro anos juntos, puxo a coisa idiota do meu bolso e estou prestes a desligá-lo quando leio a mensagem. Pego rápido e arrasto-o de pé. — Desculpe, treinador. Temos que correr. Há uma emergência real.

O técnico fica também.

— O que é isso?

— Família, — Grito e empurro um confuso Fast à minha frente. — Dê-me as chaves, — exijo.

— O que? Por que quer minhas chaves? — Diz enquanto meio que o empurro, meio que o transporto pelo corredor. O homem é mais rápido do que o vento, mas está caminhando enquanto o estou levando para a delegacia.

— Porque meu carro está na delegacia.

— A Delegacia de Polícia?

Arrebento com as portas duplas.

— Acho que Mallory foi apanhada enquanto estava dirigindo meu carro. — Enfio o meu telefone na cara dele. Felizmente, ele tem uma boa coordenação e é capaz de correr e ler ao mesmo tempo.

— Ei, Carter, acho que seu carro foi roubado. A boa notícia é que a polícia pegou o ladrão e levou todo mundo para a delegacia. Pelo menos isso é o que saiu do scanner da polícia.

Fast pára.

— Você deixa Mallory conduzir o seu carro?

— Vai me dar o caralho das chaves? — Grito. Não estou aqui para um discurso maldito sobre como exigente sou com o meu carro. Temos uma emergência real em nossas mãos. — Aly estava com ela.

— Eu posso dirigir. — Bate a parte de trás do telefone para mim e decola, cruzando o estacionamento para seu carro. Ele já está no veículo e tem o motor funcionando quando o alcanço. Sabia que esse pequeno detalhe iria levá-lo em movimento.

— Tomou-lhe tempo suficiente.

Riria se não estivesse tão assustado.

— Apenas dirija.

Enquanto Fast acelera para fora do estacionamento, ligo ao meu pai, não me importando que provavelmente esteja interrompendo o jantar ou algum tipo de festa de sexo Europeu que tem acontecendo. Felizmente, ele responde em vez de fazer-me ir para a caixa postal.

— Filho, é uma agradável surpresa. É hora da sesta aqui, porém, pode esperar que o chame de volta em poucas horas? — Há um som distinto de sorver no fundo que digo a mim mesmo que é alguém tendo um smoothie para almoço e não outra coisa, mais nojenta, que por sua vez força -me para fora do sexo para sempre.

— Preciso das informações de contato do Mayor Al e um advogado.

— O que há de errado? — A voz do meu pai está de repente alerta e em modo negócios.

— Minha namorada— Não, preciso dele para estar seriamente envolvido nisto — a sua futura nora foi pega em algumas acusações falsas. Preciso ter certeza de que a deixem ir, e, mais importante, que não repitam esse erro.

— Não estou certo o que é mais desconcertante - você ter que pedir a minha ajuda ou você dizendo que vai se casar com uma garota que rebocou para casa apenas uma ou duas semanas atrás. No entanto, como sempre, estou feliz em ajudá-lo, filho. Não se preocupe com o prefeito Al. Vou fazer a chamada eu mesmo. O advogado irá encontrá-lo no posto.

Alívio me transforma em uma poça e caio contra o assento do carro.

— Ótimo. Obrigado.

— Pode ser aconselhável para você cortar a raiz do problema, seja ele qual for. Os recursos da família estão à sua disposição. Antes de se casar gostaria de pedir que faça um acordo pré-nupcial.

— Desnecessário, — Afasto o telefone. — Pode ir mais rápido?

— Você quer ser pego pela polícia? — Fast rosna.

— Por que não? Estamos indo para o mesmo lugar.

— Não sei que bem vai fazer se estiver preso.

Infelizmente, ele está certo, então volto a discutir com o meu pai.

— O pré-nupcial é meramente um outro contrato, como a licença de casamento, e permite separações convenientes, — está dizendo.

— Não vou separar por isso não vai ser um problema.

— Bem. Você não vai deixá-la, mas nem sempre é o problema. Às vezes ela pode querer deixá-lo. — diz suavemente, mas ainda está me machucando lá. Não sei o que deu errado com o relacionamento dos meus pais - talvez estivesse doente desde o começo. Uma vez, quando era pequeno, durante uma de suas discussões que assisti, minha mãe gritou que não era um pedaço de propriedade que podia ser comprada e vendida. Mesmo que a sua união não tivesse começado em um bom lugar, não queria dizer que Mallory e eu não estávamos indo para durar.

— Se ela quiser sair, não vou deixar.

O pai ri.

— O que vai fazer? Amarrá-la na cama?

— Se tiver que ser, sim. Tenho que ir. Estamos no posto. — Me viro para Owen. — O que faria se Aly dissesse que estava farta de você?

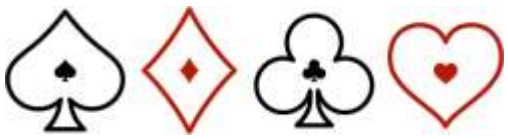
Fast chicoteia a cabeça ao redor.

— Que diabos você está falando? Mallory disse alguma coisa?

— Não. Só queria saber. Você deixava-a ir ou ficaria com ela?

— Mantinha-a — responde imediatamente.

— Eu também. — Mesmo que Mallory quisesse me deixar, não iria deixar que isso acontecesse. Ela se entregou a mim. Tinha que saber que era um relacionamento para sempre, não um que, duraria até estar cansada de nós. Se o tivesse que fazer, sim, absolutamente a amarraria à cama, a trancaria em uma sala, construía um castelo e lançava um feitiço que não permitisse que ninguém entrasse, menos eu. Se alguém está indo para aprisioná-la, não vai ser a polícia da cidade. Oh infernos não. Mallory me pertence.



Capítulo Vinte e oito

Mallory

Sabia no segundo que olhei pelo retrovisor e vi aqueles flashes que estava acabada. Minha ansiedade decolou enquanto observava os dois oficiais saírem do carro e caminharem em direção ao carro. Por um segundo considerei arrancar, mas sabia que só iria piorar as coisas. Fui pega e Carter não estava aqui para me salvar. Deveria ter ficado lá fora, como ele me disse. O homem era mandão, mas era sempre pelas melhores razões.

É tudo um borrão depois disso. A próxima coisa que sei é que estava algemada na parte de trás de seu carro da polícia. Pareciam muito satisfeitos consigo mesmos. Especialmente o mais alto que esteve fazendo todas as perguntas na festa. Mantenho minha boca bem fechada enquanto me lêem meus direitos. Podia ver Aly nos seguindo no carro de Carter e sabia que ela iria entrar em contato com alguém.

Coloco minha mão no meu joelho para impedi-lo de saltar, grata que algemaram minhas mãos na minha frente, em vez de nas minhas costas. Nunca estive em apuros antes e meus nervos estão

aparecendo. Sento-me no banco comprido contra a parede na sala de processamento enquanto lidam com a papelada. Pelo que me disseram, uma vez que estiver acabado aqui, vão me levar e tirar a foto. De lá, vão me levar a uma cela, onde vou ficar até que possa pagar fiança. Esta situação é esmagadora e todo o meu corpo treme de nervoso. Pedi para fazer o meu telefonema, mas não sei o número de Carter de cor e esses dois oficiais não vão sair do seu caminho para me ajudar.

Uma policial feminina entra na sala e senta-se ao meu lado.

— Você está bem?

Quase rompo em lágrimas, mas seguro.

— Preciso do meu telefone para procurar um número para fazer a minha chamada, — digo, esperando que mostre alguma compaixão. Ela se levanta, sai da sala e retorna alguns minutos depois com o meu telefone. Solta meus punhos um pouco para que possa manobrar. Minhas mãos tremem, odiando a sensação do metal frio na minha pele. Ela me dá o meu telefone. Tomo-o dela e faço contato para a única pessoa que conheço que virá correndo para o meu lado.

— Mallory. — Responde ao primeiro toque.

— Carter. — Fico engasgada antes que possa terminar de dizer o seu nome. — Estou com medo, — Sussurro. Mais do que medo. E se tiver que ver Ricky? Não quero vê-lo ou minha mãe.

— Não chore. Estou quase aí. Tudo ficará bem. Nunca vou deixar nada acontecer com você. — Enxugo as lágrimas dos meus olhos. A sensação de alívio enche-me saber que está a caminho e que finalmente vou ter alguém do meu lado. Sei que vai corrigir isso. Carter não vai deixar ninguém me tirar dele. Sua possessividade deveria me assustar, mas tudo que sinto é conforto nele. Sei que não vai parar até chegar a mim. — Alguém tocou em você? — Ele pergunta. A possessividade é grossa em sua voz agora. Não tenho certeza o que dizer, porque não quero que venha aqui e seja jogado em uma cela ao lado da minha.

— Apenas colocaram algemas em mim, — digo. Ouço-o chupar uma respiração.

— Aguente. Estou indo para você, — me tranquiliza. Acho que desliga, mas uma batida depois, fala novamente. — Eu te amo. — Desta vez, sua voz é suave e sei que está tentando me acalmar. Me faz ficar com os olhos com mais lágrimas com este lado carinhoso de Carter que é só para mim. — Seja minha menina forte, boca esperta. Estarei lá em um segundo.

— Eu também te amo. — Mesmo que esteja sentada em uma delegacia de polícia, sorrio com suas palavras, porque nem uma única pessoa nesta Terra jamais as pronunciou para mim antes. Elas me dão força. Enquanto gostaria que as circunstâncias fossem diferentes, ainda são agradáveis de ouvir. Pressiono o botão para terminar a chamada e entrego de volta o telefone para a policial feminina. Ela me dá um leve sorriso antes de se levantar e me deixar sozinha na sala.

Fecho meus olhos, inclinando a cabeça para trás e me perguntando o que vai acontecer a seguir. Sei que Carter vai lidar com isso, mas o que isso implica? Ainda posso ver os olhares de satisfação no rosto dos policiais quando me pegaram. Yay para eles. Eles me pegaram. Uma menina que estava tentando sair de uma situação de merda. De um homem que merecia mais do que eu levando sua carteira. Se alguém deveria estar sob custódia deveria ser ele. Conheço esse tipo de pessoas. Tudo o que veem é a menina pobre que não pertence em sua comunidade. Não se preocupam em olhar mais longe do que a superfície. Lidei com pessoas me julgando toda a minha vida por causa das escolhas de minha mãe então isto não é diferente.

Vejo o policial alto vindo para mim e me abraço me defendendo do que vai dizer.

— Espero que goste de suas novas acomodações. Não se preocupe, tenho certeza que o seu celular será um upgrade do trailer de onde você veio.

Mantenho minha boca fechada quando ele agarra meu braço e começa a me levantar do banco. Me levanto e começo a andar com ele. Seu aperto está forte no meu braço, mas não faço qualquer coisa que lhe dê munições para usar contra mim. Tenho que lutar para não gritar de dor enquanto os dedos cavam meu braço sabendo que vai deixar uma marca. Sei também que ele vai se arrepender. Não estou mais sozinha. Pode empurrar-me ao redor neste momento, mas vai pagar por essa mão que colocou em mim. Sei isso.

— Detective Murray. Detective Grant. No meu escritório agora. — A voz preenche a sala. Quando olho para cima vejo um homem mais velho. Ele chama a atenção, assim estou supondo que é seu superior. Detective Grant solta seu poder sobre mim depois de me guiar de volta para o banco onde já tinha estado sentada. Interiormente sorri, sabendo que Carter já está trabalhando a sua magia. Mal me sento de volta no banco quando escuto a voz profunda de Carter através da delegacia.

Não luto contra o presunçoso sorriso que puxa meus lábios. Às vezes, amando o idiota é melhor do que amar o Príncipe Encantado.

Na verdade, porém, o meu Carter é ambos. Faz jus a ambos os nomes quando se trata de mim. Todos nesta delegacia estão prestes a conhecer o Carter que todos tentam evitar. Exceto eu. Congratulo-me com todos os lados dele de braços abertos. Ele está me viciando. Maldito seja ele. O estrondo profundo de sua voz com raiva me excita, enquanto estou algemada em uma delegacia de polícia. Tenho certeza que vai cuidar disso mais tarde também.



Capítulo Vinte e nove

Carter

Um cara de cabelos brancos, com uma barba de Papai Noel está de pé nos degraus da estação de polícia quando vou para cima. Corro atrás dele, mas ele agarra meu braço.

— Carter Franklin?

— Homem, desculpe. — Balanço seu aperto surpreendentemente firme. — Não tenho tempo. — Alguns desses homens mais velhos gostam de falar sobre os bons dias de antigamente quando jogaram bola. Costumo entretê-los, porque vou ser assim um dia. Hoje, porém, tenho que chegar a Mallory.

— Sou Kevin Bailey. Seu pai me ligou e me pediu para encontrá-lo aqui para discutir uma prisão ilegal .

Recuo imediatamente. Não se parece com nenhum dos tubarões que meu pai emprega. Esses caras são todos cabelos penteados para trás e ternos azuis escuros com gravatas listradas tipo escola preparatória. Parecem que foram tirados de uma fábrica

de advogados. Este homem é um terno vermelho longe de ser confundido com Jolly St. Nick.

Ele sorri, seu rosto se transformando em bolas vermelhas.

— Vem para dentro e vou ajudá-lo. Por que não me conta os detalhes?

Ser um bom quarterback é tudo sobre como tomar decisões em uma fração de segundo. Considero sua oferta por meio segundo e, em seguida, começo a falar.

— Encontrei Mallory na parte de trás do meu carro uma semana e meia atrás. Ela tinha fugido de sua casa porque o namorado de sua mãe estava fazendo movimentos sobre ela. Não tinha dinheiro próprio por isso levou a carteira desse cara. Acho que tinha algumas centenas nele. Alguns dias atrás, tive uma festa na minha casa. Os policiais vieram procurá-la e eu disse que ela era minha prima.

— E não questionaram mais ninguém?

— Nós todos a apoiámos — oferece Fast.

Papai Noel olha por cima do ombro para o meu companheiro de equipe.

— Bem, um grupo muito constante de amigos — observa. — Isso diz algo sobre você.

— Nada de bom, — exclama Fast. — Nós todos o odiamos porque ele é um idiota.

Afasto Fast.

— É melhor ser temido do que amado, assim diz Maquiavel, — Papai Noel diz alegremente, não dissuadido de todo pelo sarcasmo de meu companheiro de equipe. Papai Noel deve ter alguns elfos inteligentes na boca.

— Não quero interromper esta conversa de companheirismo entre vocês dois, — digo — Mas Mallory está algemada e em uma cela por isso precisamos entrar lá agora e tirá-la. Você tem um plano?

— Tenho, mas estou curioso sobre o seu. Você tem um, não é? — Papai Noel atira para mim.

— Sim. Trata-se de falar sobre como o chefe de polícia passou férias na minha casa, cheirando cocaína na bunda de uma modelo. — Tenho um monte de sujeira do homem. Meu pai tem ainda pior merda do Mayor Al, que é por isso que o oficial da cidade não faz nada sem a aprovação do meu pai.

— Ah, bem, vamos deixar a sua sujeira como está e tentar o meu caminho primeiro, vamos? — Papai Noel sugere.

— Quero ela fora hoje, — digo a ele.

— Claro. Nenhum outro resultado é aceitável.

Essas são palavras de incentivo para o seguir até a estação. Há um pequeno lobby e uma mulher sentada atrás de uma barreira de vidro. À minha esquerda está uma porta. Tento, mas está bloqueada. Enquanto isso, Papai Noel cumprimenta a despachante pelo seu primeiro nome.

— Debbie, você está linda como na fotografia. Como está o seu neto bebê mais novo? — pergunta, jogando a pasta em cima do balcão. Quando ela responde, começa a desatar o saco golpeado e tira algum papel.

— É uma boneca, Sr. Bailey, honestamente uma boneca! Tenho fotos aqui.

— Quero vê-los. Aqui, você dá uma olhada nestes enquanto dou uma olhada em seu bebê precioso. — Os dois fazem uma troca.

Enquanto Papai Noel olha para as fotografias e Deb começa a paginação através de um documento legal, estalo meus dedos. Isso está demorando muito.

— Você disse que iria dar-lhe uma chance, — sussurra Fast na minha orelha.

— Tem sido, pelo menos, um minuto desde que entrou aqui, — rosno. Quero ela fora agora.

— Senhor Bailey, está processando a estação?

— Eu não espero, Deb. Sinceramente não quero, mas os homens aqui tomaram uma inocente em custódia e não podemos tolerar esse tipo de comportamento, podemos?

— Mas Sr. Bailey, o xerife Hottenberg retirou os papéis de prisão.

— Não sabia que o xerife Hottenberg estava no comando da nossa cidade, — diz Papai Noel.

— Claro que não está, mas…

— Melhor trazer a menina para fora para que possamos ver que está bem. Não quero acrescentar qualquer reclamação sobre abuso físico.

— Oh, Sr. Bailey, nunca permitimos nada disso.

Papai Noel responde com um olhar decepcionado que faz com que Deb baixe os olhos de vergonha. Foda-se, o que se passa aqui?

Pigarreio para deixar Papai Noel saber que sua chance está prestes a acabar. Ele me reconhece, elevando sua mão.

— Deb, não quero pressionar você, mas tenho o jovem Carter aqui e você só pode segurar um touro bravo por algum tempo.

Deb me dá um olhar incerto. Mostro meus dentes para ela.

— Bem, não sei...

Tomo um passo em frente. Ela pula para seus pés.

— Já volto. — Ela empurra a cadeira para trás e desaparece por uma porta traseira. Meu instinto de luta entra em ação e me lanço em direção à barreira de vidro. Meu ombro faz impacto, mas o vidro à prova de balas detém. Olho em volta para uma arma, mas a única coisa que posso ver é uma fileira de cadeiras de plástico aparafusados ao chão.

— Está tudo bem, Carter. Deb está buscando a sua menina, — Papai Noel me diz, tomando um assento em uma das cadeiras.

— Como você sabe? Ela não é nem mesmo um policial.

— Ela tem as chaves. — está tão foda calmo e despreocupado. Isso deveria aliviar a minha ansiedade, mas isso não acontece.

Viro-me para Fast.

— Você tem um macaco no seu carro?

— Sim mas por quê?

— Porque estou quebrando essa parede abaixo e preciso de alguma ferramenta. — Piso em direção à saída. Quando estou alcançando a maçaneta, um som de zumbido por trás de mim e uma pequena voz chama:

— Carter?

Giro ao redor para ver Mallory voando em todo o lobby e para os meus braços.



Capítulo Trinta

Mallory

Carter me pega facilmente quando o seguro apertado, enterrando meu rosto em seu pescoço.

— Sinto muito, — digo contra sua pele quente.

Seu aroma imediatamente me acalma. Ele é a minha casa. A única real que já conheci. Tem feito tanto por mim, no pouco tempo que nos conhecemos. Não posso imaginar onde estaria se não fosse por ele deixando suas portas de carro desbloqueadas. Tremo com esse pensamento porque sei que ainda estaria naquela cela sem esperança de sair. Acho que nunca vou deixar seu lado novamente. Desta vez o cutucar Carter foi um pouco longe demais, mas isso não vai me impedir de continuar a tentar irritar suas penas no futuro. Melhor me acostumar a ele estar ao redor porque nunca vai me deixar fora de sua vista após este pequeno fiasco.

— Você acabou de dizer que sente muito? — Carter diz, quase parecendo chateado com isso. Me inclino para trás para olhar para ele. Tem a mão na minha bunda me segurando no lugar com minhas pernas em volta dele. O beijo. Não posso evitar. Sou muito grata por

tê-lo no meu canto. Ele pode estar mal-humorado sobre o que está franzindo a testa, mas vai ter que esperar até depois que tiver terminado de o beijar. Seja o que for vai ter que ser colocado em banho-maria até me satisfazer de meu homem. Aprofundo nosso beijo, silenciando-o por tanto tempo quanto puder. Sabia no fundo que ele viria para me pegar, mas é ver para crer. Agora sei sem dúvida que este homem sempre vai estar aqui para mim. Mesmo se eu roubar seu carro.

Ele puxa para trás do beijo.

— Inferno do caralho. Estamos em público, — me lembra. Sinto sua dura ereção escavando no meu estômago. Não só estamos em público, estamos no meio da delegacia. Um arrepio percorre-me quando penso sobre os oficiais que me prenderam. Oprime-me a ideia de os ver novamente. Carter muda seu poder sobre mim quando um de seus dedos trata de levantar o meu queixo, fazendo-me olhar em seus olhos.

— Por que está dizendo que lamenta? Aqueles filhos da puta mexeram com essa luta em você? — Me desafiaram.

— Tudo bem, não sinto muito ter roubado o seu carro.

— Essa é minha garota. — desta vez é ele quem me beija. É muito rápido e me coloca em meus pés antes que eu queira que o faça. A única coisa que posso pensar é sair daqui. Quero ficar sozinha com Carter para que possamos nos enrolar em casa, onde ninguém estará olhando. Casa. A simples palavra se instala dentro de mim. Carter se inclina e beija meu pescoço, causando um tipo diferente de arrepio através de mim.

— Dê-me um segundo, — diz, dando um passo para trás de mim. O alcanço e agarro o braço, preocupada que vá fazer algo estúpido. Deve ver a preocupação no rosto.

— Apenas preciso de ter uma palavra com o Papai Noel lá. — Olho para o cara que se parece com Papai Noel. Meu poder sobre Carter aperta. — Você venceu. — Suspira, me puxando para seu lado enquanto caminha em direção ao homem mais velho. Todo mundo ainda está nos observando. É então que vejo que Aly e Owen estão aqui também. Tinha esquecido que ela estava comigo quando os detetives me apanharam. Uma pontada de culpa me atinge como percebo que deve ter ficado com medo também. Tenho certeza de que Owen estava uma pilha de nervos quando descobriu. Vou ter que pedir desculpas a ambos.

— A carteira desse filho da puta que estão acusando minha menina de roubar, — Carter diz alto o suficiente para que todos possam ouvir. — É melhor para ele que não chegue perto das minhas mãos. — Carter teve as mãos nela antes. Então empurrei-a para o fundo do armário. Não sei se ele sabe onde está ou não. Provavelmente sabe. — Porque se eu a encontrar, vou voltar, pessoalmente, que merda. Se fosse ele, a esqueceria, a menos que queira que merda aconteça. — A ameaça clara em suas palavras. Ninguém diz uma palavra. Não sei que tipo de poder Carter e sua família têm por aqui, mas deve ser bastante significativo. Apenas fez uma ameaça e ninguém está fazendo nada sobre isso. Não só isso, ele parecia prestes a rasgar este edifício antes de vir voando para fora dessas portas e ninguém parecia que estava indo para detê-lo. Mais uma vez tenho um vislumbre do lado idiota de Carter. Definitivamente tem seus benefícios.

— Ninguém está procurando por qualquer carteira. — Olho para ver o mesmo homem mais velho que chamou Detective Murray e Grant em seu escritório alguns minutos antes de Carter chegar aqui. Não tenho certeza o que aconteceu com eles, mas não os vi desde então.

— Chefe. — A voz de Carter detém uma borda dura para ele. Ele não está dizendo o nome do homem em saudação. Está à procura de uma resposta.

— Isso foi um erro. Todos sabemos quanto você ama seu carro. Pensamos que alguém o tinha roubado. — Ele limpa a garganta. — Pedimos desculpas e os dois detetives serão tratados.

— Há um monte de merda que parece precisar de alguma manipulação por aqui. Seria melhor se não tiver de ser eu a fazer isso. — Com esse aviso final, Carter me leva para fora da delegacia. O ar fresco bate no meu rosto e agradeço a minha estrela da sorte que Carter está em minha vida.

— Deuce!— Aly grita.

Carter vira a caminho.

— Jesus. É melhor que todo o mundo não comece a me chamar disso. — Luto com uma risada.

— Foi um bom passeio. — Ela oscila as chaves para o carro de Carter em sua mão antes de as atirar para o nosso caminho. Carter facilmente as pega. Rio de excitação sobre Aly dirigindo o carro de Carter.

— Obrigado. — Ele realmente dá-lhes um sorriso. — Vocês dois. Quero dizer isso. Obrigado por manter um olho em minha menina .

Owen puxa Aly ao seu lado em entendimento.

— É para isso que os amigos servem. Mesmo os que fingem ser idiotas, mas realmente não são. — Ele dá de ombros.

Carter balança a cabeça, porque é uma espécie de verdade. Carter pode ser um idiota, mas há sempre boas intenções por trás dele. Grito minhas despedidas e prometo a Aly que vamos recuperar o atraso em breve. Carter me leva para o carro, abrindo a porta do passageiro para eu entrar antes de pular para o lado do motorista. Ele ajusta seu assento e liga o carro.

— Deveria saber que você estava indo para decolar com o meu carro. — Puxa para fora do estacionamento.

— Nem sei por que fiz isso, — admito. Antes de Carter sempre segui as regras e tentei permanecer sob o radar. Só roubei a carteira para a sobrevivência. Olho para ele. — Nem sequer tenho uma licença de motorista verdadeira. — Olho para Carter, esperando que exploda de raiva. Ao contrário, ele joga a cabeça para trás e ri. É tão inesperado que sigo o exemplo. Parece tão bonito quando não está

franzindo a testa. Vê-lo se divertir começa a me ligar. Amo quando está tão relaxado e me parece que sou a única a conseguir tirar isso dele. Chego ao longo do console e corro a minha mão até sua coxa. Sua risada pára imediatamente. Deslizo minha mão para agarrá-lo. Sua respiração pega quando o acaricio sobre suas calças.

— Carter. — Continuo a acariciá-lo o melhor que posso. — Dirija mais rápido.



Capítulo Trinta e um

Carter

— Você está pronto? — Endireito a gola do casaco Burberry Borgonha que Mallory tem envolto em torno de seus ombros. Ainda está frio lá fora e não posso ter a minha menina pegando um resfriado. Deveria ter lidado com isto semanas atrás. Tenho vontade de o fazer mas Mallory ficava me dizendo para deixá-lo ir. Isso foi até ela ter acordado ontem à noite com um pesadelo gritando que a polícia tinha chegado a ela. Foi quando soube que tinha que lidar com isso. Ela mesma não está a deixá-lo finalmente estou indo para colocar essa merda para a cama para todos hoje.

— Nasceu assim, baby, — diz ela, mas debaixo de seu tom leve ouço uma sensação de ansiedade. Sabe que temos que fazer isso também. Seria bom se ficasse aqui em nosso carro, mas quando disse a ela que estava indo para fazer uma visita a sua mãe e ao namorado caloteiro, insistiu em ir junto. Tenta minimizar seus sentimentos para sua mãe, mas sei que os tem. Se alguém sabe essa merda sou eu. Ambos podemos ter mães egoístas, mas em algum nível que não podemos deixar de amá-las não importa quão duro tentamos não fazê-lo.

— Bom. Estou nervoso, no entanto. Espero que você planeje segurar minha mão o tempo todo. — Dobro os dedos no bolso e a levo para fora da porta.

— Sei que está mentindo para me fazer sentir melhor, — resmunga. Claro que estou. Faria qualquer coisa para minha menina estar feliz.

Lanço um olhar por cima do ombro.

— Está funcionando?

— Marginalmente. Estou mais preocupada com o problema que você está entrando. O prefeito Al não tem um monte de controle em Hottenberg .

Se alguém me perguntar como Mallory mudou a minha vida, teria que dizer que me tornei menos egoísta. Antes teria ido fervendo, o que significa que poderia ter cometido um erro ou dez. Não estou mais sozinho, então não posso ser irresponsável como era antes. Mallory é a minha número um agora, então cada ação que tomar vai ter impacto nela.

— Não vou te deixar sozinha, querida. Nada é mais importante do que estar com você.

— Nem mesmo vingança?

Desbloqueio o meu Maserati e a sento no seu interior antes de responder.

— Não acho que seja preciso haver uma escolha. — Dou-lhe um bop no nariz com o meu dedo antes de ir para o meu lado. — Nunca tive em qualquer problema sério antes deste, então não vejo por que deveria ter problemas sérios agora.

— Então não está indo para bater em Ricky? Porque quando você encontrou pela primeira vez a carteira, você rasgou minha camisa e disse que estava indo para matá-lo, — me lembra enquanto levo o Maserati até a estrada.

— Rasguei sua camisa para que não pudesse ir embora e acho que as minhas palavras exatas foram 'Vou enterrar esse cara', o que pode significar um monte de coisas diferentes.

— Espero que essas coisas diferentes não incluam atividades ilegais.

— Não estou tomando uma batida para fora com ele se é isso que está perguntando.

Ela suspira e resolve voltar contra o assento.

— Há um monte de área cinzenta entre não tomar uma batida para fora sobre ele e todas as coisas não ditas com o que você quer fazer com ele.

— Baby, não se preocupe. Eu tenho esse cuidado .

Ela fica em silêncio assim que chego por todo o console e dobro a minha mão entre as pernas dela.

— Deveria fazer você dirigir, — digo, — e ver como você é boa no que faz, enquanto estou em você com a porra do dedo.

— Você precisa de um carro novo, — diz, mas foge para baixo para que sua buceta quente esteja descansando contra meus dedos. Ainda bem que possa dirigir com uma mão.

— Estava ficando cansado dessa merda de qualquer maneira. — Empurro de lado a calcinha e acaricio-a rapidamente nos lábios inchados.

Se contorce contra mim.

— Sim, este é um carro terrível. Provavelmente precisamos de um carro maior com um banco traseiro real.

— E talvez um motorista. — Deslizo um dedo no interior dela.

— Sim, um motorista pode ser… — Solta um suspiro quando enrolo o dedo para a frente para esfregar contra esse minúsculo pedaço de pele que a faz ficar louca.

— Deixe ir, querida. Não se preocupe com nada. Carter vai cuidar de tudo isso, — cantarolo. Ela faz o que peço, inclinando a cabeça para trás, apoiando seus pés contra o painel e montando meus dedos até que sinto umas agradáveis ondulações do orgasmo através de seu corpo. Mantenho meus dedos lá todo o passeio, mesmo depois que adormece contra a porta, porque quero que saiba que sempre vou estar com ela.

Ela percebe quando o carro fica mais lento na frente de um complexo de apartamentos antigos. Não há nenhuma porta, apenas um grande estacionamento de asfalto rachado. Me faz usar algumas toalhinhas de sua bolsa para limpar os dedos porque a ideia de ir para a casa de sua mãe, enquanto Ricky está lá, com seu perfume sobre o meu corpo, me aterroriza. Meio que gostava, mas me lembro que não é sobre mim. É sobre ela, então limpo qualquer vestígio dela e depois beijo-a duro.

— Não se preocupe, querida. Vai dar tudo certo. — Tomo sua mão na minha e subimos as escadas. Usa uma chave para nos deixar entrar pela porta da frente.

— É no final. Apartamento 14 , — me diz.

Apartamento 14 tem um tapete sujo de bem-vindo com as três primeiras letras desgastadas por isso só diz —vindo.

— Isso foi Ricky que fez, — diz Mallory. — Tem o senso de humor de uma criança de dez anos de idade.

— Soa como um insulto para crianças de dez anos, — gracejo. — Tem a chave do apartamento, também?

Ela a encaixa na porta e a empurra aberta. É tranquilo, o que me surpreende. Pensei que alguém estaria. É sábado e quase dez horas

— Ainda devem estar na cama, — sussurra Mallory. Aponta para uma porta fechada para o lado. Libero sua mão. Vendo este lugar me faz desejar que tivesse encontrado minha menina mais cedo.

— Fique aqui. Não há necessidade para você ver a salsicha do velho Ricky. — Embora pareça ser o tipo de puxar seu shorts imediatamente após o sexo.

Mallory faz uma careta com o pensamento.

— Sim, ok.

Vou para a porta, mas ela agarra a minha mão.

— Por favor, não faça nada que fique em apuros. — Implora com os olhos.

— Não vou, — tranquilizo-a, dando-lhe outro beijo duro. Depois que me libera, atravesso a sala e, em seguida, com um movimento rápido, chuto na porta. Tenho a certeza que os dois estavam dormindo. A mãe de Mallory salta fora da cama, segurando os lençóis no peito e deixando Ricky com seu traseiro nos boxers exposto.

Há um copo meio bebido com um líquido âmbar na mesa de cabeceira. Agarro-o e jogo-o no rosto do homem. Ele levanta-se engasgando.

— Que porra é essa? — Ruge.

— Quem é você? — Guincha a mãe de Mallory.

— Você é Ricky, certo? — Só quero ter certeza que vou bater no homem certo.

— Sim, quem é você, punk? — Começa a se levantar, mas dou-lhe um gancho de direita.

— Oh meu Deus, — exclama a mãe. — Será que Pat o enviou? Juro que íamos pagar por essas drogas. Ficamos um pouco atrasados.

— Cale a boca, cadela, — rosna Ricky, segurando o queixo com a mão direita. — Olha, se você é de Pat, já fizemos um acordo.

— Não de Pat, mas é bom ouvir você admitir que é um criminoso sujo. Venha, querida. O idiota está se vestindo. — Roubo uma camisa do chão e atiro-a para ele. — Você, velha senhora, sua filha está aqui. Tem algo a dizer. Depois que disser isso, vou terminar o ensinamento a Ricky de uma lição sobre o que acontece quando desrespeita a minha menina e então vou lhe deixar quinhentos. Esse é o último contato que todos nós vamos ter. Entendido?

— Mallory? Mallory está aqui? — A mãe dela voa pela sala. Passo em seu caminho antes que possa chegar à minha menina.

— Uh-uh. Não há mais manipulações de você. Mallory vai falar e você vai ouvir. — Estalo os dedos na direção de Ricky. — Eu lhe disse para colocar essa camisa. Não me faça pedir de novo.

— Ou o quê? — Ele zomba.

Deixo a mãe, caminho até a cama e bato o copo no lado de seu rosto. Solta outro grito de dor e tenta me atacar. Passo para o lado e ele cai de cara no chão. A mãe de Mallory começa a gritar enquanto Ricky luta para se colocar em seus pés. Cobra novamente. Em vez de pisar de lado, soco na mandíbula de novo. Desta vez, quando desce, não se levanta novamente. Jogo o T-shirt em cima de suas costas expostas.

— Pensei que não estava indo para enterrá-lo, — Mallory diz da porta.

Esfrego meus dedos com uma mão.

— Não vejo qualquer sujeira aqui. Tem algo a dizer a sua mãe?

Mallory me dá um aceno duro e se vira para a mulher mais velha, que está em pé no meio da sala com um lençol mal cobrindo seu corpo e sua mandíbula aberta de largura.

— Me desculpe, tomei a carteira de Ricky. Aqui está com todo o dinheiro intacto. Estava tentando me levar para a cama com ele e estava preocupada que não aceitaria um não como resposta, então tomei a sua carteira e fugi.

— Do que você está falando? Ricky nunca teria…

— Ou acredita na sua filha ou cala a boca, — estalo. Sei que contou para a mãe antes sobre Ricky e ela não acreditou. A mãe de Mallory estava se mantendo em torno de Ricky pelas drogas. Não é ela que está necessariamente escolhendo sobre sua própria filha, mas o vício.

— O que? Como ousa…

— Ok, não tem que ter o dinheiro de volta. — Tomo a mão de Mallory e finjo sair.

— Espera. Espera.

Voltamos para trás. A mãe de Mallory lambe os lábios.

— Quanto foi que disse estava na carteira?

— Quanto quer que esteja? — Pergunto. — Pode ter mais se certificar que Ricky esqueça que Mallory existe. Caso contrário, vou voltar a ter a sua casa, seu trabalho, e qualquer outra coisa que precisa para sobreviver. Vou colocá-la na rua para que tenha que implorar de joelhos para ser alimentada.

Ao meu lado, Mallory cresce quieta e silenciosa, porque sabe que vou fazê-lo. Posso ser um idiota, todo mundo sabe disso, mas pela minha menina vou levar essa merda ao extremo. Não vai ser

bonito. Não faria qualquer uma dessas coisas com essa mulher, porque é a porra da mãe de Mallory, mas estou bem com assustar o idiota a fazer o que quero.

— Se mantiver uma coleira em Ricky, vou enviar-lhe dinheiro todos os meses. Não vai ser um monte. Apenas o suficiente para alimentá-la, vesti-la, e ficar limpa. E se ficar limpa e sóbria e quiser um relacionamento com Mallory, podemos reavaliar, mas tudo depende de você ter certeza de que Mallory consiga viver sua vida livre de qualquer medo desse babaca aqui ou qualquer outra pessoa. Entendido?

A mãe de Mallory não tem que pensar duas vezes. Este negócio soa muito bem para ela.

— Sim. Sim. — Ela balança a cabeça ansiosamente. Esfrega as mãos como se pudesse sentir o dinheiro.

— Está bom para você, gata? — Pergunto.

Com olhos tristes, Mallory concorda.

— Sim. Está bom para mim.

Tomo a carteira e lanço-a em cima das costas de Ricky.

— Ai está. Mantenha suas promessas, senhora, e há mais de onde isso vem.

Para minha grande surpresa, a mãe não cai imediatamente na carteira. Ela estende uma mão na direção de Mallory.

— Sinto muito, querida. Realmente sinto. As drogas me obrigam a fazer coisas que nem sempre quero.

Mallory lança uma respiração instável.

— Eu sei, mãe. Obtenha ajuda, embora, por favor?

A mulher acena com a cabeça.

— Eu vou. Te amo querida.

Mallory fecha os olhos por um momento, quase como se não pudesse acreditar que sua própria mãe dissesse essas palavras para ela.

— Procure ajuda, mãe, — responde Mallory. Aperta minha mão e tira-me para fora da sala.

— Você está bem? — Pergunto.

— Sim e não. Estou feliz que está recebendo ajuda, mas sinto muito por tudo o que aconteceu antes. Não gosto de vê-la nessa condição.

— Eu sei. Basta lembrar, porém, que não está mais sozinha. Você me pegou.

Mallory sorri.

— Eu fiz, não é?

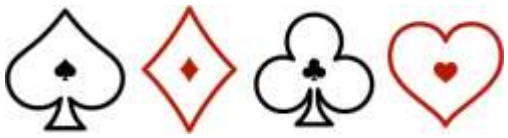
Trago-lhe a mão aos meus lábios.

— Para todo o sempre.

— Entrar em seu carro era um jogo real, Deuce, mas valeu a pena.

Fiquei quente sob aquele doce sorriso dela.

— Vamos sair daqui, — rosno. Pego-a em meus braços e saio de seu passado para seu futuro.



Capítulo Trinta e dois

Mallory

— Acha que posso ser uma chef?, — Pergunto a Carter enquanto agito o molho que tive no fogão durante a maioria da tarde. O sol está se pondo e Carter acende um fogo. É difícil acreditar que esta é a minha vida. Ainda estou na escola, mas Carter e eu estamos brincando de casinha. Cozinhar para nós se tornou nosso normal e estou achando que é algo que amo fazer. Também me relaxa. É uma sensação natural e realmente nunca tive o luxo de cozinhar refeições inteiras antes. Inferno, nunca tive uma abundância de alimento para cozinhar. A despensa aqui nunca está terminando. Acho que é maior do que o meu velho quarto na casa da minha mãe. Parece estar sempre aparecendo alimentos e sendo reabastecidos. Tenho certeza que Felton vem enquanto estamos longe na escola e trata disso para nós. Quando peço a Carter sobre a escolha de algumas coisas, elas sempre parecem aparecer no dia seguinte.

— Penso que pode fazer o que quiser, querida. — Tanto Carter e eu estamos mais relaxados desde que chegamos em casa depois de

ver minha mãe. Fizemos amor e desmaiamos nos braços um do outro. Acho que foi o melhor cochilo da minha vida.

Não sabia o quão pesado o peso sobre meus ombros era até que se foi. Acho que Carter estava carregando algum também. Queria a sua vez com Ricky e dar um aviso a minha mãe. Nunca fui mais grata por ele ser um idiota do que fui quando estávamos em seu lugar. Carter entregou a mensagem alta e clara em seu caminho arrogante, mas também mostrou compaixão por minha mãe, oferecendo-lhe uma maneira de sair dessa vida. Deu-lhe uma opção para obter ajuda. Algo que nem sabia que queria que fizesse até que fez. Carter era bom em me medir e tinha batido o prego na cabeça. Eu o amava mais do que pensava que era possível naquele momento. Essa é a coisa sobre Carter, sempre cuida de mim e faz o que acha que é melhor para mim.

— Tenho que fazer alguma coisa. — Dou de ombros, voltando para o balcão para cortar os legumes para a nossa salada. Fiz o molho para isso. Gertie tinha passado a receita para mim. Ela realmente me ensinou um monte de refeições rápidas para fazer para duas pessoas. Era chef da família de Carter por muitos anos e estava mais do que feliz em me ajudar.

Carter já escolheu a faculdade. Tem sua carreira traçada. Já deixou claro que onde quer que vá, eu vou. Talvez deveria achar que parece rude, mas não acho. É claro que dei-lhe um tempo difícil sobre isso, mas, no final, nós dois sabemos que vou estar indo com ele para qualquer faculdade que escolher. Não estou apenas certa o que está nas cartas para mim. Nunca dei muito pensamento. Faculdade não é algo que estava preparada para participar, mas estaria mentindo se a ideia de promover minha educação não me excita.

— Você não tem que fazer nada. — Olho para ele. — Exceto eu. — Pisca. Rolo meus olhos, mas sorrio. — Há escolas de culinária em todos os lugares, — diz quando volto a cortar a comida. — Talvez a gente olhe para alguns? Inferno, sua culinária é boa para caralho, poderia ser apenas autodidata .

— Você só está dizendo isso. — Ainda assim coro sob o louvor. Ele não é confiável. Acha que sou boa em tudo o que faço.

— Babe. Comi nos melhores restaurantes do mundo. Conheço boa comida. A sua é porra deliciosa. — Seus olhos encontram os meus para me deixar saber que ele é sério. — Meus tacos são ainda melhores do que os seus, mas ninguém é perfeito. — Simplesmente

não podia evitá-lo. Sorrio mais porque amo a nossa vida e amo este homem na minha frente.

— Ia até aí e ia beijá-lo, mas acabaríamos na cama e meu pão ainda está no forno e não o quero queimar. — Faço um beijo no ar. Começa a se levantar, mas alegremente aponto a minha faca de cortar para ele. — Sente-se. — Tento manter o meu tom firme.

Suas sobrancelhas sulcam juntas e cai em sua cadeira. Quase o chamo fazendo beicinho. Seu telefone toca, distraindo-o por um momento. Sei que é provavelmente seu pai. Não mantem o som para muitas pessoas. Sei que ele e seu pai estão um pouco mais perto, mas nas semanas que estive aqui ainda tenho que conhecer o homem. Não tenho certeza se isso é uma coisa boa ou uma coisa ruim neste momento. Carter respeita seu pai. Não pode aprovar as relações de seu pai, mas mantém separado disso. Acho que está apenas ocupado talvez? Sei que não é por que Carter está tentando esconder-me embora. Gosta de deixar todo mundo saber que sou sua garota. Ainda nos deparamos com pessoas que estão chocados com essa revelação.

— Tem o suficiente para outra pessoa? — Pergunta Carter.

— Sim, por quê? — Acho que já sei. Meus pensamentos conjuraram uma resposta.

— Papai está vindo. — Deixa cair o telefone de volta para baixo em cima do balcão, inclinando-se para trás na cadeira.

— Agora? — Largo a faca. Minhas mãos vão imediatamente para o meu cabelo. Olho para o que estou vestindo. Estou na camisa de Carter e um par de cuecas. Pareço uma bagunça quente.

— Você está bem. É apenas o meu pai, — diz como se não fosse grande coisa.

— E se ele não gostar de mim? — Isso é um grande negócio! Ele já sabe tudo sobre a carteira e o incidente na delegacia. Estou começando a entrar em pânico um pouco por dentro.

— Realmente não dou a mínima se gosta ou não gosta. Você não vai a lugar nenhum. — Ainda assim, age como se isto não fosse uma grande coisa.

— Carter!— Grito para ele.

— Baby. — Se levanta da cadeira, aproximando-se de mim. Levanta-me, colocando-me no balcão. — Ele vai gostar de você. Todo mundo gosta de você. — Diz a última parte como se fosse uma coisa ruim que todo mundo gosta de mim. — Confie em mim, — diz, antes de me beijar. Como todos os seus beijos fazem comigo, relaxo, deixo ele me acalmar.

Só quando uma garganta está limpando é que o empurro para trás para ver um homem parado ali que se parece muito com Carter. Só que mais velho com cabelos grisalhos e um terno.

— Bata, pai, — Carter diz-lhe quando recua de mim para ir ter com ele.

— Eu fiz. — Dão um ao outro um meio abraço. Sento-me no balcão, sem saber o que fazer. Levanto minha mão e aceno como um idiota. Quero usar a mesma mão para me esbofetear. Carter caminha para mim e antes que possa me apresentar, pulo fora do balcão e abraço seu pai. Acho que ele está um pouco chocado, mas me abraça de volta. Estou nervosa e minhas mãos estão suando assim um aperto de mão estava fora de questão.

— Deve ser a minha futura nora que já ouvi falar muito, — Mr. Franklin diz antes que possa me apresentar corretamente. Provavelmente pensa que sou louca agora. Não tenho de olhar para a minha cara para saber que estou corando.

— O que há com todos os abraços? — Carter rosna do meu lado, me puxando para trás de seu pai. Seu pai joga a cabeça para trás e ri no ciúme de Carter.

— Deuce. — Bato no seu peito. — Só queria dizer obrigado por tudo. Sei que ajudou com…

Seu pai detém a mão para me impedir de falar.

— Ela acabou de chamá-lo Deuce? — Pergunta, olhando para Carter, mas Carter está olhando para mim.

— Você é da família, Mallory. Claro que papai faria qualquer coisa para você, — diz, ignorando a pergunta de seu pai.

— Deuce é certo, — diz o pai de Carter. Me dá esse mesmo meio sorriso que Carter tem.

— Só ela pode me chamar assim.

O sorriso do pai do Carter vira por completo.

— Tudo certo. Vejo o que quer dizer com isso do pré-nupcial agora.

— Pré-nupcial? — Como é que vamos de cutucar Carter a falar de um acordo pré-nupcial? Oh sim. O comentário nora. É por isso que está aqui? Carter e eu conversamos sobre casamento, mas é sempre à distância. Pensei eu. Carter estende a mão a seu pai, que tem uma pequena caixa azul nas mãos.

— Nem sequer dei este a sua mãe.

— Eu sei. — O rosto de Carter é sério agora. Um olhar é trocado entre eles em compreensão.

— Cheira maravilhosamente, mas acho que deveria deixá-los ter a vossa noite. Tenho certeza que vamos ter muitas mais possibilidades para jantar. — O pai de Carter me abraça desta vez.

— Você é boa para ele, — diz no meu ouvido antes de deixar-me ir. — Bem-vinda à família. — Vira a cabeça para fora da porta, deixando Carter e eu parados lá.

Me viro para olhar para Carter, meus olhos passando rapidamente para a pequena caixa na mão gigante.

— Pré-nupcial?

— Não precisamos de um.

— Porque não vamos nos casar por um tempo? — Questiono. Não sei como me sinto sobre isso. Sei que quero me casar com Carter, nunca pensei que seria tão cedo, mas a ideia de que isso aconteça mais cedo ou mais tarde me enche de emoção. Seria realmente dele e ele seria meu.

— Não sou bom esperando quando se trata de você. — Passa rapidamente e abre a caixa, caindo sobre um joelho. — Poderia ter feito isso melhor, mas novamente, não sou bom em esperar quando se trata de você. — Olho para baixo o belo e antigo anel. — Era da minha avó. Me disse que um dia eu iria dar este anel para alguém. Eu ri. Ela apenas riu de volta com mais força. Tenho certeza que está rindo de mim agora. — Sorri. — Dê-me sua mão, querida.

Levanto minha mão tremendo enquanto desliza o anel no meu dedo.

— Você não perguntou, — indico.

— Não, não perguntei. — Me puxa para baixo. Caio em seu colo. — Acha que lhe ia dar a chance de dizer não?

— Acha que diria não? — Envolvo meus braços ao redor de seu pescoço enquanto escarrancho nele.

— Não sei. Você pode ser uma rebelde, às vezes. Nunca sei o que vai dizer.

— Você ama isso sobre mim, — Provoco.

— Amo, — Concorda. Se inclina, roçando sua boca contra a minha. — Realmente você deve ser aquela a ser chamada de Deuce. Deuce Selvagem.

Rio contra sua boca.

— Deixa para lá, Deuce. Você está mantendo o nome, — digo através do meu riso.

— Contanto que tome o meu último nome. — Usa seu tom de voz suave e doce que reserva apenas para mim.

— Combinado, — Concordo, sabendo que é o melhor que vou fazer. Ele era um rebelde que optou por jogar, mas no final, nós dois ganhámos.



Epílogo

Carter

— Não esqueça que tem a conferência de imprensa em cinco, — O treinador Kay me lembra depois de me entregar uma toalha. O estágio acabou de começar e é suposto fazer alguma música e dança para os jornalistas desportivos, mas estou indo para casa.

— Não posso fazer, — respondo, limpando o preto debaixo de meus olhos. — A mulher está experimentando uma nova receita e prometi que estaria em casa para comer.

— É essa a sua nova gíria para sexo? — Brinca o novo treinador.

Como se fosse brincar com algo assim. Dou-lhe um olhar assassino.

— Não. Ela foi para uma classe com sua mãe sobre como fazer nhoque, sabe, as massas de batata tubo e estão fazendo isso em casa pela primeira vez. — Não compartilho que este é o terceiro aniversário da mãe de Mallory estar limpa e sóbria. Foi difícil no

início, mas alguns centros de tratamento mais tarde, parece que esta sobriedade vai ficar.

— E você está ignorando uma conferência de imprensa para isso? Isso é uma multa de vinte e cinco mil!

Dou de ombros. Para um garoto que acabou de sair da faculdade e só tem algumas centenas de milhares do seu bônus de assinatura em sua conta bancária, talvez não pareça muito, mas vale a pena para mim, para comer com minha esposa e sua mãe.

— Não discuta com ele, garoto. Ele praticamente paga o seu salário com suas multas. Quanto foi no ano passado? — Pergunta o nosso central pro, Alonso.

— Quinhentos e setenta e cinco, — grita Fast de toda a sala. Sempre jogamos bem juntos. Fiz pressão para que fosse trazido. Sei que é a peça que faltava para os nossos sonhos de Super Bowl. Não temos uma vitória nos últimos dois anos, o que porra é uma porcaria. Mas nesta temporada, fomos empilhados com talento e tenho toda a confiança que vamos construir nosso caminho para o Lombardi Trophy.

— Isso é mais do que o meu salário, — murmura outro novato.

Lanço a toalha no armário improvisado atrás de mim e me levanto nos meus pés.

— Você vai fazer o corte, cara, e então terá alguns bônus agradáveis de todos os jogos que ganhar este ano. Isso é o que todos devem se preocupar.

O Relações Públicas, Dennis Cross, dá-me uma careta suja quando saio do vestiário, poucos minutos depois, minha bolsa pendurada sobre um ombro e as chaves prontas na minha mão livre. Balanço a cabeça e corto-o antes que possa sair outra frase sobre como estou quebrando as regras e dando um mau exemplo para os novatos.

— Minha família é o número um, e sempre foi. Vou estar aqui amanhã e assim como os repórteres e as cameras. — Estãaro aqui todos os dias.

— Não são os mesmos repórteres.

— Então vão ter que voltar ou escrever uma história diferente. Diga a sua mãe que parecia bastante bem na caixa de imprensa hoje. Laranja é uma cor boa para ela.

O humor de Dennis muda instantaneamente.

— Obrigado. Vou passar isso.

Aperto-lhe no ombro e peço licença. O minuto que estou no meu carro - um Lambo vermelho – ligo para a minha garota.

— No meu caminho de casa, — anuncio.

— Saiu cedo, então? Não estava certo, esta manhã.

— Nah, tinha certeza. Você foi aquela que manteve apontando para a agenda dizendo que minha tarde estava reservada.

— Então está pulando fora da conferência de imprensa obrigatória, não é?

— Culpado. — Aceno para os dois policiais sentados dentro de seu carro assistindo a entrada do nosso parque de estacionamento. Dei-lhes bolas de futebol autografadas no primeiro dia, por sugestão de Mallory. — Você ficaria orgulhosa de mim.

— Sempre estou.

— Não sobre futebol, mas sobre ser um ser humano real hoje.

— É mesmo? — Parece que está sorrindo, o que me faz sorrir.

— Sim. Dei um elogio para o cara das Relações Públicas .

— Dennis, querido, seu nome é Dennis. E bom para você.

— Deveria ter um prêmio especial quando chegar em casa, — digo. Ser bom é ainda um esforço para mim, mas tento porque faz Mallory feliz.

— Está recebendo um prêmio especial. É chamado de nhoque caseiro .

— Estava pensando em talvez sobremesa, algo picante, quente, e…

— Minha mãe está de pé ao meu lado! — Grita. ouço os segundos de tom de discagem depois.

Inclino a cabeça para trás contra o assento o resto do caminho e sopro um suspiro. Amo que a mãe de Mallory está finalmente sóbria e adoro que está vivendo perto de nós, para Mallory poder vê-la todos os dias, mas também quero ter sexo por telefone com a minha garota, tanto quanto quiser. A volta para casa vai ser chata sem falar com Mallory sobre como vai deslizar meu moletom sobre minha bunda, puxar meu pau para fora e, em seguida, sugar a minha alma por ele. Consigo chegar em casa, e Mallory cumprimenta-me à porta com um beijo.

— Senti sua falta, baby, — digo a ela. Minhas mãos abraçam ao redor dos quadris e, naturalmente, levo-a para a superfície plana mais próxima, que, na entrada do nosso apartamento de cobertura, é a parede. Está tão ansiosa. Suas pernas chegam na minha cintura e ela esfrega sua buceta coberta de pano sobre meu pau já duro. Nossas línguas emaranham-se enquanto seus dedos escavam em meu crânio. Poderia a ter levado, em seguida, como fiz dezenas de vezes antes, mas de alguma forma consegui manter minha cabeça. Relutantemente, começo a colocá-la no chão. Ela se agarra a mim, porém, e força a minha boca de volta para a dela.

Cedo e beijo-a de volta, provando todos os cantos de sua boca interior, lambendo o topo de sua língua e mordendo o lábio inferior de pelúcia. Uma de suas mãos cai para empurrar o cós do meu moleton para baixo, distante o suficiente para que possa espalmar meu pau dolorido.

— Baby, baby, — murmuro contra sua boca, — o que aconteceu com sua mãe?

— Disse que tinha uma dor de cabeça e foi se deitar.

— Na sua casa? — Comprei um apartamento para a mãe dela três andares abaixo de nós.

— Sim. — Mallory roda seu pulso e a pressão sobre a ponta do meu pau sensível quase me deixa de joelhos.

— E sobre o nhoque?

— Está esfriando. Temos tempo.

— Oh, graças a Deus. — Começo a andar em direção ao quarto, uma mão sob sua bunda e outro embaraçada em seu longo cabelo. — Estive pensando sobre a sua buceta quente durante todo o dia.

— Posso ver isso, — brinca e me dá outro aperto longo. Tropeço, mas consigo me endireitar sem deixar ela cair.

— Você está agindo como uma espertalhona agora, — advirto.

— Oh não, o que vai fazer? Espancar-me? — Brinca. Seus dedos encontram minhas bolas. Meus olhos se cruzam e minha respiração pára. Conhece meu corpo tão bem, mas, em seguida, novamente, conheço o dela também. Sei que adora quando bato sua bunda até que esteja vermelho cereja. Sei que adora quando estou lá em baixo enquanto seu rosto está plantado em um travesseiro. Sei que gosta de seu clitóris sugado, seu ponto G acariciado, o pescoço mordido e seu rabo comido. Sei que gosta de seu café preto e seus sundaes com chantilly extra, sem cerejas, por favor, porque são nojentas. E conhecê-la é amá-la. Não posso imaginar minha vida sem ela. Era um

pau antes de conhecer Mallory porque não sabia o que era amor. Agora sei.

Deixo-a na cama, tirando meu moletom e puxando minha camisa. Ela rapidamente lança suas próprias roupas e estou dentro dela antes que possa tomar outra respiração.

— Pensei que estava ficando com o rabo vermelho, — brinca, sem fôlego.

— Sou um atleta, baby. Posso ter mais de uma volta. — Retiro e enfio duro, a enviando a deslizar em todo o colchão.

Ela geme e cava suas unhas em minhas coxas.

— É melhor fazê-lo rápido. O cochilo da mãe não vai durar.

— Sim, senhora. — Posso já sentir o orgasmo. Não demora muito tempo com ela. Só tenho de olhar para ela e fico duro. Uma vez que estou dentro dela, o controle voa para fora da janela. Chego entre nós e belisco seu pequeno clitóris. — Você primeiro, no entanto. — Sempre vem em primeiro lugar. A acaricio muito e bem, deleitando-me na forma como a luva quente aperta cada polegada de mim. Ela fica mais molhada com cada passagem. Suas unhas cavam mais e a respiração torna-se mais curta. Levanto as duas pernas e dobro-as de volta para que possa bater seu buraco da

buceta suculenta com todo o poder e velocidade que precisa para vir.

Ela joga a cabeça para trás e grita seu prazer. Ao som de seu grito de libertação, corto as cordas do meu próprio auto-controle e despejo a minha semente dentro dela. Desta vez, vamos fazer um bebê.

Deixo as pernas cairem em ambos os lados de mim e cuidadosamente deito ao lado dela para que meu pau continue abrigado em sua boceta quente.

— Obrigado por esperar, — sussurra enquanto escova meu cabelo suado da minha testa.

— Não foi uma tarefa árdua. Tive você só para mim. Talvez não queira dividir você com algum moleque com meleca no nariz, — gracejo.

Ela ignora o meu sarcasmo e aconchega perto o suficiente para pressionar um beijo contra o meu pescoço.

— Sei que queria uma criança de imediato, mesmo quando estava jogando bola na faculdade, mas fazia sentido esperar e, em seguida, lá estava a minha mãe, mas agora está tudo resolvido. É hora de ter uma família.

Meu coração bate loucamente. Ela não está errada. Como a conheço, ela me conhece também. Mas não quero pressioná-la por isso digo com cuidado,

— Quero que você queira também.

— Quero ter um bebê.

Meu pau endurece instantaneamente.

— Quanto tempo disse que sua mãe demorava?

Um sorriso cobre os lábios de Mallory.

— Você tem vinte minutos.

— Posso fazer uma dúzia de bebês nesse tempo. Prepare-se para me montar. — Viro de costas, puxando-a comigo. — Suba no meu pau e faça um bebê.

— E a minha palmada? — Faz beicinho.

Bato sua bunda dura. Ela grita.

— OK! OK!

Meu riso se transforma em um gemido de prazer quando sua buceta me engole mais uma vez. Assim é a vida com Mallory, no

entanto, uma parte de riso, uma parte de prazer, e cem partes de amor.

